



PATRONOS

da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P342 Patronos da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina
/ organização Paulo Roberto Prates. – 1. ed. – Porto Alegre
[RS]: AGE, 2022.
208 p. ; 16x23 cm.

ISBN 978-65-5863-122-4
ISBN E-BOOK 978-65-5863-123-1

1. Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina – História.
2. Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina – Biografia. I.
Prates, Paulo Roberto.

22-77483

CDD: 610.98165
CDU: 001.32:610(816.5)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439



Acadêmico Paulo Roberto Prates
(org.)

PATRONOS

da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina

1822-2022 Bicentenário da Independência

EDITORA

AGE

PORTO ALEGRE, 2022

© Paulo Roberto Prates (org.), 2022

Capa:

GUILHERME BOURSCHEIDT

Diagramação:

JÚLIA SEIXAS

Supervisão editorial:

PAULO FLÁVIO LEDUR

Editoração eletrônica:

LEDUR SERVIÇOS EDITORIAIS LTDA.

Reservados todos os direitos de publicação à

LEDUR SERVIÇOS EDITORIAIS LTDA.

editoraage@editoraage.com.br

Rua Valparaíso, 285 – Bairro Jardim Botânico

90690-300 – Porto Alegre, RS, Brasil

Fone: (51) 3223-9385 | Whats: (51) 99151-0311

vendas@editoraage.com.br

www.editoraage.com.br

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SUMÁRIO

Prefácio	9
<i>Carlos Antonio Mascia Gottschall</i>	
Mensagem.....	13
<i>Luiz Lavinsky</i>	
Diretoria Memória da Medicina Sul-Rio-Grandense	15
<i>Paulo R. Prates</i>	
Gestão 2021-2022.....	17
Patronos, fundadores e titulares da ASRM.....	19
CADEIRA NÚMERO 1 – Alfeu Bicca de Medeiros	23
CADEIRA NÚMERO 2 – Álvaro Barcellos Ferreira	25
CADEIRA NÚMERO 3 – Antônio Alves de Paula Azambuja	27
CADEIRA NÚMERO 4 – Antônio Saint-Pastous de Freitas.....	28
CADEIRA NÚMERO 5 – Astrogildo César de Azevedo.....	30
CADEIRA NÚMERO 6 – Augusto Duprat.....	34
CADEIRA NÚMERO 7 – Aureliano de Figueiredo Pinto	36
CADEIRA NÚMERO 8 – Aurélio de Lima Py.....	39
CADEIRA NÚMERO 9 – Bruno Attilio Marsiaj	43
CADEIRA NÚMERO 10 – Carlos Candal dos Santos	45
CADEIRA NÚMERO 11 – Carlos Niederauer Hofmeister	47
CADEIRA NÚMERO 12 – Carlos Wallau	49
CADEIRA NÚMERO 13 – Celestino de Moura Prunes.....	52
CADEIRA NÚMERO 14 – Celso Machado Aquino	53

CADEIRA NÚMERO 15 – César Augusto da Costa Ávila	56
CADEIRA NÚMERO 16 – Clóvis Bopp.....	58
CADEIRA NÚMERO 17 – Darcy Candiota Xavier	62
CADEIRA NÚMERO 18 – Décio de Almeida Martins Costa.....	64
CADEIRA NÚMERO 19 – Dyonélio Tubino Machado.....	68
CADEIRA NÚMERO 20 – Edmundo Berchon des Essarts.....	71
CADEIRA NÚMERO 21 – Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca	76
CADEIRA NÚMERO 22 – Elyseu Paglioli	79
CADEIRA NÚMERO 23 – Estela Budianski	82
CADEIRA NUMERO 24 – Flávio Kroeff Pires	83
CADEIRA NÚMERO 25 – Francisco de Castilhos Marques Pereira ...	89
CADEIRA NÚMERO 26 – Franklin Olivé Leite	93
CADEIRA NÚMERO 27 – Frederico Ritter	96
CADEIRA NÚMERO 28 – Gabino Prates da Fonseca	100
CADEIRA NÚMERO 29 – Heitor Annes Dias.....	103
CADEIRA NÚMERO 30 – Homero Fleck	105
CADEIRA NÚMERO 31 – Hildebrando Westphalen.....	108
CADEIRA NÚMERO 32 – Hugolino Leal de Andrade.....	111
CADEIRA NÚMERO 33 – Ivo Corrêa Meyer	113
CADEIRA NÚMERO 34 – Jacintho Godoy Gomes	115
CADEIRA NÚMERO 35 – Jacy Carneiro Monteiro	120
CADEIRA NÚMERO 36 – Jandyr Maya Faillace.....	123
CADEIRA NÚMERO 37 – João Carlos Gomes da Silveira	126
CADEIRA NÚMERO 38 – João Guilherme Valentim	130
CADEIRA NÚMERO 39 – João Lisbôa de Azevedo	132

CADEIRA NÚMERO 40 – José Fernando Domingues Carneiro	135
CADEIRA NÚMERO 41 – José Luiz Tavares Flores Soares.....	139
CADEIRA NÚMERO 42 – José Mariano da Rocha.....	143
CADEIRA NÚMERO 43 – Luiz Francisco Guerra Blessmann	145
CADEIRA NÚMERO 44 – Luiz Soares Sarmiento Barata.....	149
CADEIRA NÚMERO 45 – Manuel José Pereira Filho	155
CADEIRA NÚMERO 46 – Maria Clara Mariano da Rocha.....	159
CADEIRA NÚMERO 47 – Mário Alvarez Martins.....	162
CADEIRA NÚMERO 48 – Mário do Amaral Araújo.....	165
CADEIRA NÚMERO 49 – Mário Ribeiro Totta.....	168
CADEIRA NÚMERO 50 – Martim Gomes.....	172
CADEIRA NÚMERO 51 – Maurício Seligman	178
CADEIRA NÚMERO 52 – Moysés Alves de Menezes	180
CADEIRA NÚMERO 53 – Octávio de Souza.....	182
CADEIRA NÚMERO 54 – Olympio Olinto de Oliveira	184
CADEIRA NÚMERO 55 – Paulo de Queiroz Telles Tibiriçá	188
CADEIRA NÚMERO 56 – Paulo Luis Vianna Guedes.....	190
CADEIRA NÚMERO 57 – Protásio Alves	194
CADEIRA NÚMERO 58 – Raul Moreira da Silva	197
CADEIRA NÚMERO 59 – Raul Pilla.....	199
CADEIRA NÚMERO 60 – Thomaz Larangeira Mariante.....	205

PREFÁCIO

Fundada em 19 de maio de 1990 e registrada no Cartório de Registro Especial de Porto Alegre em 19 de abril de 1991, a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM) é uma sociedade civil com finalidade científica, reconhecida de utilidade pública e sem fins lucrativos.

A ASRM tem por Missão estimular o progresso da Medicina, promover a Ética Médica, cultuar a História da Medicina, cultivar e honrar a memória, as tradições e organizar um acervo sobre História da Medicina no Rio Grande do Sul e no Brasil, e exaltar a Excelência Médica no nosso Estado, inspirada nos modelos de seus sessenta Patronos.

É composta por sessenta membros Titulares eleitos vitaliciamente por seus pares, com pelo menos quinze anos de formados em Medicina, ocupando sessenta cadeiras, cada uma tendo como Patrono um vulto ilustre da Medicina do Rio Grande do Sul, falecido antes da fundação da Academia. Além dos membros Titulares, o estatuto prevê um número variável de Eméritos, Honorários, nacionais e estrangeiros, e Correspondentes, nacionais e estrangeiros.

Uma Academia de Medicina é insubstituível em muitas de suas atribuições. Sua maior força provém do paradoxo de estar desvinculada de condutas primariamente políticas, reivindicatórias ou corporativas, funções reguladoras ou normativas, representando forma de associação que deriva do reconhecimento de um modelo de comportamento comprometido com a excelência e com os valores humanos da profissão médica. Sua força provém, enfim, de uma isenção que a coloca como defensora da sociedade médica e da sociedade laica, baseada somente no culto de valores e méritos. Pela sua própria natureza, as Academias devem ser ponderadas, discretas mas firmes, não

cedendo à apologia fácil, mas buscando o justo meio entre o avanço científico e a humanização da Medicina.

Pela veteranaria de seus membros e ausência de ambições políticas, a ASRM constitui-se numa entidade criada e formada tendo por base o reconhecimento de modelos baseados em méritos. Não podemos esquecer que uma das principais metas desta Academia é a valorização do exemplo de vida dos nossos sessenta ilustres Patronos como modelos, e por extensão de todos os médicos que exerceram ou exercem a profissão no nosso Estado. Ser médico é amplo demais para acolher um único tipo de ação. Extremos de nobreza, abnegação e realização podem ser alcançados pelo generalista, pelo especialista, pelo professor, pelo pesquisador, pelo sanitarista. Cada um a seu modo pode atingir a excelência em ações que alcançam cada vez mais longe.

Em boa hora a ASRM resolveu editar este volume sobre seus sessenta Patronos, homens e mulheres cujos exemplos são dignificantes. O desejo de reconhecimento que embasa a origem das Academias não tornou fácil escolher sessenta Patronos dentre a plêiade de grandes médicos que têm por origem esta terra. Cada um dos Patronos foi escolhido por um membro fundador da ASRM, exaltado não só pelo mérito científico e profissional de suas realizações e de suas ações, mas principalmente pela aura de humanismo e probidade com que exerceram a nobre missão de ser Médico.

A palavra *patrono* significa defensor, padroeiro, senhor, alguém escolhido para apontar caminhos e condutas, um exemplo marcante. Algo notável é que as escolhas aconteceram depois do falecimento do homenageado, portanto este nada poderia fornecer além do exemplo pelo que representou. Os Patronos são diferentes em suas características individuais, mas muito semelhantes no praticar as ações que têm dignificado a ASRM. Se formos ao âmago das escolhas, constataremos que, oriundos das mais diversas atividades médicas, têm em comum: amor à causa, dedicação, inteligência, cultura e ética.

Representam uma época dentro da eternidade, mas a base que repousa na admiração que conquistaram não se esgota no tempo, porque busca aperfeiçoar conhecimento e fazer o bem. Observando

os critérios consensuais que a Academia considera missão preservar, vamos observá-los em cada um de nossos Patronos, num estímulo espelhado no valor encontrado nesses verdadeiros médicos. Nunca alugaram a mídia, nunca bajularam político, nunca atropelaram colega.

Consideremos os desafios enfrentados e equacionados:

A Medicina distingue-se das demais profissões por ser emergente da parte solidária da índole humana, enquanto em quase todas as outras atividades – mesmo exercidas com ética –, o homem projeta seu lado concentrador e egoísta. Tendo a Medicina surgido com o homem, é mais antiga que o advento da filosofia e da ciência. Com características tão particulares e representando o enorme poder de mudar o curso da vida, é também a mais antiga profissão regulamentada, estando isso evidente em antigos documentos históricos e principalmente num dos maiores monumentos morais da humanidade, o Código de Ética Médica Hipocrático (500 a.C.). Exercer a Medicina com dignidade é o maior predicado médico.

Como indispensável patrimônio da humanidade, a Medicina não deve ser politizada; precisa ser gerida por médicos – os entendedores de seus meandros –, necessita ser confiável aos pacientes, acessível e disponível aos necessitados, ter uma atuação científica clara e humana. O médico, mais do que profissional, cientista ou detentor da arte de curar, deve ser um agente de transformação moral da sociedade, requer segurança e liberdade para exercer sua profissão, a mais bela das profissões, porque trata do maior bem, a vida. Credibilidade se conquista mais com postura e com ações que com palavras, pois nada do que é dito pode remover o que é feito. Assim, a Academia, pela imagem dos Patronos e dos seus membros, deve subsidiar a necessária credibilidade. Praticar esses princípios é ser Médico.

No mundo da Medicina, é necessário serem garantidos a liberdade e o direito de exercê-la dignamente, defender a classe médica contra ataques e incompreensões externas, unir a força representativa dos médicos, eventualmente coibir e punir os maus profissionais, premiar e apontar como modelos os mais distinguidos. Essas ações exigem honestidade, união e coragem.

Embora as entidades médicas, Sindicato, Associação, Conselho Regional e Academia se confundam quando os objetivos são a valorização e a defesa da profissão médica, o Sindicato se ocupa mais com questões trabalhistas e classistas, a Associação mais com a representação e união profissional, o Conselho mais com problemas éticos e de fiscalização profissional, a Academia mais com a premiação, o reconhecimento de modelos e a preservação de nossa memória médica, exercendo por vezes uma função aconselhadora e educadora. Assim agir une a classe médica e aponta rumos a seguir.

As figuras dos Patronos sempre inspiraram as ações descritas acima. História é muito menos belas recordações pitorescas e muito mais ensinamentos duradouros. Os princípios citados, e outros, exercidos com a perenidade da firmeza e da ternura, foram legados por nossos Patronos, para que continuemos a honrá-los e a manter esse ideário como um baluarte das virtudes médicas onde quer que estejamos. Que o exemplo sempre vivo dessas figuras continue influenciando nossa ação assistencial, educacional e científica no sentido de melhorar a vida das pessoas. Essa riqueza é muito maior que a fama e a fortuna.



Acadêmico Professor

Carlos Antonio Mascia Gottschall

Ex-Presidente da ASRM

MENSAGEM

As academias tiveram início há aproximadamente 2.400 anos, quando Platão criou, em Atenas, uma espécie de ensino pós-graduado, cujo nome *akadémia* se generalizou para denominar sociedades de sábios, filósofos, cientistas, poetas e artistas, e médicos.

Na Medicina, as academias exercem papel fundamental no desenvolvimento, na valorização científica e na ética da profissão médica.

A Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (ASRM), que completou 30 anos em 19 de maio de 2020, tem como obrigações estatutárias contribuir para o desenvolvimento e o progresso da Medicina; colaborar com autoridades em assuntos relacionados com saúde e problemas correlatos, apresentando sugestões e solicitando providências; manter intercâmbio com entidades afins; cultivar a memória e as tradições da Medicina, entre outras.

Cumprir com esses deveres, com o pequeno grupo de participantes que compõem a ASRM, seria utópico, caso não fosse a equipe pujante, capaz, com cérebros privilegiados, e aptidões diversificadas, que se completam, ocupando sete cargos administrativos, dez diretorias e um Conselho de ex-Presidentes.

Nesta gestão, procuramos gerar metas ambiciosas e inovadoras, seguindo o que afirmou Alexander Graham Bell: “Não ande apenas pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde os outros já foram”.

O compromisso estatutário de cultivar a memória e as tradições da Medicina nos levou à criação, na entidade, da Diretoria da Memória da ASRM. Para coordenar essa diretoria, convidamos o acadêmico titular Prof. Paulo Prates, uma pessoa comprometida com a Academia, pró-ativa e muito capaz, como bem demonstra esta produção.

A história da Academia já tinha fontes de consulta nos quatro livros editados com esse fim e na recente publicação comemorativa editada por ocasião do aniversário dos 30 anos. Entretanto, o acadêmico Paulo Prates avaliou várias alternativas de contribuir com a memória da

Academia – e da Medicina – e teve a feliz ideia de editar um livro com o memorial da vida pessoal e profissional dos 60 patronos da ASRM.

Esta obra tem como objetivo homenagear esses verdadeiros ícones da Medicina gaúcha e de legar às gerações mais jovens modelos de médicos, identificados por seu profissionalismo e admirados por sua trajetória ética.

Felicito o acadêmico Paulo Prates e os colaboradores desta obra, os acadêmicos Aloyzio Cechella Achutti, Carlos Antonio Mascia Gottschall, Germano Mostardeiro Bonow e Waldomiro Carlos Manfroi, por este legado imprescindível.

É oportuno lembrar, ainda, que iniciamos, de forma sistemática e sintonizada com as comunicações contemporâneas, a gravação no YouTube das atividades científicas e operacionais, resultando em valioso acervo, que serve de fonte para consultas internas dos acadêmicos, bem como externas, com acesso permanente em nosso *site*.

Agradeço aos membros da Diretoria, Titulares, Eméritos, Correspondentes, Honorários e novos talentos, pelas contribuições científicas, pelo ambiente harmonioso que vivemos e pelo forte vínculo com a ASRM.

Finalizo afirmando que a ASRM segue uma curva ascendente na sucessão de diferentes Diretorias. Esta gestão administrativa ambiciona contribuir para que se fortaleça, no íntimo da classe médica, o sentimento de que “pertencer à ASRM é pertencer à história da Medicina do Rio Grande do Sul”.



Acadêmico Professor

Luiz Lavinsky

Presidente da ASRM 2021/22

DIRETORIA MEMÓRIA DA MEDICINA SUL-RIO-GRANDENSE

Os fundadores da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina foram muito felizes na escolha dos Patronos das Cadeiras da nova Academia. São nomes que deixaram marcas indeléveis na Medicina, tanto do nosso Estado como do nosso País. Muitos desses nomes são conhecidos por serem nomes de avenidas ou ruas ou por terem bustos em algumas praças. Os médicos mais jovens, na sua maioria, não sabem por que foram escolhidos como Patronos nem mesmo quais as suas contribuições no desenvolvimento e aperfeiçoamento da nossa profissão, e muitos dos nossos atuais acadêmicos provavelmente só conhecem a história do Patrono de sua cadeira. O objetivo deste compêndio era reduzir as biografias já escritas, conservando os aspectos importantes da vida do homenageado, particularmente na Medicina. As biografias que aparecem no *site* da Academia ou foram escritas pelos fundadores das respectivas cadeiras ou por um membro titular que quando citado é conservado na biografia atual. É importante destacar o papel importante dos acadêmicos Aloyzio Achutti, Blau Fabrício de Souza, Waldomiro Manfroi e Carlos Antonio Mascia Gottschall nestas biografias. Um agradecimento especial ao acadêmico Germano Mostardeiro Bonow pelas sugestões e pela edição da capa.



Acadêmico
Paulo R. Prates

GESTÃO 2021-2022

<i>Presidente</i>	Luiz Lavinsky
<i>1º Vice-Presidente</i>	Valter Duro Garcia
<i>2º Vice-Presidente</i>	Luiz Roberto Stigler Marczyk
<i>Tesoureiro</i>	Cleber Dario Pinto Krueh
<i>1º Secretário</i>	Jorge Milton Neumann
<i>1ª Secretária</i>	Beatriz Bohrer do Amaral
<i>Orador</i>	Waldomiro Carlos Manfroi

DIRETORIA SETORIAL:

<i>Atividades Científicas e Cursos</i>	Sérgio de Paula Ramos
<i>Novos Talentos</i>	Rogério Sarmiento Leite
<i>Cultural</i>	Miriam da Costa Oliveira
<i>Interinstitucional</i>	Germano Mostardeiro Bonow
<i>Comunicação</i>	Paulo Silva Belmonte de Abreu
<i>Polos Regionais ASRM</i>	Rogério Gastal Xavier
<i>Campanhas</i>	Luiz Carlos Corrêa da Silva
<i>Ciência e Tecnologia</i>	Roberto Giugliani
<i>Publicações</i>	Darcy Ribeiro Pinto Filho
<i>Memória da Medicina Sul-Rio-Grandense</i>	Paulo Roberto Prates

PATRONOS, FUNDADORES E TITULARES DA ASRM

CAD.	PATRONO	FUNDADOR	1º TITULAR	2º TITULAR
1	Alfeu Bicca de Medeiros	Fernando Pombo Dornelles	Fernando Antonio Lucchese	
2	Álvoro Barcellos Ferreira	Joel Felipe Sperb de Barcellos		
3	Antônio Alves de Paula Azambuja	Domingos Otávio Lorenzoni d'Avila		
4	Antônio Saint Pastous de Freitas	Darcy de Oliveira Ilha	Carlos Henrique Menke	
5	Astrogildo César de Azevedo	Alberto Thomaz Londero	Lúcio Bakos	
6	Augusto Duprat	Laviera Bessouat Laurino	Luiz Roberto Stigler Marczyk	
7	Aureliano de Figueiredo Pinto	Nilson Luiz May		
8	Aurélio de Lima Py	Airton Jorge Varela	Ivo Abrahão Nesralla	
9	Bruno Atílio Marsiaj	Fernando Carneiro Becker	Paulo Sérgio Crusius	
10	Carlos Candal dos Santos	Roberto Medaglia Marroni	Sergio Roberto Hauszen	
11	Carlos Niederauer Hofmeister	Rudah Jorge	Antônio Nocchi Kalil	
12	Carlos wallau	Carlos Huberto Wallau	Waldir Veiga Pereira	
13	Celestino de Moura Prunes	Pedro Luiz Costa	Ronald Bossemeyer	Heitor Hentschel
14	Celso Machado de Aquino	João Baptista Fernandes	Valter Duro Garcia	
15	César Augusto da Costa ávila	Ivo Adolpho Kuhl	Luiz Lavinsky	

CAD.	PATRONO	FUNDADOR	1º TITULAR	2º TITULAR
16	Clóvis Bopp	João Polanczyk	Jefferson Pedro Piva	
17	Darcy Candiota Xavier	Amílcar Goyheneix Gigante	Nilton Brandão da Silva	
18	Décio de Almeida Martins Costa	Raul Gastão Seibel	Algemir Lunardi Brunetto	
19	Dyonélio Tubino Machado	César Amaury Ribeiro da Costa	Flávio Pereira Kapczinski	
20	Edmundo Berchon Des Essarts	Luis Mário Moraes Gonçalves	Maria Helena Itaquí Lopes	
21	Eduardo Sarmento Leite da Fonseca	Walter Ghezzi	Luiz Rohde	Rogério E. G. Sarmento Leite
22	Elyseu Paglioli	Nelson Pires Ferreira		
23	Estela Budianski	César Gomes Victora	Beatriz Bohrer do Amaral	
24	Flávio Kroeff Pires	Eugênio Mentz	Télmo Pedro Bonamigo	Renato Karam Kalil
25	Francisco Marques Pereira	João Pedro Escobar Marques Pereira	Roberto Giugliani	
26	Franklin Olivé Leite	Gerda Horn Caleffi	Themis Reverbel da Silveira	
27	Frederico Ritter	Mário Ferreira Coutinho	Ítalo Mundialino Marcon	
28	Gabino Prates da Fonseca	Bento Villamil Gonçalves	Jaderson Costa da Costa	
29	Heitor Annes Dias	Jorge Escobar Pereira Lima	Gilberto Schwartzmann	
30	Homero Fleck	Carlos Ary Vargas Souto	Carlos Roberto Schwartzmann	
31	Hildebrando Westphalen	Jorge Molz Westphalen	Aloyzio Cechella Achutti	Paulo Dornelles Picon

CAD.	PATRONO	FUNDADOR	1º TITULAR	2º TITULAR
32	Hugolino Leal de Andrade	Carlos Osório Lopes	Lígia Maria Barbosa Coutinho	Sirlei dos Santos Costa
33	Ivo Correa Meyer	José Carlos da Costa Gama	Luiz Carlos Corrêa da Silva	
34	Jacinto Godoy Gomes	Ellis Alindo D'Arrigo Busnello	Sérgio de Paula Ramos	
35	Jacy Carneiro Monteiro	Telmo Kruse	Gilberto Venossi Barbosa	
36	Jandir Maia Faillace	Newton Neves da Silva	João Carlos Prolla	Cleber Dario Pinto KrueI
37	João Carlos Gomes da Silveira	Gustavo Py Gomes da Silveira	Ana Maria Baptista Menezes	
38	João Guilherme Valentim	Ivo Schiavo Drago	Carlos Antônio Mascia Gottschall	
39	João Lisboa de Azevedo	Franklin Veríssimo	José de Jesus Peixoto Camargo	
40	José Fernando Domingues Carneiro	Nelson da Silva Porto	Geraldo Resin Geyer	
41	José Luiz Tavares Flores Soares	César Dúlio Varejão Bernardi	Jacó Lavinsky	
42	José Mariano da Rocha	José Mariano da Rocha Filho	Blau Fabrício de Souza	
43	Luiz Francisco Guerra Blessmann	Arthur Mickelberg	Cláudio Telöken	
44	Luiz Soares Sarmento Barata	Henrique Sarmento Barata	Santo Pascual Vítola	
45	Manuel José Pereira Filho	José Carvalho Belardinelli	Luiz Augusto Pereira	

CAD.	PATRONO	FUNDADOR	1º TITULAR	2º TITULAR
46	Maria Clara Mariano da Rocha	Antonio Spolidoro	Moacyr Saffer	
47	Mário Alvarez Martins	Cyro dos Santos Martins	Rubem Rodrigues	Paulo Roberto Prates
48	Mário do Amaral Araujo	José do Amaral Braga Filho	Paulo Crespo Ribeiro	Jorge Milton Neumann
49	Mário Ribeiro Totta	Mário Brum Braga	José da Silva Moreira	
50	Martin Gomes	Gilberto Tubino da Silva		
51	Maurício Seligman	Carlos Grossman	Roberto Ceratti Manfro	
52	Moyisés Alves de Menezes	Naum Keiserman	Miriam da Costa Oliveira	
53	Octávio de Souza	Heitor Cirne Lima	Jorge Luiz Gross	Paulo Silva Belmonte de Abreu
54	Olympio Olinto de Oliveira	Mário Rigatto	Jorge Lima Hetzel	
55	Paulo de Queiroz Telles Tibirica	Bruno Wayhs	Rogério Gastal Xavier	
56	Paulo Luiz Vianna Guedes	Manuel A. P. Pinheiro de Albuquerque	José Geraldo Vernet Taborda	Darcy Ribeiro Pinto Filho
57	Protásio Alves	Edson Luzardo de Almeida	Cláudio Augusto Marroni	
58	Raul Moreira da Silva	Gabino Peixoto de Miranda	Waldomiro Carlos Manfro	
59	Raul Pilla	Ubirajara Indio Carvalho da Motta	Luiz Fernando Job Jobim	
60	Thomaz Larangeira Marianne	Rubens Mário Garcia Maciel	Bruno Carlos Palombini	Germano Mostardeiro Bonow



Alfeu Bicca de Medeiros

Nasceu em Alegrete no dia dez de outubro de 1880. Aos dezessete anos foi para Salvador, Bahia, para cursar Medicina. No primeiro ano do curso, Salvador foi tomada por epidemia de febre amarela e as aulas foram suspensas. Não querendo perder tempo, Alfeu cursou um ano de Farmácia em Ouro Preto. Mas logo voltou à Medicina, formando-se na Faculdade da Bahia em 1903, e retornou para exercer a profissão em sua cidade natal. O ingresso nas Forças Armadas facilitou-lhe a formação e chegou em Alegrete como médico militar.

O momento era muito especial no Rio Grande do Sul, pois os médicos com formação regular tinham os mesmos direitos e prerrogativas que os leigos de diferentes graus de conhecimento e livres para exercer a Medicina desde que se registrassem como médicos e pagassem as devidas taxas. Não havia exigência de diploma ou de outros documentos comprobatórios de aptidão para o exercício profissional. Ao contrário dos outros Estados, a Constituição Castilhistas, em nome da liberdade no exercício das profissões, beneficiava charlatões e aproveitadores das mais diversas procedências. Liderou, junto com a Sociedade de Medicina de Porto Alegre, os esforços para realizar o Primeiro Congresso Médico Rio-Grandense, em 1915, para tratar da liberdade profissional e de outros assuntos. O governo inviabilizou o encontro ao proibir que médicos funcionários do Estado dele participassem. Não saiu o congresso, mas o relatório foi divulgado em 1916.

Em 1919 interrompeu suas atividades em Alegrete e foi para a Europa como integrante da Missão Médica Brasileira logo após a Pri-

meira Grande Guerra. O conflito havia terminado e o doutor Alfeu resolveu tirar o máximo proveito científico da sua estada na Europa. Permaneceu em Paris por algum tempo, comparecendo diariamente aos melhores serviços de cirurgia da época.

Ao voltar, estabeleceu-se em Porto Alegre, onde praticou e ensinou cirurgia. Era dos primeiros a chegar pela manhã na enfermaria e providenciava registro de presença para os inúmeros médicos que buscavam aperfeiçoamento na famosa 10ª Enfermaria da Santa Casa, que ele chefiou por muitos anos.

Sem ligação direta com a Faculdade de Medicina, caracterizou o ensino da cirurgia como atividade extracurricular e sedutora, de aprendizado diário, independente de estrutura universitária. Transformou a 10ª Enfermaria da Santa Casa num grande centro formador de cirurgiões.

Faleceu em Porto Alegre em julho de 1961.



Álvaro Barcellos Ferreira

O Professor Álvaro Barcellos Ferreira nasceu no dia 25 de setembro de 1906 em Porto Alegre, filho de Luiz e Julieta Barcellos Ferreira. Pertencia a uma família numerosa, tendo tido dez irmãos.

Após estudar no Colégio Anchieta, onde fez o curso secundário, cursou a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, diplomando-se em 1927. Nesse mesmo ano, conquistou o título de Doutor em Medicina.

Conquistou todos os títulos universitários:

- Docente-Livre, por concurso, de Clínica de Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1933.
- Professor Catedrático, por concurso, da Clínica de Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1934, com 28 anos de idade.
- Docente-Livre, por concurso, de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina.
- Professor Catedrático, por concurso, da 2ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, a partir de 1945.
- Diretor da Faculdade de Medicina da UFRGS a partir de 1964.

Participou de inúmeros congressos, jornadas e simpósios, na qualidade de orador, convidado especial e expositor. Publicou mais de 40 trabalhos em revistas nacionais e estrangeiras, realizou 65 conferências dentro e fora do país, fez parte de bancas examinadoras de caráter universitário em vários Estados do Brasil.

Foi por duas vezes escolhido para paraninfar turmas médicas, a primeira vez em 1954 e a segunda em 1960, tendo sido, além disso, por seis vezes professor homenageado.

Por diversas vezes, foi eleito presidente da Sociedade de Medicina de Porto Alegre e do Sindicato Médico de Porto Alegre.

Suas atividades estiveram sempre ligadas à Santa Casa de Misericórdia, onde exerceu os cargos de Diretor da 21ª Enfermaria e, posteriormente, da Enfermaria 37, sendo eleito membro da Irmandade pelos relevantes serviços prestados.

Foi agraciado com a medalha comemorativa do Centenário do Nascimento do Barão de Rio Branco, com a medalha Mal. Caetano de Farias e com a medalha Mal. Hermes da Fonseca.

Esses são os dados frios de um currículo que ficou incompleto. Quem foi, afinal, Álvaro Barcellos Ferreira?

Médico, profundo conhecedor do corpo e da alma humanos, dedicava aos seus pacientes todo o seu conhecimento e o seu afeto, tornando-se para eles apoio constante e transformando pacientes em amigos.

Professor e orador emérito, conseguia dar as suas conferências, palestras e aulas uma clareza lógica e um brilho invulgares. Talvez os versos de Dolores Duran nunca tenham tido tanta beleza e tanta força como na ocasião em que foram recitados por sua voz forte e sonora, quando paraninfava a turma de 1960 da Faculdade de Medicina.

Figura humana notável, tratava a todos, independente de cor, classe ou posição social, com a mesma consideração e respeito, sempre afável e cavalheiro. Manteve sempre a simplicidade que caracteriza os grandes homens e as grandes almas, aqueles que com seu grande conhecimento têm consciência também da limitação do saber humano.

O professor Álvaro Barcellos Ferreira faleceu em Porto Alegre no dia 15 de novembro de 1985. Foi um homem que muito amou e que soube fazer-se admirar, respeitar, querer e amar.



Antônio Alves de Paula Azambuja

Nascido em 12 de abril de 1914, em Porto Alegre, Antônio Alves de Paula Azambuja era filho de Marcos Azambuja e de Francisca de Paula Azambuja. Casou-se com Alsina Franco Azambuja, com quem teve três filhos: Maria Lúcia, Fernando Antônio e Paulo Roberto.

Realizou seu curso secundário no Colégio Anchieta e cursou a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo se formado no ano de 1937.

Foi Professor Assistente da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica inicialmente, passando posteriormente a Docente-Livre da mesma instituição e também chefe do Setor de Nefrologia da Santa Casa de Porto Alegre. Em 1964, assumiu como Professor Titular da disciplina de Nefrologia da então Faculdade Católica de Porto Alegre. Em 1965, foi paraninfo da turma de formandos.

De 1974 a 1978, exerceu o cargo de Diretor dessa Faculdade, já denominada como Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA).

Na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, foi “Irmão” desde 1943 e “Irmão Benemérito” a partir de setembro de 1972, tendo sido suplente de Vice-Provedor e Provedor no ano de 1967.

Teve suas atividades médicas concentradas na Enfermaria 29, Enfermaria de Clínica Geral, Cardiologia, Pneumologia e Nefrologia. Inicialmente o Serviço era chefiado pelo Prof. Rubens Maciel e, mais tarde, pelo Prof. Azambuja.

Faleceu em 17 de novembro de 1981.



Antônio Saint-Pastous de Freitas

Antônio Saint-Pastous de Freitas nasceu em Alegrete a 11 de fevereiro de 1892 e faleceu em Porto Alegre a 28 de setembro de 1976.

Formou-se na Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, onde colou grau e defendeu tese de doutoramento em 20 de março de 1915.

Foi Catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de Porto Alegre, Diretor do Serviço de Câncer do Rio Grande do Sul e Reitor da UFRGS. Especializou-se em Clínica Médica, Radiologia e Cancerologia em 1916 e 1918 em Montevídeu; em 1920 e 1921 em Paris, Berlim, Viena e Munique.

Em 1922 passou a exercer a Medicina em Alegrete, onde fundou o Instituto de Radiologia Clínica, até 1927. Em 1928 vem exercer a Medicina em Porto Alegre, para onde também transfere o Instituto de Radiologia Clínica.

Participa das Revoluções de 1923 e 1930, nesta última como tenente-coronel e Chefe do Serviço Médico. Em abril de 1930, passa a exercer como Professor Contratado o ensino na cátedra de Radiologia Clínica, criada pelo Prof. Sarmiento Leite, a qual foi inaugurada em 16 de abril de 1930, sendo a primeira aula em 19 de abril de 1930. Exerceu esta atividade de 1930 a 1932.

De 21 de junho de 1935 a 28 de junho de 1935 presta concurso para Professor Catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, para a qual é nomeado em 14 de agosto de 1935 e toma posse e exercício no cargo em 10 de setembro de 1935.

Em 18 de abril de 1938 inicia o exercício de Diretor da Faculdade de Medicina; de 23 de setembro de 1943 a 15 de junho de 1944 exerce o cargo de Reitor da Universidade de Porto Alegre.

Em 1931 publicou a *Revista de Radiologia Clínica*. Em 1932 orientou várias teses de doutoramento, algumas sobre assuntos pioneiros – Aortografia Abdominal (tese do Dr. Paulo A. Osório); Estudo anatomorradiológico das artérias cerebrais (tese do Dr. Elias José Kanan); em 1934, Arteriografia dos membros (tese do Dr. Albio Petrucci). Em 1939, “Officier de La Academie de France”. Em 14 de abril de 1943, Irmão da Santa Casa de Misericórdia; em 12 de abril de 1951, Irmão Benemérito da Santa Casa; em 29 de março de 1974, Irmão Grande Benemérito da Santa Casa.

Faleceu em Porto Alegre em 28 de setembro de 1976.



Astrogildo César de Azevedo

Astrogildo César de Azevedo nasceu em Porto Alegre em 30 de janeiro de 1867. Seus pais foram Felicíssimo Manoel de Azevedo e Maria Leocadia de Azevedo. Concluiu os “preparatórios” no Instituto Brasileiro, de Apolinário Porto Alegre.

Em 1894, casou-se com Aura Pinto de Azevedo, com a qual teve quatro filhos.

Corria o ano 1884 quando o jovem Astrogildo César de Azevedo ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tinha apenas 17 anos de idade. Diplomou-se em 24 de dezembro de 1889, dez dias após ter defendido a tese intitulada “Estudo Clínico da Afasia”.

Retornou ao Rio Grande do Sul, desembarcando na pequena cidade de Santa Maria em 25 de janeiro de 1890.

Em 1898, conseguiu objetivar um sonho antigo: a fundação de um hospital. Para isso, junto com alguns amigos, fundou e foi o primeiro presidente da Sociedade de Caridade Santamariense, posteriormente denominada Associação Protetora do Hospital de Caridade. A lei orgânica da associação foi aprovada em 23 de junho de 1901. A pedra fundamental do futuro hospital foi colocada em 12 de abril de 1899 e o Hospital de Caridade foi inaugurado oficialmente em 7 de dezembro de 1903.

Em 1908, o Dr. Astrogildo visitou centros médicos de Rio de Janeiro, Montevidéu Buenos Aires e de algumas capitais europeias.

Em 14 de maio de 1911, foi feita a primeira cesariana em Santa Maria. Realizou-a o Dr. Astrogildo e no “seu hospital”.

Em 1912, grassou a peste na cidade. Ao Dr. Astrogildo coube precisar o diagnóstico de peste pneumônica. Por isso, nesse ano, em 3 de agosto, ele foi designado superintendente do Serviço de Profilaxia da Peste. Com medidas profiláticas convenientes, ele conseguiu debelar o surto epidêmico.

Por muitos anos, o Dr. Astrogildo executou as tarefas de Médico Legista e de Delegado de Higiene.

Em 1918 ocorreu a gripe espanhola na cidade. É Astrogildo quem conta: “Esse fato inesperado abriu caminho às minhas primeiras incursões médicas”. Engajou-se na luta do atendimento à multidão de doentes. Foi assim que a virose o ajudou a estabelecer uma clínica que se solidificou com o tempo, praticando a Medicina por mais de 50 anos.

Mesmo com a chegada da velhice, o Dr. Astrogildo jamais abandonou completamente a clínica e, ademais, fazia constantes visitas ao hospital, “sua menina dos olhos”, hoje denominado Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo.

Médico, exerceu a profissão com paixão, responsabilidade e dedicação, tal como definiu em discurso, no seu jubileu profissional: “A medicina empolga com a força de uma paixão irresistível (...), porque são melindrosas as responsabilidades de quem maneja constantemente a saúde e a doença de seus semelhantes, que a eles dedica todos os seus pensamentos e atividade.

Quase ao final do ano em que chegara a Santa Maria, em 6 de novembro de 1899, o Dr. Astrogildo foi eleito Conselheiro Municipal. Como tal, participou da comissão que apresentou o projeto da Lei Orgânica do Município. Em 1909, foi nomeado Vice-Intendente Municipal.

Em 3 de agosto de 1916, foi eleito Intendente Municipal. Nesse cargo, teve como objetivo principal o saneamento básico da cidade. Sua preocupação com esse problema manifestou-se antes de assumir o cargo, em 10 de setembro.

Recém-eleito, em carta ao engenheiro sanitarista Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, convidou-o a conceber um projeto de

saneamento para a cidade. Lamentava, nessa carta, que não poderia contratá-lo nesse ano, pois receberia o Município em péssimas condições financeiras e deveria dedicar-se inteiramente na tentativa de equilibrar o orçamento municipal. Não escondeu, também, sua preocupação pelas dificuldades do projeto, em razão da topografia do Município.

Em 9 de julho de 1918, Saturnino de Brito chega a Santa Maria e, três dias após, assina o contrato para projetar a distribuição de água potável e de efluentes do esgoto. O projeto, pronto em 1919, foi impresso com o título “Saneamento de Santa Maria”. Foi o primeiro projeto executado no Rio Grande do Sul e provocou a preocupação de outros intendentes municipais e do governo do Estado, em projetarem o saneamento de outras cidades sulinas. Esse projeto, posteriormente, em 1930, serviu de base para a execução dos trabalhos de saneamento da cidade.

Em 17 de julho de 1918, em consequência de uma “crise política, o Dr. Astrogildo renunciou ao cargo de Intendente e, a seguir, à chefia do partido situacionista. Com isso encerrou em definitivo sua vida pública. Um ano após, permitiu-se um desabafo: “A vida pública no Brasil é a rua da amargura, onde os homens dignos vão deixando farrapos de sua carne e manchas do seu sangue, perseguidos pela grita perversa dos representantes de si mesmos, falhos de dignidade que os oriente, em responsabilidade que os limite e em moralidade que os contenha

Ruralista, foi colaborador de *A Estância*, órgão da União dos Criadores do Rio Grande do Sul. Foi fundador e presidente (1927-1936) da Sociedade Agropastoril de Santa Maria.

Em 1939, reverenciou seus antigos mestres. Ao agradecer as homenagens por seu jubileu profissional, disse: “Há cinquenta anos de distância daqueles dias inesquecíveis, cometeria lamentável ingratidão se não relembresse os meus ilustres professores, cujas sábias lições me ajudaram mais tarde”. Cita seus nomes e as respectivas cadeiras que lecionavam. Ao final, enumera os nomes de Rocha Faria em Higiene, Souza Lima em Medicina Legal, e continua: “Esses dois exce-

lentes mestres em higiene e medicina legal, disciplinas que sempre mereceram minha especial simpatia, foram os autores dos sucessos felizes, por ventura, por mim obtidos (...) porque ligados aos altos interesses sociais como servidores da saúde pública e da justiça...”. Isso diz tudo do homem que chamou-se Astrogildo César de Azevedo.

O Dr. Astrogildo César de Azevedo, paradigma de médico, cidadão e ser humano, viveu serenamente seus 79 anos de vida, em meio ao respeito e à simpatia de seus concidadãos, e morreu em 22 de maio de 1946, serenamente... como serenamente viveu.



Augusto Duprat

Augusto Duprat nasceu a 14 de maio de 1865, na cidade do Cabo, Estado de Pernambuco. Filho de Augusto Duprat e de D. Marie Louise Octavie Duprat, prestou seus estudos primários e secundários no Recife.

Aos 16 anos de idade, embarcou para Paris e lá matriculou-se na Faculdade de Medicina de Paris, onde terminou seu curso com Doutorado em 27 de julho de 1892.

De volta ao Brasil, revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 5 de junho de 1887.

Em sua revalidação do diploma, foi levado em conta o grande número de trabalhos publicados anteriormente, e principalmente em sua especialidade, a Pediatria.

Exerceu sua especialidade no Hospital da Associação de Caridade da Santa Casa do Rio Grande, ocasião em que foi o responsável pela remodelação do edifício e modernização da aparelhagem do hospital.

Fundou o Dispensário Infantil de Rio Grande, hoje Casa da Criança Dr. Augusto Duprat, a qual prestou relevantes serviços à população durante diversas epidemias como a peste bubônica, peste pneumônica, varíola e a pandemia da gripe espanhola. Durante a guerra em 1914, fundou o comitê de propaganda interaliado, denominado “Pró-Veritas”.

Consta haver sido o primeiro médico no mundo que empregou, no tratamento da peste bubônica, o soro em doses maciças, o que lhe valeu elogiosas referências do mundo científico nacional e estrangeiro.

Retornou à Europa em 1881, 1889 e 1900, em viagens de lazer e de estudos. Participou de vários congressos, tendo sido representante do Brasil no Primeiro Congresso Internacional de Terapêutica, realizado em Paris em 1889. Foi organizador e Presidente Honorário do I Congresso de Saúde Pública, Medicina Social e Hospitais do Rio Grande do Sul, realizado na cidade do Rio Grande em 1928.

Em 1889, exerceu cargo na Comissão Brasileira de Estudos na Exposição Universal de Paris.

Publicou numerosos trabalhos científicos na área de Pediatria sobre peste bubônica, febre amarela, varíola e sífilis.

Tanto por seu vasto cabedal científico, como por sua personalidade de filantropo, foi distinguido com várias condecorações, tais como Medalha de Bronze da Assistência Pública de Paris, Palmas Acadêmicas Francesas no grau de “Officier d’ Academie” pelo Ministério de Instrução Pública e de Belas Artes da França e a condecoração de “Officier de L’instrution Publique”.

O Dr. Augusto Duprat foi casado com D. Maria Izabel Campe-lo Duprat; de seu matrimônio, deixou cinco filhos: Aline, Augusto, Luiz, Lyuba e Ailza.

Em 10 de setembro de 1940, faleceu na cidade do Rio Grande, que, em reconhecimento aos serviços por ele prestados à comunidade, erigiu-lhe um mausoléu no cemitério e um busto em mármore, que hoje se encontra no pátio central de seu Hospital, a Santa Casa de Rio Grande.



Aureliano de Figueiredo Pinto

Filho de Domingos José Pinto e de Marfisa Figueiredo Pinto, Aureliano de Figueiredo Pinto nasceu na fazenda São Domingos, em Tupanciretã, zona da campanha gaúcha, em 1º de agosto de 1898. Exerceu, no decorrer da vida, os ofícios de médico e escritor. Alfabetizado pela mãe e posteriormente enviado ao Colégio Santa Maria, aos dez anos já escrevia alguns poemas.

Em 1914, as poesias classificadas em concurso são publicadas na revista *Reação*, dirigida por Walter Jobim. Em 1916, transfere-se para Porto Alegre, com o intuito de estudar Direito, resolvendo-se depois por Medicina. Mais poemas são publicados, agora no *Correio do Povo*. Ainda que não tivesse revelado inclinações pela política partidária, em 1920, revolta-se ao assistir o massacre de operários pela força policial.

No romance *Memórias do Coronel Falcão*, demonstrará sua indignação com as arbitrariedades do governo Borges de Medeiros. Em 1924, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde escreve o poema “Romance do mar”. Lá cursará os dois primeiros anos de Medicina, quando volta a Porto Alegre, com Antero Marques, seu grande companheiro, para prosseguir nos estudos. Passa a ler poetas regionalistas uruguaios e argentinos, e tão marcantes foram suas influências, que escreve poemas em espanhol. Ao mesmo tempo, o Modernismo avança e ganha espaços entre os artistas e escritores porto-alegrenses, dentre os quais Aureliano. Retornando a Porto Alegre, instala-se na República de Estudantes da Rua da Olaria, atual Lima e Silva. In-

telectuais e alunos têm ali seu ponto de encontro, onde se travam discussões acaloradas. Gradua-se em 1931. Dedicou sua tese de doutoramento de curso a amigos, em especial a Cyro Martins.

Já no ano seguinte, abre consultório em Santiago, próximo a sua cidade natal. Convidado posteriormente para assumir a Chefia da III Cátedra Médica na Faculdade de Medicina da capital, recusa o cargo, preferindo permanecer no interior do Estado. Em viagens para atender emergências, Aureliano mantém contato com o homem do campo: nos galpões ouve os casos que povoarão sua literatura. Quando se dá conta de que muitas de suas prescrições médicas não são cumpridas, pela dificuldade financeira, que não permite aos pacientes aviar as receitas, elabora uma estratégia curiosa: coloca um código nas receitas. Conforme este, a conta é debitada pelo farmacêutico para um ou outro de seus amigos. Em 1937, passa a dirigir o posto de Higiene de Santiago.

Em 1938, casa-se com Zilah Lopes, de cujo casamento nasceram José Antônio, Laura Maria e Nuno Renan. Tempos depois, seria o fundador do Hospital de Caridade de Santiago. Em 1941, no Governo do Interventor Cordeiro de Farias, assume a Subchefia da Casa Civil. Após dois anos, retorna a Santiago, quando reúne seus poemas, visando publicá-los em livro. O seu objetivo estava longe de buscar a fama de literato: “O menos interessado no *best-seller* sou eu. O que nos cadernos se contém são, a seu modo, um registro de instantes e de vidas do campo. Flagrantes esses, campeiros. Isso o que procurei traduzir. A fama, a glória, estou com o grande Lobato, tudo é lata.” Por razões pessoais, resolveu publicar o livro somente em 1959, quando soube ser portador de grave doença incurável.

Em 1959, a Editora Globo publica *Romances de Estância e Querência, Marcas do Tempo*. Aureliano, em 22 de fevereiro, já com câncer em estágio avançado, morre poucos dias depois da publicação.

E mais tarde, a Editora Sulina publica *Romances de Estância e Querência II* e, em 1973, sai pela Editora Movimento *Memórias do Coronel Falcão*. Posteriormente, Noel Guarany, autorizado pela fa-

mília, põe música nos poemas de Aureliano. *Bisneto de Farroupilha* e *Canto do Guri Campeiro* têm problemas com a censura.

A biografia de Aureliano de Figueiredo Pinto e sua obra atesta que foi um homem de sua época. Cuidou da saúde do povo e retratou seus costumes, pela narrativa literária da vida gaúcha, com visão voltada para questões sociais e celebrando perfis femininos e o heroísmo da mulher gaúcha.

No *Correio do Povo*, publicou poemas e textos inéditos sob o pseudônimo de Júlio Sérgio de Castro. Esses textos eram enviados a seu grande amigo João Otávio Nogueira Leiria (tradutor de *Martín Fierro*), que os levava a Caldas Júnior para publicação.



Aurélio de Lima Py

O Dr. Aurélio de Lima Py nasceu a 10 de fevereiro de 1882 na Estância da Candiota, em Bagé, filho de Aurélio Py, que pertenceu ao Partenon Literário de Porto Alegre, e de Florência Lucas.

Estudou na Escola Brasileira, concluindo o curso primário em 1892. Terminou o curso de Humanidades em exames parcelados, a maior parte na antiga Instrução Pública, em Porto Alegre, e os exames de Geometria, Trigonometria, Física, Química e História Natural no Ginásio Pedro II, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1900.

Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em março de 1900.

Foi interno das Clínicas dos Professores Benjamin da Rocha Faria (2 anos e meio) e Benício de Abreu (1 ano), este por concurso, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

A 27 de novembro de 1905, defendeu a tese “Estudo Clínico da Aortite Atheromatosa”, aprovada com distinção e recebendo o grau de Doutor em Medicina, quando antecipou o conceito moderno de sua provável etiopatogenia inflamatória, a ser comprovada muitas décadas depois.

Retornando ao Rio Grande do Sul, casou a 10 de dezembro de 1906, em Porto Alegre, com Celina Piegas Tavares.

Em 1907, é contratado como Professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Em março de 1908, por concurso, passa a Professor Catedrático de Clínica Propedêutica Médica. Este concurso abrangia a seção de Medicina, constituída por três cátedras: Clínica Médica, Clínica Propedêutica Médica e Patologia Interna.

Regeu, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, as cátedras de Patologia Médica, por 8 anos, e de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica por 1 ano.

Em 1917, assumiu a 2ª Cátedra de Clínica Médica, na qual se aposentou.

Foi Vice-Diretor da Faculdade de Medicina em 1914, 1915 e 1916, tendo estado no exercício da Direção. Foi Membro do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade, exercendo interinamente a direção por ser o membro mais antigo do magistério entre os que compunham o Conselho, de 1931 a 1933.

Em 1928, por indicação unânime da Congregação, proferiu a Aula Magna de Abertura Oficial dos Cursos da Faculdade de Medicina, que versou sobre Arrhythmias (estado atual).

Foi homenageado e Paraninfo de várias turmas de doutorandos da Faculdade de Medicina, sendo a última vez em 1938, turma que chefiou em excursão de intercâmbio cultural e científico ao Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 1937, foi membro e Chefe de uma comissão de professores que foi ao Rio de Janeiro tratar com o Chefe da Nação, Dr. Getúlio Vargas, assuntos do interesse da Faculdade de Medicina.

A 24 de novembro de 1937, por decreto nº 6.867 do Governador do Estado, foi nomeado Reitor da Universidade de Porto Alegre, tendo sido o primeiro médico a assumir esse cargo.

Em seu discurso de posse, ocorrida em 26 do mesmo mês, defendeu a federalização da Universidade; um sistema de ensino voltado para o espírito universitário, caracterizado pela aproximação de mestres e alunos; uma universidade dedicada à cultura, à ciência e à investigação; a necessidade de concursos de provas, títulos e trabalhos para ingresso na carreira universitária, a instalação de uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras; e a integração do Museu do Estado, da Biblioteca Pública e do Instituto de Meteorologia à Universidade.

Dirigiu os Arquivos Rio Grandenses de Medicina. Presidiu o Sindicato Médico no Estado.

Foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre em dois períodos administrativos, de 1925 a 1930. Durante sua gestão de 6 anos, idealizou, construiu e inaugurou, em 1930, o Hospital São Francisco. A obra representou uma nova filosofia na história da Santa Casa, de criar uma fonte de renda capaz de suportar as obrigações que os pavilhões para indigentes determinavam. Na época, houve uma forte oposição à ideia, julgando estes que a Santa Casa deveria tratar apenas os indigentes. O futuro mostraria a insensatez dos que esperavam que a instituição pudesse sobreviver apenas de esmolas.

Dirigiu a 3ª Enfermaria da Santa Casa, dita Dr. Luiz Masson, de Medicina de Homens e Clínica Neurológica. Irmão da Santa Casa, foi admitido como Irmão Benemérito por sua obra em prol da Irmandade.

Organizou e chefiou a Inspeção Médica Escolar do Estado de 1929 a 1933.

O Dr. Aurélio teve importante atuação nos esportes, tendo sido várias vezes Presidente e primeiro patrono do Gremio Foot-Ball Portoalegrense e Presidente da Federação Gaúcha de Foot-Ball.

Atuou na política partidária, pelo Partido Republicano Rio-Grandense. Em 1922, quando o Governo do Estado toma atitude contrária ao Governo Federal, é levado à Presidência da Comissão Central de Reação Republicana.

Foi eleito Deputado à Assembleia de Representantes de 1924 a 1928, Deputado à Constituinte Rio-Grandense em 1935, quando participou da Frente Única Rio-Grandense, e Deputado na legislatura imediata da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, de 1935 a 1937.

Em 1939, foi nomeado Officier de l'Académie pelo Ministro da Educação Nacional da República Francesa.

Publicou:

- *Estudo Clínico da Aortite Atheromatosa*. Tese Inaugural. 1904.
- *Arterioesclerose gástrica*. 1906.
- *Educação Física*. 1908.

- *Alcoolismo do ponto de vista social*. 1908.
- *Ensino primário, secundário e superior da República*.
- *Discurso à Assembleia de Representantes*. 1927.
- *Arritmias (estado atual)*. Aula Magna da Faculdade de Medicina. 1928.
- *Inspeção médica escolar*. Tese no Congresso das Municipalidades. 1929.
- *Aptidões do escolar*. Publicada pelo Governo do Estado. 1930.
- *Ensino Médico e exames por decreto*. Tese no Congresso Sindicalista Brasileiro. 1933.
- *Diagnóstico das úlceras gástricas*.
- *Exercício Ilegal da Medicina no Rio Grande do Sul*. Discurso à Assembleia Legislativa. 1937.

O Prof. Aurélio de Lima Py, após longa enfermidade, faleceu em Porto Alegre a 28 de agosto de 1949, sendo sepultado no Cemitério da Santa Casa.



Bruno Attilio Marsiaj

Bruno Attilio Marsiaj nasceu na cidade de Santa Maria em 3 de junho de 1905. Estudou no Ginásio Anchieta, no Colégio Júlio de Castilhos e na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, hoje integrada à UFRGS. Formou-se em 1927, tendo defendido tese de doutoramento. Casou-se com D. Vanda Marsiaj, filha do prof. Moisés de Menezes. Dedicou-se ao exercício da Medicina como cirurgião geral, passando seu primeiro ano de formado na cidade de Lajeado.

Iniciou sua atividade didática na Cadeira de Anatomia, tendo inclusive feito concurso para Livre-Docente. Desde o início de sua carreira, dedicou sua atividade médica ao exercício da Cirurgia. Além das atividades curriculares, administrou, entre 1940 e 1950, Cursos Livres de Cirurgia e Anatomia, dirigido a médicos e doutorandos.

No Hospital Beneficência Portuguesa, criou a sala rádio-cirúrgica e, a partir do sucesso de tal empreendimento, todos os hospitais passaram a utilizar a colangiografia. Foi um passo importante no desenvolvimento da cirurgia no Rio Grande do Sul.

O Dr. Bruno Marsiaj dedicou-se também à atividade associativa, tendo sido presidente da Sociedade de Cirurgia (1949-1950), quando, por sua iniciativa, foi fundada a Associação Médica do Rio Grande do Sul. O Salão Nobre da Faculdade de Medicina da UFRGS serviu de cenário para um dos acontecimentos mais importantes da classe médica do Estado no dia 27 de outubro de 1951, ao acolher a Assembleia de Fundação da AMRIGS. A ideia surgira na Sociedade de Cirurgia do Rio Grande do Sul, sob a presidência do Dr. Bruno Marsiaj, que organizou a I Jornada Sul-Rio-Grandense de Cirurgia,

com o fito de “congregar os cirurgiões do Estado, atraindo os colegas de fora da capital para a troca de ideias, dialogando sobre assuntos da especialidade”. A Sociedade de Medicina de Porto Alegre, então presidida pelo prof. Tibiriçá, aderiu logo à ideia e forneceu nomes para a pregação que se desenvolveu em todo o Rio Grande médico. O Dr. Bruno Marsiaj foi presidente nas duas primeiras gestões. Na primeira gestão, comprou a primeira sede no centro da cidade, razão principal, talvez, da confiabilidade que passou a adquirir na classe médica. Organizou a secretaria e firmou convênio com quase todas as entidades que congregavam médicos para constituírem os atuais Departamentos Científicos e Sociedades Filiadas.

Foi durante muitos anos delegado do Conselho Regional no Conselho Federal de Medicina, chegando até a ser presidente deste. Dirigiu a antiga Assistência Pública Municipal, tendo projetado o Hospital de Pronto Socorro.

Faleceu em 1984.



Carlos Candal dos Santos

Nasceu em Cruz Alta (RS) em 27 de setembro de 1914. Filho de Ormuz Jardim dos Santos e Celina Candal dos Santos, iniciou o curso primário em sua cidade natal e três anos após, em 1926, foi transferido para Santa Maria (RS), onde concluiu o curso médio.

Em 1931, ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, hoje Faculdade Federal de Medicina da UFRGS, concluindo-o em 1936, onde fez toda sua carreira acadêmica. Nomeado Assistente de Ensino da cátedra de Patologia Geral em 1938, dois anos após, recebia o grau de Doutor em Medicina.

Em novembro de 1940, foi aprovado no concurso de docência-livre de Patologia Geral. De 1958 a 1959, foi professor substituto e, em 27.07.1959, assumia interinamente a cátedra dessa disciplina. Em 1967, foi sucessivamente promovido a Professor Adjunto e Professor Titular de Patologia Geral.

Publicou, variadamente, dentro do campo de sua atividade científica, indo do estudo das reações sorológicas ao campo da cibernética aplicada à biologia e à medicina.

A par de suas atividades docentes, trabalhou como médico-assistente na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, nos serviços do Professor Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca e do Professor Antonio Saint-Pastous de Freitas. A partir daí, passou por diversos serviços universitários de análises clínicas, sempre em cargos de chefia.

No campo da atividade privada, foi sócio-fundador dos Laboratórios Especiais Reunidos, em 1949. Um ano após, organizou e

chefiou o Laboratório de Análises Clínicas do hoje extinto Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários (IAPI).

Foi atuante também em órgãos de associação de classe, durante a segunda metade da década de 50. Foi eleito, em 1957, Presidente da Comissão de Defesa de Classe da AMRIGS, entre diversas outras atividades que desenvolveu dentro dessa entidade.

Dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhou em diversas funções administrativas, em que se destacou por sua presença durante a gestão do vice-reitor Ivo Wolf, quando da elaboração e aprovação do Estatuto do Magistério Superior.

Nesse período, em 1966, viajou a Brasília, em comissão chefiada pelo vice-reitor, para discutir os vetos opostos ao projeto do Estatuto pelo então Presidente da República, Marechal Castello Branco. Seis artigos vetados foram readmitidos.

Carlos Candal dos Santos chegou à direção da Faculdade de Medicina em 1977. No período de 1946 a 1968, fora homenageado de diversas turmas de formandos.

A partir da segunda metade da década de 60, dedicou-se à divulgação da Cibernética e da Teoria Geral dos Sistemas, inclusive introduzindo o tema dentro do âmbito universitário onde atuava.

Autor de matéria original, a *Teoria Geral do Biocampo*, em 1963, criou e organizou o Grupo de Estudos Cibernéticos, junto à cátedra de Patologia Geral, pioneiro no país e talvez na América Latina.

Vice-presidente e sócio-fundador da Associação Brasileira de Cibernética e Sistemas Gerais, em 1971, participou, um ano após, do I Congresso Nacional dessa entidade, na qualidade de membro efetivo. O evento ocorreu em Porto Alegre, com a presença de autoridades internacionais na área.

O Professor Candal foi um daqueles sábios que, além de tudo, recebia com toda a simplicidade alunos para conversar em sua residência, estimulando-os em seus projetos, mesmo estando fora de seus próprios interesses.



Carlos Niederauer Hofmeister

Nasceu em Santa Maria no mês de fevereiro de 1890. Em sua terra ingressou na primeira turma do Ginásio Santa Maria, dos Irmãos Maristas, então recém-chegados da França. Órfão de pai, ingressou como escriturário da Viação Férrea. Matriculou-se em uma das primeiras turmas da Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1910, diplomando-se em 1916, tendo defendido tese sobre “A Filariose em Porto Alegre”, obtendo nota máxima, 10.

De 1917 a 1923 foi um dos primeiros médicos a clinicar na região do Alto Uruguai, na então Vila de Palmeira das Missões.

No Rio de Janeiro especializou-se em Pediatria no Curso do Professor Fernandes Figueira.

Ao retornar, reiniciou a clínica como primeiro médico rio-grandense a exercer a Pediatria com exclusividade.

Organizou o primeiro Ambulatório de Pediatria e Puericultura do Estado, na Santa Casa de Misericórdia, junto à Maternidade Mário Totta, do mesmo sendo Diretor por 15 anos e Patrono.

Foi sócio-fundador e o primeiro Presidente, 1933, e Presidente Honorário do Sindicato dos Médicos do Rio Grande do Sul. Em sua gestão empreendeu pioneira campanha de âmbito estadual contra a prática da medicina por pessoas não diplomadas.

Sócio cofundador, presidente, em 1949, e Sócio Honorário da Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul.

Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Pediatria e Membro Emérito da American Academy of Pediatrics.

Irmão Benemérito da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.
Sócio Jubilado da Associação Médica do Rio Grande do Sul.

Coorganizador e vice-diretor do Hospital da Criança Santo Antônio desde sua inauguração, 1952, ao lado do Professor Décio Martins Costa, Diretor. Organizou a biblioteca daquele hospital, recebendo o título de Patrono. Com o falecimento, 1963, do Professor Décio, foi escolhido Diretor, tendo ampliado todos os setores e serviços e construindo sob os auspícios do Lions Club São João-Navegantes o pavilhão que leva o nome desse clube de serviço.

Durante vários anos prestou atendimento pediátrico ao Instituto Santa Luzia, para pessoas desprovidas da visão.

Exerceu a clínica pediátrica até completar 80 anos, em 1970, quando também deixou a direção do Hospital da Criança Santo Antônio, encerrando as suas atividades profissionais após 53 anos de intenso trabalho.

Em 1972 recebeu do Prefeito Telmo Thompson Flores a comenda de “Cidadão Honorário de Porto Alegre”, por eleição unânime da Câmara de Vereadores, por proposta do vereador José Aloísio Filho, então Presidente.

Faleceu a 11 de janeiro de 1976, às vésperas de seus 87 anos de idade.



Carlos Wallau

Anotações extraídas de uma carta-resposta de Carlos Wallau, em 9 de julho de 1917, ao amigo Dr. Simch, que lhe pedira dados biográficos:

Carlos Wallau nasceu a 28 de julho de 1860, conforme certidão de batismo, na então cidade de Brooklin, no Estado de Nova Iorque, USA, que, em 1917, era apenas um distrito da Capital.

Da certidão, consta o nome Frederik, Augustus, Charles de Wallau. No entanto, a ideia de que, “na prática, título sem os devidos meios nada vale” impôs a retirada do “de”, ou seja, o original nome alemão “du” (do francês). Mais tarde, pessoalmente, desistiu do nome pomposo, passando a intitular-se apenas Carlos Wallau, nome ratificado com o advento da República, ao ser naturalizado brasileiro.

Filho de imigrantes das margens do Rheno, possuía dados de família desde 1703. As andanças de Napoleão I dividiram os antepassados, temporária ou definitivamente, ora em alemães, ora em franceses. O avô seguiu o Corsário, conquistando a “Hespanha”. Teve contudo de voltar para casa a pé. O pai iniciara-se, em Bonn, com vistas ao curso de Medicina, frustrando-se ao ter que assumir os negócios do avô, falecido no Rheno quando ainda contava as façanhas da guerra. Envolvendo-se na política, em favor de ideias democráticas, o pai, já estabelecido, temendo represália e prisão, resolveu, igualmente a outros correligionários, emigrar para a América. Chegaram apenas com pessoas salvas do naufrágio ocorrido já na costa

atlântica de cá, em 1854. A seguir, o pai prosperou de imediato, mas, em 1862, acometido de doença grave, tentou cura voltando à Alemanha, onde faleceu a 4 de agosto do ano seguinte, 1863. A mãe, com Carlos e as filhas mulheres, recebeu aconselhamento e empreendeu a terceira viagem, desta vez destinada a Porto Alegre, onde, após cem dias, aportaram em 02/11/1864. “Realmente já com a idade de dez anos, havia em mim o firme propósito íntimo de escolher a carreira de médico” (o segredo ficou documentado num escrito escondido atrás de uma porta de seu quarto).

À revelia da mãe e das duas irmãs restantes, conseguiu o desiderato. Iniciou os estudos primários aos sete anos, orientado pelo tio, Clemente Wallau; iniciou-se também no alemão e na música. Educado em meio a mulheres, aprendeu a costurar “trabalhos que me proporcionaram certa habilidade manual, em proveito das operações delicadas e plásticas”. Não descurou da ginástica para reverter aniquilamentos das moléstias de infância, sobretudo a escarlatina.

Em 1874, passou a fazer parte como interno do colégio jesuíta, Na. Sra. da Conceição. Em 1876, já visando ao acesso à Medicina, matriculou-se no Colégio Gomes, depois substituído pelo Souza Lobo. Conviveu então com os amigos Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Homero Baptista, Aureliano Barbosa, Ernesto Alves, Ildefonso Pires de Moraes Castro e outros.

Em 1880, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ouvindo os mestres, cujos nomes “ainda hoje são respeitados”: Martins Teixeira, Domingos Freire, Saboia, Benício, Bulhões, Feijó, Torres Homem, Souza Lima e outros. “Fui estudante de notas mais ‘plenas’ do que ‘simplesmente’, e sem distinções maiores. Desejava os conhecimentos necessários para a vida prática”. Em 1885, formou-se com a tese sobre “medicação anestésica” na cadeira de Therapêutica.

Em 1886, visitou Porto Alegre, as irmãs, e a seguir buscou aperfeiçoamento na Europa. Em fins de junho, desembarcava na Antuérpia, com vistas a Berlim, Viena, Londres e Paris.

Assistiu, assim:

- em Berlim, Bergmann – cirurgia; Schroeder – ginecologia e obstetrícia;
- em Viena, Billroth – cirurgia, Braun – ginecologia e obstetrícia; em Londres, Lister – cirurgia, Thomson – vias urinárias;
- em Paris, Píán, Tilleaux, Lucas Chamjoniere e A. Ricard. Em outros cursos, buscou a bacteriologia e a laringoscopia, além de medicina interna.

Em 1887, o Dr. Wallau retornava a Porto Alegre, iniciando sua vida clínica, praticando intervenções de “alta cirurgia, que já lhe garantiram renome. Em 1890, foi nomeado diretor da 4ª Seção de Cirurgia da Santa Casa, onde trabalhou por vinte e sete anos. Ainda em 1890, designado pela bancada rio-grandense, foi a Berlim estudar a descoberta do prof. Koch, a cura da tuberculose pela tuberculina.

Encerra a missiva solicitando a devolução do original, a fim de “meus filhos mais tarde possuírem um documento sobre a vida de seu pai”, assinando-se “simplesmente amigo e colega, C. Wallau”.

Carlos Wallau foi pai de Hubert Wallau, genro de Moyses de Menezes, que foi também sogro de Bruno Attilio Marsiaj.

Ao ser fundada a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, o Dr. Wallau aceitou o convite para lecionar na cadeira de operações e aparelhos. Vagando mais tarde a segunda cadeira de clínica, foi nomeado para regê-la e logo após transferido para a primeira cadeira. Posteriormente, tornou-se professor catedrático de Clínica Cirúrgica.

Foi diretor eleito da Faculdade, de 1912 a 1913, tendo sido, na sua gestão, iniciadas as obras do prédio da Sarmiento Leite. Médico, professor, pesquisador e administrador da Faculdade de Medicina, Carlos Wallau imprimiu à sua biografia os traços de um lutador, de um homem que venceu desafios em épocas difíceis. Carlos Wallau faleceu a 6 de abril de 1918, com apenas 58 anos.



Celestino de Moura Prunes

O professor Celestino de Moura Prunes, nascido em Quaraí a 31 de maio de 1895, fez o curso primário em Alegrete e o secundário nos Ginásios Santa Maria, da cidade de mesmo nome, e Júlio de Castilhos, na capital rio-grandense. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre (atual UFRGS), defendendo a tese “Tratamento do Impetigo pelo Método de Ziel”. Especializou-se em Medicina Legal, tendo feito o curso de especialização no Instituto Médico Legal. Publicou vários trabalhos, entre os quais “Capacidade relativa do Direito Civil Brasileiro”; “Prognóstico da Reincidência no Livramento CondicionaI”. Professor catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, diretor técnico do Instituto Médico Legal do Rio Grande do Sul, desempenhou as funções de Secretário de Polícia do Distrito Federal e de Diretor da Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul. Exerceu a profissão em Porto Alegre. Foi capitão médico da reserva do Exército, em cujo Corpo de Saúde serviu.

Foi casado com a senhora Rosa Fortes Prunes.

Entre outras dignidades acadêmicas, foi paraninfo das turmas de 1940 e 1946.

Em 1940, como paraninfo, pronunciou um discurso intitulado “A formação do Médico”. Os conceitos emitidos em 1940 podem ser considerados atuais.

Faleceu em Porto Alegre no dia 10 de junho de 1971.



Celso Machado Aquino

Celso Machado Aquino nasceu em 27 de maio de 1912, na cidade de Porto Alegre, RS, filho de Affonso de Aquino, médico, e da Sra. Maria Machado de Aquino, casado com a Sra. Ivone de Aquino, com quem teve duas filhas: Vera Regina de Aquino Cohen, professora de História da UFRGS, casada com o Dr. José Cohen, médico e professor universitário, e Susana de Aquino, funcionária da FFCM.

Frequentou, de 1922 a 1929, o Ginásio Estadual Anchieta, onde cursou o primário e secundário, bacharelando-se em Ciências e Letras. Ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1930, colando grau em setembro de 1935.

Durante o curso foi preparador da cadeira de Embriologia e Histologia Geral como interno acadêmico da Cadeira de Microbiologia e da Cadeira de Clínica Médica. Defendeu tese versando sobre “RH na Tuberculose Pulmonar Evolutiva e nos tipos morfológicos a ela predispostos e resistentes”, aprovada com distinção e recebendo o título de Doutor em Medicina.

Falava, além do português, francês, inglês e alemão.

Trabalhou como Assistente Voluntário da IV Cadeira de Clínica Médica, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Madeira da Rosa, até junho de 1938.

Nesse mesmo ano, nomeado Assistente da Cadeira de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina, fez concurso para Livre-Docente, sendo aprovado com a tese “Hemorragia Cerebral (Estudo Etiopatogênico)”, recebendo o título de Docente-Livre de Neurologia. Após concurso de títulos, foi nomeado Catedrático Interino

de Clínica Neurológica, substituindo o Prof. Fábio de Barros, que se aposentava após ter exercido a cátedra de 1940 a 1957. Não chegou a apresentar a tese “Distrofia Muscular Progressiva”, que preparava para o concurso de Professor Catedrático de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1943. Nomeado Regente da Cadeira de Neurologia da UFRGS em 1960. Assistente de Ensino Superior em 1962, Professor Adjunto em 1965, Professor Catedrático em 1969 e Professor Titular em 1969. Um dos fundadores da Faculdade Católica de Medicina, atual UFCSPA. Porto Alegre, sendo Professor Titular Chefe do Departamento de Neurologia desde 1965.

Exerceu sua atividade profissional após a formatura na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, como Assistente Voluntário da 17ª Enfermaria – 1938, Diretor Interino da 19ª Enfermaria – 1947, Diretor Efetivo da 17ª Enfermaria – 1952, Diretor da 18ª Enfermaria – 1964. Em 1969 fundou o Instituto de Neurologia da Santa Casa, sendo seu diretor desde então até sua morte. Segundo depoimento de sua discípula Dra. Newra Telechea Rotta, foi nesse “serviço sua segunda casa, que pude reunir ao seu redor um grupo de discípulos atentos, dedicados e constantemente surpreendidos por sua inesgotável capacidade de trabalho, sua semiologia inegável, por seu raciocínio brilhante e por sua cultura invulgar”.

Participou de 26 congressos sul-americanos, presidindo o IV Congresso Brasileiro de Encefalografia e Neurofisiologia Clínica. Presidente de Honra do V Congresso Brasileiro de Neurologia e do IV Congresso Brasileiro de Encefalografia, em São Paulo.

Publicou inúmeras obras científicas e culturais, podendo-se destacar: *Considerações sobre a Chamada Epilepsia Cardíaca, Evolução do Conceito Patológico de Hemorragia Cerebral, Luxação da Espádua por Ataque Epiléptico, Formas Atípicas da Doença de Friedrich, Atrofia Muscular Progressiva e A Doença como Expressão Patológica da Idade Média.*

Sócio fundador da AMRIGS, da Sociedade de Neurologia e Neurocirurgia do Rio Grande do Sul, sendo seu Vice-Presidente em

1974 e 1975, e Presidente em 1976 e 1977. Membro fundador da Academia Brasileira de Neurologia e seu Presidente de 1968 a 1970. Membro da Sociedade de Neurologia e Neurocirurgia de Buenos Aires, desde 1945, membro correspondente da Sociedade de Neurologia de Montevideu desde 1955, Membro Titular fundador do Instituto Sul-Rio-Grandense da História da Medicina.

Homem de invulgar saber médico, de cultura humanística ímpar, faleceu em 26 de maio de 1982, respeitado e admirado por seus pares e venerado por seus discípulos.



César Augusto da Costa Ávila

O professor César Ávila foi o grande propulsor e orientador da cátedra de Ortopedia e Traumatologia de nossa querida Faculdade de Medicina de Sarmiento Leite.

César Ávila foi uma das mais lúcidas inteligências que surgiram em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, indubitavelmente, cirurgião dos mais categorizados em todo o país. Alvo da atenção dos seus contemporâneos, médicos ou não, teve a sua personalidade pontilhada com extensa gama de adjetivos elogiosos, restritivos e até agressivos.

Já na infância de César, compareceram algumas contradições. Nasceu prematuro, teve a infância frequentada pelas doenças próprias da época e perturbada pela insuficiência de conhecimentos da medicina antiga. Malgrado tudo, tornou-se homem bem desenvolvido, de boa aparência física e espantosa resistência ao esforço e ainda dotado de apreciável sensibilidade moral. Fez vestibular e curso médico na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro. O que mais lhe interessou e provocou grande admiração foi a Assistência Pública do Rio de Janeiro, em que a prática e a urgência formavam uma medicina mais ativa e mais didática do que as oferecidas pelas Santas Casas, onde o velho professor, às vezes mais cansado, passava o ensino ao seu assistente.

Ajudá-lo em ato cirúrgico era prazer excelso: capacidade técnica, tática precisa no momento exato, na cirurgia para o tratamento da tuberculose, eliminação de aderências impiedentes de pneu-

motórax, policostectomia de Saeurbruch, com a sua brutalidade atenuada.

Na área médica, nenhum atentado à ética, deslize algum na técnica e na tática cirúrgicas, inteira indiferença pela crítica dos colegas, total despreocupação pelo próprio prestígio quando certas atuações se impunham.

Além de seu gosto pelo jogo, da sua queda pelos boêmios, pelas longas e inócuas conversas em mesas de bar, César se interessava pela política, bem entendido em nível superior. Em suas clínicas de cidades do interior, observava com os seus próprios olhos o grande abismo que existia entre a situação dos humildes e ignorantes peões de estâncias e seus patrões, muitas vezes indiferentes a qualquer preocupação de justiça social. Poderia César Ávila ter sido um elemento eficaz do Partido Comunista? Absolutamente não. Não saberia ser opaco, trancafiar segredos, perseguir adversários e outras atitudes diversas ao seu temperamento e que o partido tanto desejava. Um grande homem e um grande médico.

César Ávila morreu no dia 19 de fevereiro de 1974. Nos seus últimos tempos, não esqueceu que era um intelectual; continuou escrevendo e pintando, embora já abandonado pela inteligência, já mergulhado na neblina anunciadora da morte.



Clóvis Bopp

O nome do Professor Clóvis Bopp é sinônimo de Dermatologia no Rio Grande do Sul. Sua vida foi inteiramente dedicada ao ensino e à prática da especialidade, que o consagrou nacional e internacionalmente.

O Professor Bopp nasceu em Santa Maria em 17 de outubro de 1913, onde fez os cursos primário e secundário, e faleceu, em Porto Alegre, em 26 de julho de 1984.

A data de seu nascimento foi instituída pela seção do Rio Grande do Sul da Sociedade Brasileira de Dermatologia, como Dia do Dermatologista, em assembleia geral realizada em 1955.

Sua formação universitária teve a seguinte sequência:

Graduado pela então Faculdade de Medicina de Porto Alegre (FMPA) em 1946. Doutor em Medicina pela FMPA em 1954. Docente-Livre em Clínica Dermatológica e Sifilográfica pela FMPA em 1954, com a tese “Poroceratose de Mibilli”. Professor Catedrático de Clínica Dermatológica e Sifilográfica, pela mesma faculdade, em 1959, com a tese “Cromoblastomicose”.

Atividade didática:

Sua atividade didática foi, basicamente, desenvolvida na 5ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, ao lado dos enfermos. Formou diversas gerações de dermatologistas. Graças ao seu incessante labor e pesquisa, fez com que a dermatologia sul-rio-grandense merecesse reconhecimento nacional e, também, figurasse em diversos congressos internacionais, de que participou como convidado e palestrante. Pode-se afirmar que foi com ele que a especialidade adquiriu, em nosso Estado, caráter verdadeiramente científico.

Como professor, suas aulas eram brilhantes, quer pela habilidade em descrever as diversas patologias, quer pela clareza de exposição e de seu raciocínio diagnóstico. Costumava convidar doutorandos e residentes à sua clínica privada para compartilhar seus conhecimentos em doenças de pacientes de outras classes sociais.

Sua atividade didática teve a seguinte cronologia:

Assistente da 17ª Enfermaria (Medicina de Mulheres) em fevereiro de 1937. Assistente Voluntário da Clínica Dermatológica e Sifilográfica a partir de agosto de 1946. Instrutor da Cadeira de Clínica Dermatológica e Sifilográfica a partir de julho de 1952. Assistente da Cadeira de Clínica Dermatológica e Sifilográfica a partir de 1954. Professor de Clínica Dermatológica e Sifilográfica a partir de 1959. Professor de Dermatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Santa Maria a partir de 1957. Professor de Dermatologia da Faculdade Católica de Pelotas de 1967 a 1971.

O Professor Clóvis Bopp foi sempre uma presença atuante em congressos, simpósios e jornadas nacionais e no exterior. Somente nos últimos 20 anos, a partir de 1963, participou em 56 eventos científicos. No Brasil esteve presente em 39, nas mais diversas cidades, e em 17 eventos no exterior, nos seguintes países: Argentina, Venezuela, Peru, El Salvador, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Espanha e Noruega.

Extremamente estudioso e dedicado, publicou um grande número de trabalhos científicos no Brasil e no exterior. Em 1966, criou a primeira Residência Médica em Dermatologia.

Em 1967, a Sociedade Brasileira de Dermatologia instituiu o Título de Especialista. A primeira Banca Examinadora foi constituída por Clóvis Bopp, Rubem Azulay, Ruy Noronha Miranda, Sebastião Sampaio e Tancredo Furtado.

Participou, ativamente, de inúmeras Sociedades Científicas, destacando-se:

Presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia, em 1971. Presidente da Secção Sul-Rio-Grandense da Sociedade Brasileira de Dermatologia, em 1977. Sócio efetivo do Colégio Ibero-Latino-

-Americano de Dermatologia, da Sociedade Brasileira de Investigação em Alergia e Imunopatologia, da Associação Internacional de Leprologia, da Liga Internacional das Sociedades de Dermatologia, da Sociedade Brasileira de Dermatologia, da Sociedade Brasileira de Leprologia, da Associação Brasileira de Medicina, da Associação Médica Rio-Grandense e da Academia de Medicina Militar Brasileira. Membro integrante do Conselho Editorial de Medicina Cutânea, órgão oficial do Colégio Ibero-Latino-Americano de Dermatologia, com sede em Barcelona; e dos “Anais Brasileiros de Dermatologia”. Delegado da Sociedade Brasileira de Dermatologia no Conselho de Delegados da Sociedade Internacional de Dermatologia, Congresso em Veneza. Delegado brasileiro da Sociedade Internacional de Dermatologia Pediátrica no México em 1975. Delegado brasileiro no Conselho de Delegados da Sociedade Internacional de Dermatologia, Congresso do México, em 1977.

O Professor Bopp teve, também, intensa atividade e grande preocupação com os aspectos epidemiológicos e de saúde coletiva das doenças dermatológicas e venéreas ou sexualmente transmissíveis. Foi chefe do Serviço de Doenças Venéreas da Secretaria Estadual da Saúde. Na década de 40 foi chefe do serviço de Venéreas da Fronteira, com sede em Santana do Livramento. Naquela época teve importante relação com colegas uruguaios e argentinos, participação em encontros e eventos voltados a temas e problemas de saúde pública comuns das populações fronteiriças. Publicou diversos trabalhos, destacando-se os seguintes: *Coleções Purulentas, Sífilis e Granulomatose Benigna, Um Caso de Hidróchelecisto Sifilítico, e Considerações Sobre os Resultados do Tratamento Anti-sifilítico.*

Desde sua graduação, o Professor Clóvis Bopp desenvolveu toda sua intensa atividade docente e assistencial nas dependências da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Iniciou como assistente da 17ª Enfermaria em 5 de fevereiro de 1937 e, a partir de 28 de agosto de 1947, na 5ª Enfermaria, até poucos dias antes de sua morte.

Por sua maneira de ser, de responder e participar ativamente nos meios em que conviveu, foi inevitável seu envolvimento com aquela Casa.

Em 13 de maio de 1953 foi efetivado como “Irmão”, por decisão da Mesa Administrativa e, em 25 de junho do mesmo ano, assina o termo de compromisso sob o número 2.974.

Em 1982, foi eleito membro da Mesa Administrativa. Teve importante participação nas decisões tomadas, a partir de novembro de 1983, referentes à reorganização dos serviços assistenciais e de reestruturação da instituição. Em 31 de maio de 1984, participou pela última vez de uma reunião da Mesa.

Após breve enfermidade e submetido a uma cirurgia torácica faleceu no dia 26 de julho de 1984.



Darcy Candiota Xavier

Nascido em Pelotas a 20 de outubro de 1897, filho de Feliciano Ignacio Xavier e Jovelina Candiota Xavier, o Dr. Darcy era de uma família de médicos pelotenses, fazendo conjunto aos primos-irmãos José Ottoni Xavier, João Xavier e Ottoni Ferreira Xavier e a incluir, posteriormente, o sobrinho-neto José Ignacio Tavares Xavier, psicanalista no Rio de Janeiro, e o neto acadêmico Rogério Gastal Xavier.

Fez seus estudos primários e secundários no Ginásio Gonzaga; ainda muito jovem, matriculou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, onde foi aluno destacado. Interessou-se pelo laboratório de análises clínicas e anatomia patológica e, nos últimos anos, ingressou apaixonadamente na clínica cirúrgica, na qual se especializou.

Recebeu o grau de doutor em Medicina aos 21 anos (1918) defendendo a tese “Reação de Wasserman no Soro de Leite Humano – Contribuição ao seu Estudo”, trabalho defendido em 11 de janeiro de 1919, sob a orientação de Luiz Guerra Blessmann e aprovado com distinção.

Em 1919, iniciou em Pelotas suas atividades profissionais, quando o terror da febre epidêmica espanhola ceifava inúmeras vidas humanas no Rio Grande do Sul. Com todo o seu entusiasmo e vocação trabalhou sem descanso dia e noite. Nesse mesmo ano ingressou no serviço do Dr. Edmundo Berchon des Essarts, onde firmou conceito e grande clínica, conquistando a admiração e a estima de seus colegas.

Em fevereiro de 1921, casou-se com Berthilde Vianna, sua namorada desde os bancos acadêmicos e que foi sua companheira ideal por toda sua vida.

Em maio de 1929, na companhia da esposa e seu chefe e amigo Dr. Berchon, viajou para a Europa a fim de frequentar as melhores

clínicas cirúrgicas daquela época, entre elas a dos hospitais Necker (serviço de urologia do Prof. Legeu), H. Saint Antoine (serviço de proctologia do Prof. Bensaude), H. Saint Michel (do Prof. e escritor Victor Pauchet, na época a maior experiência em cirurgia gástrica de úlceras e tumores), tendo também acompanhado alguns dos serviços de cirurgia dos maiores nomes da época: Faure, Papin, Broca, Dujarier, Clamart e outros. Foi membro efetivo da Associação Francesa de Cirurgia.

De volta a sua terra natal, enriquecido de novos e atualizados conhecimentos, bem como de rico instrumental cirúrgico, assumiu a liderança do serviço de cirurgia da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, cargo que desempenhou por 40 anos consecutivos. Foi o substituto do Dr. Berchon na chefia dos Serviços Gerais das Clínicas do Hospital.

Assim, Darcy Xavier fez escola e seu serviço foi o mais frequentado e de maior número de assistentes. Cirurgião de gabarito e técnica minuciosa, dominava todas as especialidades da época. Foi pioneiro da cirurgia plástica reparadora em nosso meio, mas também executava com eficiência toda cirurgia digestiva e ortopédica, além de se dedicar à ginecologia e obstetrícia, de que era profundo conhecedor. Participou de inúmeros congressos médicos nacionais no Rio de Janeiro e São Paulo, e internacionais em Montevidéu e Buenos Aires. Seu trabalho “Contribuição ao Estudo da Hidatidose em Pelotas – Levantamento Estatístico, Terapêutico e Conclusões”, publicado em 1947, valeu a láurea da Academia Nacional de Medicina e Cirurgia, no Rio de Janeiro.

Foi membro da Sociedade de Medicina de Pelotas, da AMRIGS e do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. A Academia Sul-Rio-Grandense conferiu-lhe a distinção da cadeira de número 17 e a cidade de Pelotas por decreto da Câmara Municipal de junho de 1969 deu seu nome a uma de suas ruas.

Darcy Xavier trabalhou com afinco e dedicação, com humanismo e amor todos os dias de sua vida, sendo claro e sincero em seus propósitos e possuidor de firmeza de caráter e formação cristã, linhas de conduta das quais nunca se afastou.

Faleceu na manhã de 12 de maio de 1962.



Décio de Almeida Martins Costa

O Dr. Décio de Almeida Martins Costa nasceu em 15 de agosto de 1900, em Porto Alegre, filho de José de Almeida Costa Jr., de profissão Advogado, e de Maria do Carmo de Carvalho Martins Costa. Fez o curso primário e ginásial no colégio Anchieta, e, após um concurso de seleção, iniciou, aos 16 anos, o de Medicina, tendo obtido o diploma de Doutor em 1922, defendendo tese que foi aprovada com distinção (grau 10).

Começou sua atividade profissional em Lajeado, onde permaneceu por 6 anos. Em 1928, especializou-se em Pediatria com o professor Martinho da Rocha, no Rio de Janeiro.

De 1929 a 1930, permaneceu em Berlim, no Hospital Charité Kinder Klinik, com o professor Adalbert Czerny, que, na época, era a maior expressão da Pediatria mundial.

Em 1932, submeteu-se ao concurso para obter o título de Livre-Docente de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil. Defendeu a tese “Da Tuberculose no Terreno Sifilítico”, tendo sido aprovado novamente com distinção. Após, foi nomeado Assistente da Cátedra de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil da UFRGS.

Em 1938, voltou a Berlim para adquirir novos conhecimentos em Pediatria, acompanhando os cursos dos professores Opitz, Bessan e Zeller, os quais foram interrompidos pelo início da 2ª Guerra Mundial.

Em 1940, foi nomeado Diretor do Ambulatório de Crianças da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Em 1953, foi nomeado Diretor do Hospital da Criança Santo Antônio.

Durante 41 anos, dedicou-se intensamente ao ensino, ao atendimento dos seus pacientes e às crianças pobres, ao Hospital da Criança Santo Antônio e à política.

Exerceu, com entusiasmo, o ensino da Pediatria nos Ambulatórios da Santa Casa e do Hospital da Criança Santo Antônio, onde médicos e estudantes completavam sua formação pediátrica para após, exercerem sua profissão com eficiência. Durante 15 anos, proporcionou aos doutorandos, no fim do ano, um curso com aulas de aperfeiçoamento sobre os mais variados temas de Pediatria: Recém-Nascidos, Puericultura, Doenças Infecciosas e com ênfase especial aos assuntos pedagógicos, problemas emocionais e psicológicos da infância. O ensino baseava-se muito na bioestatística e era enriquecido pela sua grande experiência profissional. Por esses ambulatórios, verdadeiras forjas, passaram e deles saiu substancial parte do brilhante grupo de especialistas que labutam em todos os recantos do Estado.

Além dessa atividade de ensino na Faculdade, ministrou no Departamento Estadual de Saúde, por vários anos, cursos de aperfeiçoamento aos médicos sanitaristas destinados ao Serviço de Assistência à Maternidade e à Infância. Ainda ministrou aulas de Puericultura e Assistência à Infância no Curso de Samaritanos da Cruz Vermelha Brasileira.

De 1943 a 1955, no Instituto de Educação, exerceu a Cátedra de Puericultura, tendo declarado “ter intencionalmente disputado, em concurso, a Cátedra de Puericultura naquele estabelecimento, ponto estratégico a ser atingido por um Pediatra preocupado com os problemas sociais, dado o papel saliente que as professoras primárias devem realizar num plano de sadio desenvolvimento da consciência sanitária do povo”.

Aos trabalhos científicos publicados, deu sempre intenso cunho social, como: “Da Importância do Aleitamento Materno”; “Dos Direitos da Criança ao Seio Materno”. Porém, o que mais se destacou pela sua originalidade das conclusões foi sobre a “Mortalidade Infan-

til no Rio Grande do Sul, Importância da Densidade Demográfica no Estudo do Problema”. Foi apresentado no Congresso Latino-Americano de Pediatria realizado em 1950, na cidade de Montevideu.

Teve intensa vida profissional, atendendo diariamente todas as manhãs, inclusive aos domingos após a missa, as crianças pobres do Hospital da Criança Santo Antônio. À tarde, no seu consultório, atendia seus pacientes e amigos vindos de todos os recantos do nosso Estado. Frequentemente, atendia casos graves em que, com sua inteligência, sua cultura e sua longa experiência, elucidava o diagnóstico. Quando a cura não era possível, o carinho e a dedicação amenizavam muito o sofrimento dos familiares e do doente – com sua atenção e com suas palavras, exercia plenamente a medicina como um verdadeiro sacerdócio.

Desde os tempos acadêmicos, pertenceu ao Partido Libertador, em cuja organização era figura proeminente. Exerceu o mandato de Deputado Estadual Constituinte de 1935 a 1937. Concorreu à deputação Federal pelo Partido Libertador em 1945. Foi candidato do PL e da UDN ao Governo do Estado em 1947 e em 1950, concorreu ao Senado da República, obtendo em todas as eleições apreciável número de votos.

Motivado pelo sucesso alcançado pelos seus trabalhos científicos publicados sobre a mortalidade infantil, resolveu dedicar-se ao término da construção do Hospital da Criança Santo Antônio, que se arrastava por mais de uma década. O Hospital, com suas modernas instalações de Ambulatório e Enfermarias e Centro de Ensino, onde trabalhavam dezenas de alunos, médicos e professores, tendo também um trabalho conjunto com a Secretaria da Saúde, certamente resultaria, como mais tarde os índices demonstraram, em importante redução da mortalidade infantil.

Foi durante 10 anos o Diretor do Hospital da Criança Santo Antônio, tendo sido inaugurada uma placa de bronze comemorativa em sua honra no dia 19 de março de 1963, com os seguintes dizeres: “Ao eminente Prof. Décio Martins Costa, a homenagem da Santa Casa de Misericórdia, de todos os colaboradores e a gratidão das crianças

pobres do Rio Grande do Sul”. Naquele momento, assim ele se manifestou: “Como me faz bem este momento, Sr. Provedor, 10 anos decorridos na atividade deste Hospital, eu poder dizer que não tive sequer um incidente com um colega deste Hospital. Ninguém deu margem a isso, todos compreenderam da mesma maneira como deveriam cumprir o dever”.

Na manhã do dia 26 de agosto de 1963, falecia subitamente, na Faculdade de Medicina da UFRGS, ao apresentar um professor alemão de Pediatria que iria proferir uma conferência sobre Anemia na Infância. Não morreu nos corredores do Hospital da Criança Santo Antônio, como chegara a prever, mas na Escola de Medicina onde estudou, em cujos corredores ele começou sua incessante atividade política, e que também era, certamente, uma parte do Hospital, diante da mocidade que ele estimava, próximo aos seus queridos e fiéis companheiros de trabalho e seus antigos alunos.



Dyonélio Tubino Machado

Em 21/8/1895, em Quaraí, dois anos antes do fim da Revolução Federalista, nasce Dyonélio Machado, filho de Silvio Rodrigues Machado, funcionário de um saladeiro, e Elvira Tubino Machado. Aos 7 anos, perde o pai, assassinado à facada em um episódio até hoje pouco esclarecido. Um ano após, em 1903, começa a trabalhar vendendo bilhetes de loteria, com o que ajuda nas finanças familiares. Para conseguir matrícula para si e para o irmão menor na Escola de Aurélio Porto, recentemente aberta na cidade, toma o encargo de monitor das turmas mais atrasadas. Já completara 12 anos quando foi admitido como servente no jornal semanário *O Quaraí* e pouco depois balconista da livraria de João Antônio Dias, um seu parente. Dyonélio teve uma infância pobre, mas cercada pela palavra, seja na escola, no jornal ou na livraria.

Em 1912, aos 16 anos, deixa Quaraí e chega a Porto Alegre, cidade que contava na época com 180.000 habitantes. Permanece em Porto Alegre até 1914, quando, por ocasião do início da I Grande Guerra, retorna a Quaraí. Em 1921, aos 25 anos, casa-se com Adalgiza Martins, professora de música

Em 1924, aos 29 anos, inicia seus estudos na Faculdade Porto-Alegrense de Medicina. Sua atuação como estudante foi impecável, só raramente obtendo nota inferior a 8. Em 1928, aos 33 anos, faz concurso público para funcionário do Hospital São Pedro, classificando-se em primeiro lugar. No Hospital São Pedro, trabalhou durante trinta anos. Em 1929, obteve seu diploma de Médico e, em

1930 e 1931, especializou-se em Psiquiatria, no Rio de Janeiro. Desde então, passou a exercer sua profissão, em consultório particular à tarde e no Hospital São Pedro pela manhã. Entre 1933 e 1944, publicou os seguintes trabalhos: “Uma definição biológica do crime”; “Eletroencefalografia: alguns aspectos”; “Traumatismo não craniano e afecção orgânica do encéfalo”; “Neurose traumática”.

Manteve durante toda a sua vida uma posição de esquerda, o que lhe causou muitos dissabores. Assim, em 1934, é envolvido na greve dos gráficos da Livraria do Globo, em protesto pela dissolução da Aliança Renovadora Nacional. É preso em quartel militar, na Praia de Belas. Solto, vai para o interior ajudar uma sobrinha doente. Volta a ser preso em 1935, por ocasião da Intentona Comunista. É enviado para o Rio de Janeiro, onde conhece Graciliano Ramos. Em viagem, prisioneiro, vem a saber que *Os Ratos*, seu primeiro romance, acabara de receber o Prêmio Machado de Assis, sendo publicado no mesmo ano. Regressa a Porto Alegre em 1937, no mesmo dia em que ocorre o golpe do Estado Novo. Decidido a não ser preso novamente, foge pelo litoral do RS até Santa Catarina com falsa identidade. Em 1947, é eleito Deputado Estadual Constituinte pelo Partido Comunista Brasileiro, da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Em *Memórias de um Pobre Homem*, publicado postumamente, Dyonélio se refere aos episódios de prisão, ainda que rapidamente, uma vez que ele se dizia infenso às reminiscências pessoais.

Em 1902, aos 7 anos, escreveu os primeiros versos: um poema intitulado “As Calças do Barbadão” sobre um episódio que envolvia pobreza familiar e a costura de uma calça. Aos 16 anos, funda em Quaraí, o jornal *O Martelo* e, em 1912, ingressa numa república de estudantes, onde conhece Alceu Vamosy. “Formávamos um singular grupo a que pertenciam, além do Wamosy, o Souza, o Almir, o Hermínio, o Santana e quejandos – um garçom (o Carlos), um cachorrinho e a lua (...) Esses rapazes reuniam-se no meu ‘quarto’, uma peça pobre de estudante, o tabernáculo da mais sã, da mais efusiva, da mais fluente verve que jamais se produziu em Porto Alegre. A nossa fantasia brilhava mais que um archote. Praticávamos o trocadilho, a sátira, a anedota, mas, sobre-

tudo, fazíamos blague, cousa nova, que inventávamos para o nosso uso e que consistia numa estranha mistura de trocadilhos, anedotas, versos alexandrinos, cafezinhos e caricaturas. Líamos muito e cultuávamos o banho diário e o asseio das unhas. Dávamos o exemplo da mais sólida e desinteressada amizade. Entre nós, o socialismo de bens tomara a sua cristalização definitiva e triunfante...” (Apud TILL, Rodrigues. *Dyonélio Machado: o homem – a obra*. ERF Edições, 1995: 40)

A partir de 1915, passa a colaborar permanentemente com a imprensa, em especial do RS: escreveu artigos para a *Gazeta do Alegrete*, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Diário Carioca* e muitos outros. A partir de 1923, começou a publicar seus numerosos livros:

1923 – *Política Contemporânea* (ensaios políticos); 1927 – *Um Pobre Homem* (contos); 1935 – *Os Ratos*; 1942 – *O Louco do Cati*; 1944 – *Desolação*; 1946 – *Passos Perdidos*; 1966 – *Deuses Econômicos*; 1980 – *Prodígios; Endiabrados*; 1981 – *Sol Subterrâneo; Nuanças*; 1982 – *Fada; Ele Vem do Fundão*.

Em 1979, recebe o Prêmio Especial de Crítica de São Paulo e é empossado na Academia Rio-Grandense de Letras, na Cadeira de Eduardo Guimarães.

Em 1983, o romance *Os Ratos* é editado na França e, em 1985, D. Adalgisa recebe do governo francês a Comenda Ordre des Arts et des Lettres, concedida poucos dias antes da morte de Dyonélio.

Durante sua vida, recebeu as seguintes distinções literárias: Prêmios Machado de Assis, Felipe D’Oliveira, Jaboti e Fernando Chignaglia. Dyonélio Machado teve uma preocupação básica em todas as suas atividades: o ser humano oprimido. Resumindo sua vida, Artur Madrugá assim se expressa: “foi na medicina que teve seu sustento; na política, seu tormento e na literatura, seu alimento”.

Faleceu em Porto Alegre em 19 de junho de 1985 aos 89 anos de idade.



Edmundo Berchon des Essarts

Nasceu ele a 1º de maio de 1864, em São Gabriel. Com o falecimento do pai, então advogado da Madame Lynch, viúva de Solano Lopes, em circunstâncias trágicas, por latrocínio na cidade de Assunção do Paraguai, retornou com a mãe e os irmãos a Pelotas, em janeiro de 1874. Falecido o pai no Paraguai, depois de terminada a guerra, mudou-se a mãe para Pelotas, com toda a família, em janeiro de 1874. Nesta cidade, fez os estudos secundários no colégio do acreditado professor Carlos André Laquintinie. Tirados os exames em Porto Alegre, seguiu para o Rio de Janeiro, em cuja Faculdade de Medicina se matriculou em 1882: cursava o quinto ano quando, devido a um incidente entre os alunos e o professor da cadeira de Farmácia, se transferiu para a Faculdade da Bahia, onde se doutorou, mediante a apresentação de uma tese a respeito do câncer. Depois de formado, permaneceu cinco meses na capital do País, onde trabalhou na Policlínica Geral. Partiu em 1888 para Paris e ali frequentou os cursos de Lucas Championnière, Guyon, Terrier, Tarnier e outros. Regressando em 1889, instalou-se em Pelotas para iniciar a sua longa e notável carreira médica.

Pouco depois, em 31 de março de 1890, é nomeado médico do hospital da Santa Casa de Misericórdia. Nesse mesmo ano, monta à sua custa um laboratório de pesquisas clínicas.

A 2 de setembro de 1893, tornou-se ele médico efetivo da Santa Casa e assumiu a direção de várias enfermarias; iniciou-se então vasto campo para a sua atividade benfazeja. A primeira autoclave, por ele encomendada, a conhecida e reputada casa francesa foi instalada

naquele estabelecimento em 1893. Berchon contribuiu com mesas cirúrgicas, instrumental, utensílios, bem como com donativos em dinheiro.

A ele se deve também a primeira aplicação do soro antidiftérico entre nós, por volta de 1894. Adquirira dez tubos no próprio Instituto Pasteur, de Paris.

Segundo testemunha o prof. Nogueira Flores, da Faculdade de Porto Alegre, foi o Dr. Berchon quem montou o primeiro aparelho de Raios X em nosso País. Obteve primeiro a radiografia da mão do próprio Dr. Berchon e, depois, outras, mais nítidas, foram conseguidas. O improvisado aparelho passou a ser usado largamente e prestou relevantes serviços às clínicas do hospital.

Ele foi quem sugeriu, em 1899, a vinda das Irmãs de Caridade para o hospital, e teve nesse sentido vários entendimentos com os representantes da respectiva ordem. Em 1902, criou na Santa Casa um curso de enfermeiros. Em 1964, aceitou, apesar de seus absorventes deveres profissionais, a provedoria daquela instituição pia, que exerceu durante dois biênios consecutivos. A 2 de janeiro de 1915, passou a exercer o cargo de Chefe do Serviço Cirúrgico do referido hospital.

Tantos e tantos valiosos serviços receberam, por várias vezes, da Santa Casa, a merecida consagração. Para comemorar o trigésimo aniversário da sua constante e modelar atividade profissional no hospital, a Mesa Administrativa e o Corpo Médico da Santa Casa realizaram uma sessão conjunta e fizeram colocar no átrio do estabelecimento uma placa dedicada ao “ilustre cirurgião brasileiro”. Mais tarde, foi-lhe erigido no jardim interno do edifício um busto de bronze com pedestal de granito. A 22 de outubro, data do seu jubileu profissional, ofereceu-lhe a Santa Casa um álbum de veludo, que tinha na capa um cartão de prata lavrada, cercado de grega de ouro, e continha o extrato das atas referentes ao ilustre Irmão Grande Benfeitor, bem como artigos assinados por todos os componentes da Mesa Administrativa, Conselho Deliberativo e Irmãos daquela instituição de caridade.

“Irradiava entre os seus comandados raras qualidades de trabalho e responsabilidade, dentro de rígidos princípios de uma elevadíssima moral.

“Por elevado senso clínico e por claro e preciso raciocínio, era avesso à intervenção sistemática, sábia orientação que os fatos se encarregavam de comprovar.

“No seu longo tirocínio cirúrgico, criou processos puramente seus – muitos deles divulgados com o melhor resultado. Possuía técnica especial, sua, para várias operações; entre outras, uma para cura radical das fístulas vésico-vaginais.

“As suas qualidades de mestre se evidenciaram nos 52 anos de tirocínio cirúrgico no hospital, a que dedicou o melhor de suas energias. Realizava verdadeiras aulas entre seus auxiliares, sobretudo a propósito das mais interessantes intervenções ali feitas. Em todas essas palestras, ia direto e a fundo no assunto, sem pretensões e desinteressado, de todo, de sua pessoa. Nelas confirmava as suas raras qualidades de observador percuciente.

“Não foi, entretanto, um cirurgião somente insigne pela sua maestria, mas pelo dom privilegiado de agremiar e de fazer escola. Assim, ao seu lado foi surgindo uma luzida plêiade de operadores de méritos incontestáveis. E esses, por sua vez, já estão a fazer outros tantos profissionais brilhantes.”

Criou a citada Fundação, destinada a incentivar a instrução e a caridade. Antes de existir essa instituição, já custeara o filantropo o curso fundamental e superior de vários alunos pobres. Os institutos de beneficência e de cultura tinham nele auxílio certo e, muitas vezes, espontâneo, a título de aplauso e incentivo.

Por várias vezes prestou auxílios pecuniários valiosíssimos à Faculdade de Medicina e Farmácia de Pelotas. Na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, instituiu o prêmio D. Amélia Berchon des Essarts, constante de diploma e medalha de ouro e destinado, todos os anos, ao aluno que houvesse feito e concluído o curso com as mais altas notas.

Era multiforme e ativa a sua filantropia. Todos quantos necessitassem de amparo, desde o artista, o médico, o advogado, o jornalista

até o mendigo, todos recebiam o auxílio conveniente. Espírito de tão grande coração não poderia ser insensível à influência das belas artes. Apreciava-as e protegia-as.

Com o apoio de Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva, Benjamim Constant e Campos Sales, juntamente com os companheiros antes citados, fundou ele o primeiro jornal republicano, denominado *República Federal*. Na mesma ocasião, instalou-se a Sociedade Sul-Rio-Grandense. Proclamado o novo regime, o Dr. Berchon fez parte da Comissão Executiva do Partido Republicano de Pelotas. Mais tarde, como fizeram tantos outros, abandonou o partido dominante e fundou na mesma cidade uma ala do Partido Republicano Democrático, dirigido por Fernando Abbott. Era este uma reação contra o regime ditatorial então vigente no Rio Grande. Mais tarde, em 1922, tomou parte saliente numa outra campanha que sacudiu o Estado e, por fim, o levou à revolução, em 1923. Nesse movimento armado, desempenhou papel de grande relevo e alta responsabilidade. Pacificado o Estado com o Tratado de Pedras Altas, reuniram-se as oposições rio-grandenses, constituindo a Aliança Libertadora. O Dr. Berchon ocupou, a princípio, a presidência do Diretório Municipal de Pelotas e, mais tarde, foi membro do seu Diretório Central. Transformada no Partido Libertador aquela união partidária, continuou ele a fazer parte da sua direção suprema, representando papel saliente em toda a agitada vida política daquela quadra, que se caracterizou por várias revoluções. Formada a Frente Única Rio-Grandense para sustentar a candidatura presidencial do Sr. Getúlio Vargas e deflagrada em 1930 a revolução que deveria levá-lo ao governo da Nação, ainda aí coube ao grande cirurgião uma ação notável, principalmente quanto à vitória da insurreição no sul do Estado. Ocupou naquela época, o elevado cargo de membro da Comissão Executiva “Aliança Liberal”. Com esse posto culminante, aproximava-se do término a sua carreira política. Adoentado e, talvez, desiludido, foi-se afastando, sem deixar, porém, de acompanhar com interesse os acontecimentos nacionais.

Foi o político em tudo congruente com o médico. Nunca procurou cargos ou honrarias; na política via apenas o cumprimento de um dever de solidariedade humana.

Tendo-se agravado os seus padecimentos quando se achava no Rio de Janeiro, em fins de 1941, foi ali submetido a uma operação de caráter provisório e regressou a Pelotas em avião especial. Cercado logo pelo carinho de seus amigos e admiradores, que quase se poderiam contar pelos habitantes da cidade, reanimado pelo ambiente acolhedor do pago, ainda sobreviveu alguns meses, graças à sua fortaleza de espírito. Edmundo Berchon era membro da Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro; da Sociedade de Medicina de Porto Alegre; da Associação Francesa de Cirurgia, de Paris; da Sociedade Italiana de Cirurgia, de Roma; do Colégio Americano de Cirurgiões; da Sociedade de Ortopedia, de Roma; e do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, do Rio de Janeiro.

Foi Presidente da Biblioteca Pública Pelotense; residente e fundador da Sociedade Agrícola de Pelotas; fundador do Asilo de Mendigos; Presidente do Jockey-Clube (antigo); Sócio Grande-Benfeitor do Asilo de Órfãos S. Benedicto; Diretor da Escola de Agronomia Eliseu Maciel; Professor Honorário da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Pelotas; Sócio Benemérito Fundador da Sociedade de Cultura Artística de Pelotas e Irmão Grande benfeitor da Santa Casa de Misericórdia.

Faleceu a 14 de março de 1942, aos setenta e oito anos de idade.



Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca

Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca nasceu em Porto Alegre no dia 7 de abril de 1868. Em 1884 concluiu, em Porto Alegre, como aluno distinto, o curso preparatório, no extinto Ginásio São Pedro. De 1885 a 1890 frequentou o Curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesse período conviveu com empolgantes momentos vividos no Brasil: a abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da República em 1889.

Em 1890, defendeu tese de doutoramento, apresentando o trabalho “Tratamento Cirúrgico da Oclusão Intestinal”, tendo sido aprovada com louvor pela unanimidade da banca.

De volta a Porto Alegre, incorporou-se ao corpo docente da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, como responsável pela Cadeira de Anatomia. Junto com as atividades docentes, desenvolveu concomitantemente atividades de cirurgião na Segunda Enfermaria da Santa Casa, de cirurgião interino da Brigada Militar e médico da Correção. Foi também Diretor do Lazareto de Variolosos e médico da Sociedade de Beneficência Portuguesa.

Em 1902 participou na elaboração do primeiro Estatuto da Faculdade, na companhia de Carvalho Freitas, Carlos Wallau, Victor de Britto, Serapião Mariante e Olinto de Oliveira.

Em 1906, um incidente entre a Congregação da Faculdade e os alunos marcou fato político que veio mudar a história da instituição e da vida de Sarmiento Leite. A reprovação da tese do aluno Eduardo Soares Barcellos determinou um conflito insuperável entre os corpos

discente e docente da Faculdade. O conflito se alastrou pela cidade com passeatas de protestos. A congregação houve por bem suspender os estudantes pelo período de um ano, com um único voto contra, o de Sarmento Leite. Em 1907, o Presidente Afonso Pena anulou a ata da Congregação que suspendia os estudantes. Tal atitude gerou uma crise entre o Governo da República e o do Estado.

Em 1909 é inaugurado o Instituto Anatômico, em prédio próprio, construído em terreno cedido pela Santa Casa. Na época, foi o mais moderno das Américas, sendo todo o seu material importado da Europa. O Prof. Sarmento Leite foi seu primeiro diretor.

Em 1915, Sarmento Leite foi eleito, pela primeira vez, Diretor da Faculdade de Medicina, cargo que ocuparia por eleições sucessivas, devido a sua grande obra e méritos acadêmicos, até o ano de 1935. Nesse período de sua profícua administração, deve-se destacar que, pelo bom relacionamento que tinha com a Administração da Santa Casa, assumiu suas enfermarias e entregou-as aos professores da Faculdade, iniciando aí a atividade docente-assistencial da Faculdade.

No período de sua administração, ocorreu uma renovação do corpo docente, com a incorporação de alunos recém-formados de maior destaque durante o curso, dentre eles: Guerra Blessmann, Eli-seu Paglioli, Pereira Filho, Raul Pilla, Ney Cabral, Fábio de Barros, Celestino Prunes, Moisés Menezes, Bruno Marciaj, e muitos outros que, pelo seu trabalho tanto na vida acadêmica e administrativa da Faculdade como na política, vieram solidificar a instituição e engrandecer o nosso Estado.

Como atuação política e acadêmica de Sarmento Leite salienta-se sua participação na memorável reunião dos acadêmicos de Medicina e de Farmácia no Cinema Odeon, em 1912, quando, por proposição do acadêmico de Medicina Fernando Paula Esteves, foi fundado o centro Acadêmico de Medicina e de Farmácia. Destaca-se que o professor Sarmento Leite foi o único professor a participar da histórica reunião.

Em 1919, durante mais uma greve dos acadêmicos de Medicina, foi morto por um soldado da brigada militar o doutorando Josino

Vasconcelos Chaves. Esse episódio criou grande agitação na cidade, gerando condições que propiciaram a intervenção do Estado na Faculdade. Os ânimos foram serenados através de um discurso de conciliação proferido pelo diretor Sarmento Leite no ato de sepultamento do acadêmico.

De 1915 a 1924 dedicou-se à construção do prédio da Faculdade, obra gigantesca para a época, sendo considerada, pela sua beleza e grandiosidade, um dos monumentos mais importantes da cidade. A construção do prédio foi feita com recursos particulares e durante um período de grandes dificuldades, decorrentes da Primeira Guerra Mundial.

Em 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência da República, um novo clima de relacionamento humano se estabeleceu. O diretor Sarmento Leite propiciou condições de reatamento das relações entre o Estado e a Faculdade, rompidas havia muitos anos. Desse relacionamento e com o advento da Nova República, através da Revolução de 1930, estabeleceram-se condições para que a faculdade de Medicina fosse federalizada. Essa nova era propiciou a criação do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul e a regulamentação da profissão médica, programas há muito desejados, mas não consubstanciados pela classe, devido à predominância das ideias positivistas, reinantes no Governo do Estado até então.

Como professor e médico, levou a assistência e o ensino para a comunidade. Em 1901, durante a epidemia de peste bubônica, o professor Sarmento Leite, junto com os alunos, assumiu a chefia das medicinas profiláticas e de assistência na área compreendida pelas ruas Barros Cassal e Cristóvão Colombo. Essa mesma ação ocorreu em 1917, quando da epidemia de gripe espanhola. Na época, como Diretor da Faculdade, coordenou, junto com os alunos, as ações de assistência e ensino em um dos hospitais de campanha montados para tal fim.

Morreu vítima de pneumonia, na sua residência, à rua Senhor dos Passos, no dia 24 de abril de 1935, aos 67 anos de idade.



Elyseu Paglioli

Elyseu Paglioli nasceu na cidade de Caxias do Sul em dezembro de 1898, transferindo-se mais tarde para São Francisco de Paula, onde iniciou seus primeiros estudos.

São Francisco foi uma cidade com a qual manteve grande vínculo afetivo até os seus últimos dias.

Em 1914, veio para Porto Alegre, onde, trabalhando em uma farmácia, se preparou para os exames de seleção da Faculdade de Medicina, na qual ingressou em 1919. Durante o curso passou a demonstrar grande interesse pelo ensino, tendo sido convidado para monitor da então Cátedra de Anatomia. No final do ano de 1923, graduou-se em Medicina, defendendo tese de doutoramento com o título “Relações do Ouvido Médio com o Ápice do Rochedo”. As estreitas relações que manteve com o professor Sarmiento Leite, patrono da Faculdade de Medicina, professor de Anatomia e então Diretor da Faculdade, propiciaram o início de uma longa e profícua carreira universitária.

Seu desejo de adquirir novos conhecimentos levou-o a dedicar-se a mais uma especialidade médica: a obstetrícia. Em 1925, realizou, nessa área de conhecimento, sua primeira Docência-Livre, defendendo tese sobre “Estudo do Líquor Folicular e sua Ação sobre o Aparelho Genital Feminino”.

Sem abandonar sua atividade docente em obstetrícia, continuou trabalhando no Laboratório de Anatomia, do qual se tornou chefe. Sua vocação pelos estudos anatômicos fez com que realizasse um segundo concurso universitário na Cátedra de Anatomia. Em 1928, conquistou o título de Livre-Docente de Anatomia, tendo apresen-

tado a tese “Estudo sobre a Circulação Venosa dos Núcleos Pardos Centrais do Cérebro”. Sua incessante busca por novos conteúdos persistia. Em 1937, obteve seu terceiro título universitário mediante Concurso para Livre-Docente em Clínica Propedêutica Cirúrgica. Em 1938, alcançou a titularidade, em concurso de cátedra, nesse mesmo setor de conhecimento. Sua tese, nessa ocasião, foi a clássica monografia “Ventriculografia”.

Em 1931, passou cerca de um ano na Europa, onde fez estágios em centros de cirurgia geral, dedicando a maior parte do tempo à sistematização de seus conhecimentos em doenças neurocirúrgicas.

Na França, manteve contato com o Professor Thierry De Martel, em cujo serviço estagiou. Desde então apaixonou-se definitivamente pela neurocirurgia e, progressivamente, foi se afastando da cirurgia geral, centrando suas atividades nas doenças cirúrgicas do sistema nervoso. Conseguiu, com o seu prestígio, sensibilizar as autoridades a auxiliarem a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e logrou construir o prédio do Instituto de Neurocirurgia, inaugurado em 1946. Foi aí que, auxiliado por dois eminentes médicos, o professor de Oftalmologia Ivo Correa Meyer e o neurologista Frederico Ritter, definiu a especialidade em nosso meio e iniciou a formação de novos neurocirurgiões. Por ter sido um dos primeiros a exercer a especialidade como rotina, foi homenageado pela Sociedade Brasileira de Neurocirurgia com o título de Pioneiro da Neurocirurgia no Brasil.

Seu temperamento inquieto e criativo projetou-o além dos limites geográficos do país, aproximando-o de neurocirurgiões do Uruguai e da Argentina, através de encontros repetidos que constituíram o embrião dos Congressos Latino-Americanos de Neurocirurgia, os quais se iniciaram em 1945 sob a presidência de Alejandro Schroeder, em Montevideu. Em 1951, realizou, em Porto Alegre, sob sua presidência, o IV Congresso Latino-Americano de Neurocirurgia.

Sua atividade criadora levou-o a participar dos encontros preliminares que geraram a atual Federação Mundial de Sociedades de Neurocirurgia (World Federation of Neurosurgical Societies), da qual participou como membro das comissões organizadoras. O in-

tenso intercâmbio permitiu que granjeasse estima em diversos países latino-americanos, tornando-se membro honorário das universidades nacionais da Argentina e do Chile, e da Academia Nacional de Medicina de Medelin, na Colômbia. Em 1969, tornou-se membro da Harvey Cushing Society, o mais significativo foro na especialidade nos Estados Unidos da América do Norte.

No Brasil, participou da fundação da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, da Academia Brasileira de Neurologia e da Academia Brasileira de Neurocirurgia. Da primeira, por duas vezes, presidiu seus congressos bianuais.

A sua intensa atividade cirúrgica, sua hábil capacidade aglutinadora e seu temperamento afetivo fizeram com que congregasse, por vários anos, um numeroso grupo de neurocirurgiões – sobre os quais mantinha uma liderança incontestada.

Talvez a neurocirurgia e a medicina fossem insuficientes para preencher a sua exuberante capacidade de trabalho. Em 1951, tornou-se Prefeito de Porto Alegre. No ano seguinte, foi chamado para atender os problemas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atingiu o cargo de Reitor. Nos seus doze anos de reitorado, construiu a maioria dos prédios onde ainda hoje se aloja a Universidade, dando-lhe uma forma física. Sua obra está documentada no livro *Universidade do Rio Grande do Sul: Uma Fase em sua História*. Nesse período, sua atividade acadêmica só foi interrompida durante o tempo em que ocupou o Ministério da Saúde do governo parlamentarista.

Faleceu em Porto Alegre no dia 22 de dezembro de 1985.

Difícil é caracterizar um homem com tantas facetas. Seria necessário contar muitas histórias dos seus múltiplos amores: a medicina, a neurocirurgia, a política, a família, os amigos, as caçadas. Mas fica a lembrança do seu talvez maior amor: o amor pelo viver.



Estela Budianski

Estela Budianski nasceu em Santa Maria em 5 de agosto de 1910. Fez os estudos primários no Curso de Aplicação da Escola Normal nº 7 de Buenos Aires e o secundário na Escola Normal de Porto Alegre e no Ginásio Sevigné.

Formou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1939. Especializou-se em Pediatria, tendo frequentado o curso supletivo do Professor Décio Martins Costa e o Curso de Tisiologia do Departamento Estadual de Saúde.

Fez viagens de estudo a Buenos Aires, Montevidéu e Rio de Janeiro.

De seus trabalhos publicados destacam-se: “Organização do Serviço de Higiene em Montevidéu e Buenos Aires”, “O Ensino da Puericultura nas Escolas Primárias”, “Índice Tuberculínico em Pré-Escolares e Escolares de Porto Alegre”, “Relações entre Varicela e Alastrim”.

Desempenhou funções de professora pública até 1938, foi ex-interna da Enfermaria 20 da Santa Casa de Misericórdia e do Ambulatório de Clínica de Crianças e Higiene Infantil da Santa Casa. Ex-médica do Serviço de Higiene Infantil do Centro de Saúde n. 2, Inspectora Médico-Escolar do Departamento Estadual de Saúde e Assistente do Serviço de Clínica de Crianças e de Higiene Infantil da Santa Casa de Misericórdia.

Concorreu à Cátedra de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFRGS em concurso que não chegou a ser concluído devido a problema grave de saúde da outra candidata, Professora Maria Clara Mariano da Rocha (cadeira 46).

Faleceu em 14 de maio de 1969.



Flávio Kroeff Pires

Flávio Kroeff Pires nasceu em 15 de outubro de 1917, em Porto Alegre, filho de Mario Vieira Pires e Cecy Kroeff Pires. Coursou o Ginásio Anchieta, onde completou o ensino do 2º grau, matriculando-se para o vestibular na então Faculdade de Medicina de Porto Alegre, hoje UFRGS. Coursou medicina de 1933 a 1939, colando grau aos 22 anos, o mais moço entre os formandos.

Logo após a formatura, foi trabalhar em uma pequena comunidade do interior do Rio Grande do Sul, na Linha São Salvador, distrito de Cerro Largo. Lá permaneceu por 3 anos como médico generalista. Como se tratava de uma pequena comunidade, é provável que tenha sobrado tempo ao Dr. Flávio para pensar muito no seu futuro profissional. É possível que tenha consolidado lá o seu sonho de contribuir de forma tão marcante para a anesthesiologia gaúcha.

Em 1942, estava de volta a Porto Alegre, decidido a ser um anesthesiologista.

Mas onde buscar conhecimento científico seguro se no ambiente, na época, a anestesia era feita pelas irmãs ou enfermeiras, orientadas pelos cirurgiões, que orientavam o trabalho de quem realizava a anestesia ao mesmo tempo em que se encarregavam da execução do ato cirúrgico em si? É dessa época o aparecimento da velocidade do cirurgião na execução da cirurgia, pois, quanto antes estava o paciente livre do trauma cirúrgico, menor seria o risco da exposição aos agentes anestésicos.

No final de 1943 e início de 1944, Flávio Kroeff Pires vai a São Paulo buscar ensinamentos de anesthesiologia com Oscar Vasconcellos

Ribeiro e Reynaldo Neves de Figueiredo e, no mesmo ano, também passou vários meses no Rio de Janeiro, acompanhando o Dr. Mário Castro D'Almeida.

Voltou a Porto Alegre no início de 1945 e iniciou uma atividade que pode ser considerada como febril, tal a intensidade e multiplicidade de tarefas que assume.

Em 1945, organizou o Serviço de Anestesiologia e Reanimação do Pronto Socorro de Porto Alegre. São ajustadas as bases de trabalho através de um contrato de locação de serviços entre a Prefeitura de Porto Alegre e o Dr. Flávio. Este passou a prestar serviços de anestesiologia em horas definidas e sempre que houvesse necessidade.

Foi Diretor do Serviço de forma consecutiva pelo período de 25 anos. Sendo essa uma posição também de escolha política, vê-se o quanto a liderança científica e associativa do Dr. Flávio despontava entre seus pares, para permanecer ele por um quarto de século à frente da chefia de um cargo público.

Sendo a Santa Casa de Porto Alegre o hospital de ensino da Faculdade, a atividade assistencial e de ensino da maioria dos professores era feita na Santa Casa. Havia uma sobreposição de funções, em que o professor da disciplina era o Chefe do Serviço da Santa Casa. Havia também, na época, a figura do assistente voluntário, que mais tarde desapareceu, por razões de ordem trabalhista.

O Dr. Flávio teve intensa participação na Santa Casa. Em 6 de agosto de 1945, o Provedor da Santa Casa, Archimedes Fortini, e o Diretor de Clínicas Hospitalares, Isidro Heredia, nomearam o Dr. Flávio K. Pires para exercer a função de Médico Anestesta na Enfermaria 31, por proposta do Diretor da Enfermaria de Urologia de Homens, Dr. Homero Fleck.

Em 1º de outubro de 1946, o CTA da Faculdade, a pedido do prof. Luis Sarmiento Barata, aprova a indicação do Dr. Flávio Kroeff Pires para assistente voluntário da disciplina de Clínica Urológica.

A 14 de outubro de 1957, o CTA da Faculdade aprova a proposição do prof. Duilio Perrone, indicando o nome do Dr. Flávio Kroeff

Pires para Consultor Voluntário de Anestesiologia na 2ª Cadeira de Clínica Cirúrgica.

A 30 de setembro de 1959, o CTA da Faculdade de Medicina aprova a proposição do prof. Rubens Maciel, indicando o nome de Flávio Kroeff Pires para Consultor de Anestesiologia da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica.

Não havia na época a disciplina de Anestesiologia, razão pela qual o Dr. Flávio ministrava cursos para divulgação da especialidade, alguns oficializados pela Faculdade e outros através do Centro de Estudos do HPS.

No ano de 1947, entre os dias 6 de fevereiro e 7 de março, ministrou na Faculdade de Medicina, devidamente autorizado pelo Conselho Técnico Administrativo, o Curso Livre de Anestesiologia, destinado a alunos das três últimas séries, contando com 13 inscrições.

Em 6 de novembro de 1951, o Diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em ofício encaminhado ao prof. Jacy Carneiro Monteiro, baseado em decisão do CTA, em sua reunião de 31.10.51, nomeia a banca examinadora para defesa de tese de doutoramento do médico Flávio K. Pires. A banca designada era formada pelos professores Loforte Gonçalves, Gert Einchenberg, João de Almeida Antunes e José Éboli.

O Dr. Flávio doutorou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre no dia 14.11.51.

O título de sua tese foi “Uso de Anidrido Carbônico de William B. Drapper nos Aparelhos de Narcose em Circuito Fechado Circular”.

Como era esperado e necessário, deu amplo conhecimento do conteúdo de sua tese, distribuindo-a aos seus colegas no Congresso de Anestesiologia realizado no Rio de Janeiro em 1952.

Para dar suporte ao trabalho fora da Santa Casa, fundou em 13.06.50 o Serviço Médico de Anestesia (SMA), associado na época aos Drs. Eugênio Mentz, José Kalil e Sergio Beirão.

Premido pelas dificuldades de importação de equipamentos, o Dr. Flávio e seu leal companheiro, Eugênio Mentz, decidem desenvolver um respirador automático.

Em 1952, registram a patente de invenção do respirador automático denominado Alternator, fabricado pela Metalúrgica Aço Técnica.

Em 19 de abril de 1959, o Departamento Nacional de Propriedade Industrial, vinculado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, concede aos Drs. Flávio Kroeff Pires e Eugênio Mentz a Patente de Invenção de número 47.674 do “aparelho para respiração artificial automática mediante insuflação e sucção alternadas com controle de frequência, pressões e proporções entre ambas as fases”.

Esse equipamento foi descrito na *Revista Brasileira de Anestesiologia* (Vol 13:75-81,1953). Se não prosperou como projeto industrial, provavelmente se deve a múltiplos fatores. Entre a concepção de um equipamento, demonstração de sua eficácia, estratégia de fabricação, comercialização e divulgação existem tantas etapas envolvendo tantas pessoas, que só as estruturas tipicamente industriais podem levar adiante projetos dessa natureza.

Ao longo de sua vida profissional, foi um homem muito participante nas atividades associativas. Em julho de 1948, foi aceito como Membro da American Society of Anesthesiologists e, em agosto do mesmo ano, recebeu o título de Anesthetist Fellowship da International Research Society.

Homem bem relacionado aqui no Brasil e fora dele na emergente área da anestesiologia, publicou fora trabalhos científicos sobre anestesiologia. Quando, porém, surgia o primeiro número da *Revista Brasileira de Anestesiologia*, inscrevia seu nome com um trabalho, cujo título era “Algumas considerações acerca da semiologia circulatória durante as intervenções cirúrgicas, do ponto de vista da clínica anestesiológica”.

Na SBA, o Dr. Flávio Pires ocupou praticamente todos os cargos. Foi, no ano de 1952, membro da Comissão para estudo das bases e dos regulamentos para a expedição do título de Especialista em Anestesiologia.

Nos anos seguintes, foi Segundo Secretário em 1953, Presidente da SBA em 1954, e Membro do Conselho Consultivo da SBA nos anos de 56, 57 e 58. Em 1957, foi Membro da Primeira Comissão

Examinadora do Título de Especialista, mas, para dar exemplo aos mais jovens, ele, que já era doutor e especialista em Anestesiologia, submeteu-se à prova para obtenção formal do Título de Especialista.

Foi eleito Presidente da SBA no Congresso de Belo Horizonte e tinha como seu colaborador local o Dr. Paulo Cruz Maya, como seu Segundo Secretário.

Como Presidente da SBA, foi extremamente ativo no momento em que se desenhava uma crise que conseguiu evitar, graças a sua ação imediata. Os documentos publicados no *Boletim Anestesia*, de número 7, de 1954, são testemunhas de sua determinação. Sua posição no artigo “Em defesa da anestesiologia” marcou muito bem sua posição intransigente na defesa da especialidade em nosso meio, buscando fora do Brasil suporte para sua posição e reconhecimento no Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina.

O Dr. Flávio K. Pires foi sócio fundador e primeiro secretário da Sociedade de Anestesiologia do RS em 1951. Foi seu Presidente em 1952, membro da Comissão de Exames do Departamento em 1969. Membro da Comissão Especial de Regulamentação das resoluções do protocolo em 1970.

Na AMRIGS, foi membro da Comissão de Finanças no ano de 1957. Quando a AMRIGS publicou seu primeiro número da *Revista AMRIGS*, o Dr. Flávio publicava o artigo “O essencial em anestesia geral”.

Afastou-se da atividade precocemente, quando a doença cérebro-vascular o atingira, impossibilitando a continuidade de uma das mais fecundas vocações médicas do nosso meio.

Flávio Kroeff Pires, antes de deixar a atividade médica, deixou duas manifestações muito importantes para a Anestesiologia do Rio Grande do Sul. A primeira, uma carta que destinou aos seus colegas de trabalho no Hospital de Pronto Socorro, documento em que demonstra a mesma determinação profissional que lhe norteou a vida. Nela faz críticas à administração pública na área da saúde, que muitos anos após continuavam corretas. A segunda carta, datada em 25 de abril de 1975, é encaminhada ao Presidente do Departamento de

Anestesiologia da AMRIGS, Luis Alfredo Yung. Nesta, o Dr. Flávio resgata para si, com toda a justiça, a divulgação em nosso meio da anestesiologia como nova especialidade médica bem definida, feita em Sessão da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, em 5 de maio de 1945.

Comente à sua felicidade em ver, 30 anos depois, a anestesiologia perfeitamente incorporada no seio das demais especialidades, merecendo o respeito de todos, pela profícua contribuição à Medicina. Abre seu coração para agradecer aos seus mestres, Mario C. de Almeida Filho, Oscar Vasconcellos Ribeiro e Reynaldo Neves de Figueiredo.

Este é um resumo da história deste anestesiologista exemplar, pois foi pioneiro, decano, professor, líder, médico.



Francisco de Castilhos Marques Pereira

Francisco de Castilhos Marques Pereira nasceu em 22 de setembro de 1906, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Filho de João Baptista Marques Pereira e de Clara de Castilhos Marques Pereira. Foi aluno do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, onde obteve toda sua formação pré-universitária. Coursou a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, graduando-se em 1929, quando defendeu tese sobre “O Parasita da Tuberculose e o BCG”, obtendo o título de Doutor em Medicina. Esse trabalho outorgou-lhe o prêmio “Medalha de Ouro Osvaldo Cruz”. Ao longo do curso de Medicina, foi monitor de Histologia, interno do Instituto Pereira Filho e da Assistência Pública de Porto Alegre, atual Pronto Socorro Municipal.

Casou-se em 29 de julho de 1929 com Zilda Maria Fontoura Escobar, com quem teve sete filhos: Ruth Maria, João Pedro, Francisco, Sílvio Antônio, Clara Maria, Roque Antônio e Virgínia Maria.

Em 1930, médico recém-formado, exerceu sua profissão na cidade de Boa Vista do Erechim, hoje Erechim. Em 1932, incorporou-se ao serviço de saúde da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, no posto de 1º Tenente Médico, participando ativamente da revolução do mesmo ano. Em 1933, mediante concurso público, obteve o título de Livre-Docente da cadeira de Histologia e Embriologia da UFRGS. Em 1938, foi promovido a Capitão Médico e nomeado Chefe do Laboratório de Pesquisas Médicas da Brigada Militar. Em 1945, foi promovido ao posto de Major

Médico e nomeado diretor do Hospital Geral da Brigada Militar, de Porto Alegre, onde prestou relevantes serviços à comunidade integrante dessa força pública, granjeando inúmeros amigos. Nesse mesmo ano, prestou concurso para Professor Catedrático de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina da UFRGS, quando apresentou e defendeu a tese intitulada “Do Condrioma Animal”, sendo nomeado em 1946.

No ano de 1948, fundou o Laboratório de Análises Clínicas Marques Pereira.

Promovido por merecimento ao posto de Tenente-Coronel Médico da Brigada Militar, foi designado Chefe do Serviço de Saúde da instituição, cargo que exerceu até 1955, quando, a pedido, foi transferido para a reserva, no posto de Coronel Médico.

Durante sua vida universitária, além de participar de inúmeras bancas de exames e de concursos, sempre exerceu a função docente, em sala de aula. Publicou vários trabalhos, dentre os quais destacamos: “Arcabouço fibro-elástico do pulmão”; “Histoquímica”; “Leucobases e metacromasia” e “Histofisiologia do reticulócito”. Em 1964, foi eleito, por seus pares, Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo reeleito em 1968, exercendo dois mandatos consecutivos. Durante esse período, foi muito homenageado por seus colegas docentes, bem como demonstrou possuir grande habilidade na interação com os estudantes, em uma época de grande agitação política.

No ano de 1967, foi convidado a assumir a Secretaria dos Negócios de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, no governo de Walter Perachi de Barcellos. No período em que esteve à testa dessa Pasta, reestruturou o serviço, criando vários postos de saúde, em Porto Alegre e em municípios do interior do Rio Grande do Sul. Foi um período de grande atividade, não somente local, mas de estabelecimento e estreitamento de vínculos com os países do Mercosul.

Destacaram-se, durante sua gestão na Secretaria da Saúde, as seguintes ações de implantação e implementação de serviços:

- criação da Unidade de Planejamento, impulsionando a reforma administrativa;
- vigilância epidemiológica, conquistando a erradicação da varíola no Estado, em 1970;
- Escola de Saúde Pública, com atividades de formação e treinamento de pessoal, através de cursos, em colaboração com a UFRGS;
- Centro Médico Social São José do Murialdo, marco na experiência em saúde comunitária e no ensino de saúde pública;
- criação da Superintendência Médico-Sanitária, para coordenar atividades de saúde pública, destacando-se a coordenação de 274 unidades sanitárias;
- Nutrição, com a colaboração da Organização Pan-Americana de Saúde, quando se realizou levantamento antropométrico em crianças de 1 a 5 anos de idade, constituindo-se em modelo para pesquisa de saúde em nosso meio;
- no Instituto de Pesquisas Biológicas (IPB), destacou-se a pesquisa e produção de vacinas antivariólica e antirrábica, esta última considerada uma das melhores do Brasil;
- remodelação do Hospital Sanatório Partenon;
- criação do novo Instituto de Cardiologia, graças a um convênio com a Fundação Universitária de Cardiologia e a Faculdade Católica de Medicina, tornando-se uma instituição destinada ao estudo, tratamento dos problemas cardiovasculares e formação de especialistas na área;
- reformas parciais em vários setores do Hospital Psiquiátrico São Pedro e criação de 11 ambulatórios de saúde mental, 4 em Porto Alegre e os restantes no interior do Estado.

Para a execução dessas tarefas, o Professor Marques Pereira percorreu 50.000 km, por todo o Rio Grande do Sul, em busca do apoio e da participação da comunidade na luta pela saúde. Realizou, também, viagens de estudos e participou de missões oficiais em programas de saúde pública, aos Estados Unidos, Canadá, Uruguai,

Argentina e Peru. Proferiu inúmeras conferências sobre Ciências Básicas, Saúde Pública, Administração e Planejamento em Saúde Pública e Educação Sanitária. Recebeu várias condecorações e honrarias: Cidadão Honorário de Três de Maio (RS) e das cidades de New Orleans e Lake Charles, do Estado de Louisiana, Estados Unidos. Foi membro de diversas associações de classe: Associação Médica Brasileira (AMB), Associação Médica do Rio Grande do Sul, Associação Paulista de Medicina, Departamento de Patologia Clínica (em 1960, recebeu o título de Médico Patologista Clínico, exarado pela AMB) e membro fundador da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, sendo Patrono da cadeira nº 25.

As Qualidades Humanas e Técnicas de Francisco de Castilhos Marques Pereira estimularam iniciativas nos mais variados setores, contribuindo, de maneira decisiva, para a educação médica, para ciência e saúde de nosso Estado.

Em suas horas de lazer, dedicava-se a ouvir música erudita e a viagens de automóvel, fazendo questão de dirigir seu carro. Refugiava-se, aos finais de semana, em sua residência de verão, na praia de Imbé.

Teve a felicidade de possuir e cultivar grandes amigos. Marido e pai carinhoso, tinha, pela família, um zelo extremado. Personalidade bondosa e agregadora, transmitiu aos seus filhos e discípulos a importância do trabalho, o cultivo da amizade e, sobretudo, respeito aos valores humanos.

Em 9 de julho de 1972, ainda no exercício da direção da Faculdade de Medicina, faleceu, na cidade do Rio de Janeiro, vítima de ruptura de aneurisma aórtico-abdominal. Além da viúva e dos filhos, deixou 17 netos.



Franklin Olivé Leite

Franklin Olivé Leite nasceu em Pelotas a 22 de dezembro de 1900, filho de Manoel Valente da Costa Leite e de Maria Cecília Olivé Leite. Iniciou seus estudos na cidade natal e logo se transferiu para o Rio de Janeiro, onde foi aluno do Ginásio Anglo-Brasileiro e do Colégio Pedro II. Após, cursou a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em que se doutorou ao defender a tese “Localização da Tuberculose Pulmonar e Vias de Infecção”. Sua conclusão de curso foi festejada em 01.12.1927. Quando se iniciaram as especializações, buscou formação em Clínica Médica, Doenças Mentais, Psiquiatria e Cardiologia. Fez curso no Instituto de Psiquiatria do Rio de Janeiro em 1941 e de Cardiologia e Eletrocardiografia no Instituto de Cardiologia da Municipalidade de São Paulo. Participou do 1º Congresso Médico da Fronteira. Dentre seus trabalhos publicados, destacam-se “Vias de Infecção e Localização da Tuberculose Pulmonar”, “Convulsoterapia na Esquizofrenia e Psicoses Tóxicas”. Foi diretor do Sanatório Henrique Roxo, exercendo as funções de chefe do Serviço de Doenças Infectocontagiosas da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Foi inspetor federal de Ensino Superior junto à Faculdade de Farmácia e Odontologia e foi presidente da Sociedade de Medicina de Pelotas. Fundou a Clínica Olivé Leite logo após a Revolução de 1930. A clínica passou a ser o primeiro hospital do interior do Rio Grande do Sul especializado em Psiquiatria, o segundo do gênero no Estado e o quarto não governamental no país. Era um entusiasta da instalação de Faculdades de Filosofia, de Medicina e da consequente Universidade Pelotense, já quando era prefeito

da cidade o Dr. Joaquim Duval, que comungava das mesmas ideias. Participou ativamente dos esforços para a criação da Faculdade de Medicina da Universidade Católica de Pelotas, junto com o bispo Dom Antônio Zattera, Joaquim Assumpção Osório e outros pioneiros. Foi escolhido como o primeiro diretor da faculdade e não mediu esforços para viabilizá-la. Aproveitou médicos destacados da cidade e foi buscar em outros centros no Brasil e no exterior professores para qualificar o corpo docente da nova faculdade. Foi assim que veio de Belo Horizonte o professor Moacir Vitorino Jardim para instalar o Departamento de Morfologia. Do exterior chegaram os professores Giovanni Barufa, da Universidade de Padova, e José Ignacio de Ispizua y Uribarri, da Universidade de Madri. O professor Mário Brum Braga transferiu-se para Pelotas em função da faculdade e lá compareceram para dar aulas os professores Tuiskon Dick, Nelson Aspezzi e Clóvis Bopp. A utilização da tradicional Santa Casa de Misericórdia de Pelotas como hospital-escola foi providencial, bem como da Clínica Olivé Leite para apoio ao ensino da Psiquiatria. Esses hospitais prosseguiram no apoio à Faculdade Católica mesmo após a existência do seu Hospital Universitário.

A Clínica Olivé Leite teve grande desenvolvimento sob a direção do Dr. Sérgio Olivé Leite, filho do fundador. Passou a hospital de ensino reconhecido pelo Ministério da Educação, servindo como hospital-escola para as duas Faculdades de Medicina de Pelotas, bem como para cursos de enfermagem e de formação de pessoal especializado na assistência psiquiátrica. Nela funcionava a residência em Psiquiatria da Faculdade Federal de Pelotas. Serviu de sede para o Núcleo para Pesquisa em Saúde Mental e Informática Aplicada, coordenado pelo Dr. Fábio Gastal Olivé. Os avanços obtidos e a inserção na comunidade levaram a Clínica Olivé Leite a receber nos anos de 1996 e 1997 o Prêmio Qualidade Total RS. Mas o sucesso despertou animosidades, sobretudo na área da Assistência Psiquiátrica do SUS, decidida a evitar hospitalizações psiquiátricas, ainda que atropelando o bom senso. Trabalhando com 80% dos seus duzentos leitos ocupados pela previdência, a clínica optou por encerrar suas

atividades em pleno apogeu, antes que se tornasse inviável. Toda uma história que se iniciou com o Dr. Franklin em 1931 e que deu tantos frutos teve sua evolução alterada por orientações governamentais sem conexão com a realidade.

O professor Franklin Olivé Leite foi casado com dona Lacy Soares Leite, com quem teve os filhos Fany, Vanisa e Sérgio. Faleceu em Pelotas no dia 8 de outubro de 1971, aos 70 anos de idade. Foi velado no salão de atos da Universidade e a missa de corpo presente ocorreu na capela da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.



Frederico Ritter

Nosso biografado foi desde cedo influenciado por seu pai, técnico em cerveja, um tio pesquisador, autodidata e dedicado aos negócios da fabricação da cerveja. Em 1917, Carlos Ritter doou a sua casa para a Prefeitura com a finalidade de fazer vacinas para o tratamento de doenças humanas e animais, que, mais tarde tornou-se a sede da Faculdade de Medicina de Pelotas, que passou depois a integrar a Universidade Federal de Pelotas.

Frederico Ritter fez os estudos primários em Pelotas, e o secundário como interno do colégio da Sociedade de Auxílios Mútuos, mantida pela comunidade alemã de Porto Alegre. Este colégio, que era conhecido como Colégio Alemão, durante a guerra foi obrigado a mudar de nome, passando a chamar-se Colégio Farroupilha.

Na adolescência, Ritter sofreu uma grave infecção renal, que o obrigou a permanecer no leito por vários meses e que muito influenciou nos seus hábitos durante toda a vida. Por motivo dessa doença, a sua mãe, já viúva, levou-o para tratamento na Suíça, transferindo-se posteriormente para a Alemanha. Em função da doença, Ritter passou a ter a vida muito regrada. Sempre teve muito cuidado com a alimentação e fazia repouso. Sempre teve interesse pelo estudo das ciências exatas, especialmente a Matemática. Esse interesse persistiu por toda a vida. Em 1945, quando saiu o livro de Wiener sobre *Cibernética*, mandou buscar um exemplar, que leu e anotou cuidadosamente. A Cibernética foi a precursora da Informática. O seu curso de Medicina foi feito na Alemanha. O curso superior foi iniciado na Universidade de Göttingen, transferiu-se para Halle, onde conheceu uma colega, com quem se casou ainda estudante.

Ritter defendeu tese de doutoramento em 1928 em Berlim, após foi convidado por Förster para trabalhar na Universidade de Breslau. Assim, a formação de Ritter como Neurologista foi feita na Universidade de Breslau, sob a orientação do Prof. Förster. Esta cidade pertencia à Alemanha até a Segunda Guerra Mundial, depois foi anexada à Polônia e passou a chamar-se Vroclaw.

Durante o primeiro terço deste século, o serviço de Förster era considerado a Meca das Ciências Neurológicas do mundo. O seu chefe era homem de invulgar cultura, dedicou-se aos estudos de Neurofisiologia, da Clínica Neurológica e da Neurocirurgia. Neste ambiente de estudo e pesquisa, guiado pelo genial Förster, Ritter fez a sua formação. Ele iniciou em 1928 e saiu em 1933 para voltar ao Brasil. Ritter não pretendia sair de Breslau, porém com a ascensão dos Nazistas ao Governo da Alemanha, começaram a acontecer perseguições, com as quais ele não concordava. Na época, havia uma grande quantidade de judeus entre os professores mais destacados nas Universidades alemãs. Entre estes havia muitos amigos de Ritter, que não fazia discriminação religiosa. Ele era evangélico, porém tinha entre seus amigos pessoas de todas as religiões. Dentro da Universidade de Breslau, Ritter assimilou toda a cultura neurológica conhecida e, principalmente, a metodologia científica alemã. O que ele aprendeu transparece no principal trabalho, que foi sua tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de Medicina. A dificuldade com a Faculdade de Medicina aparece quando ele se inscreveu para defender tese de Livre-Docência em Neurologia, em 1938. Ele realizou um trabalho notável, que honraria qualquer Universidade. Era um trabalho que estaria entre os melhores da Universidade de Breslau se lá tivesse sido apresentada. A sua tese tinha o título “Neurologia Geral dos Tumores Intracranianos – Contribuição ao seu Estudo”. A tese foi dedicada a sua mãe: “À minha mãe, veneração e profundo reconhecimento”.

O trabalho se divide em duas partes: a primeira é um profundo estudo da fisiopatologia do edema cerebral, onde apresenta conceitos válidos ainda nos dias de hoje, sessenta anos depois. A segunda parte é o resultado de sua colaboração intensa com o Prof. Elyseu Paglioli,

onde estuda os efeitos da compressão exercida pelos tumores sobre as diversas estruturas do encéfalo, deslocando-as e produzindo as hoje bem conhecidas hérnias cisternais. Ritter chamou as hérnias de *cone de pressão*, que é tradução literal da expressão alemã *druck conus*. Aí estão estudadas todas as hérnias até hoje descritas. Há no trabalho belíssimas demonstrações fotográficas de inúmeros casos de necropsias. Ritter sentiu-se ofendido pela escolha da Congregação de pessoas que não estavam à altura de compreender o seu trabalho. Assim, Ritter ficou definitivamente afastado da Universidade. Realmente, pode-se imaginar o golpe para uma pessoa que estudou Medicina em três Universidades alemãs e que durante mais de quatro anos colaborou com Förster na Universidade de Breslau, ficar impedido de ter vida universitária. Perdeu mais a Faculdade de Medicina.

Ritter e Paglioli fizeram sólida amizade, que perdurou até a morte de Ritter, em 1960. Dizia-me Paglioli que Ritter foi pessoa muito importante para o desenvolvimento da Neurocirurgia no Brasil. Era culto, estudioso, metódico, muito sério e preocupado com os pacientes. Examinava minuciosamente todos os doentes, fazia observações completas e a evolução até a alta dos pacientes. Fazia o diagnóstico de localização dos tumores pelo exame clínico, que, junto com a ventriculografia, orientava o cirurgião na localização da craniotomia, mas fazia mais ainda, pois observava os sinais vitais do doente no transoperatório.

Ritter e Paglioli tinham temperamentos muito diferentes, podíamos dizer opostos. O primeiro era tranquilo, muito sério e falava pouco e baixo, mas cordial com os amigos, colegas e pacientes; o outro era muito ativo, rápido, e falava muito, como um típico italiano. Ritter não se metia em política. Se tivesse feito a docência em 1938, teria concorrido à Cátedra de Neurologia em 1945. Mas a amizade e colaboração desses dois amigos tão diferentes deu muitos frutos. Ajudou na recuperação dos enfermos e permitiu a formação de uma das melhores escolas de Neurocirurgia, com alunos em todo o Brasil.

Frederico Ritter era extremamente modesto e tímido, porém era um estudioso pertinaz, metódico e muito inteligente. Seus estudos

iam muito além da Neurologia e da Medicina. Interessava-se pela matemática, física e outras ciências. Tinha grande interesse pelas línguas; falava, além das línguas latinas, o alemão e o inglês. Conhecia profundamente, sendo capaz até de escrever, latim e grego. Tinha especial interesse no estudo da Teologia; era metodista. E com frequência fazia discussões sobre o assunto com pastores. Mas estas também podiam ser realizadas com católicos e padres. Era amigo de Dom Vicente Scherer, Cardeal Arcebispo de Porto Alegre, com quem gostava de conversar sobre Teologia.

Ritter faleceu em 1960. Sofreu um enfarte do miocárdio, permanecendo lúcido em sua casa, cercado pela família e pelos colegas e amigos, que se revezavam no seu atendimento.



Gabino Prates da Fonseca

Filho do coronel Januário Fonseca e de Fidelina Prates da Fonseca, Gabino Prates da Fonseca nasceu na Fazenda da Cria, em Rosário do Sul, em seis de abril de 1889. Seu pai era republicano histórico, coronel da Guarda Nacional e foi intendente de Rosário. Aparentado de Júlio Prates de Castilhos e de Dom Feliciano Prates, primeiro Bispo do Rio Grande do Sul, era tio do professor José Carlos Fonseca Milano. Fez os estudos primários e secundários em Santa Maria e em Porto Alegre. Iniciou o curso de Medicina na capital gaúcha e o terminou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Doutorou-se em 28.12.1911, defendendo tese sobre o tratamento da eclâmpsia. Foi interno do Instituto de Proteção e Assistência à Infância e Maternidade das Laranjeiras, Fundação Moncorvo Filho, na antiga capital federal, de 1909 a 1911. Iniciou suas atividades médicas na cidade natal e foi contratado para o serviço médico do Frigorífico Armour. Logo, transferiu-se para Porto Alegre, onde casou em 1915 com Leonor, filha do professor Serapião Mariante e irmã do professor Thomaz Mariante, patrono de cadeira da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Foi cirurgião, diretor e assistente de Clínica Obstétrica da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Ocupou, no mesmo hospital, a chefia clínica da enfermaria do professor Serapião Mariante, especializada em Ginecologia e Cirurgia de Mulheres. Exerceu a profissão em Porto Alegre, nas especialidades Cirurgia Geral, Ginecologia, Obstetrícia e Vias Urinárias. Fez cursos de aperfeiçoamento em Paris nos anos de 1924 e 1925 nos seguintes serviços: Cirurgia, sob direção dos professores Gosset, Hartmann e Pierre Duval, nos hospitais Salpêtrière, Hotel-Dieu e

Vaugirard; e sob a direção do professor Dobbet no Hospital Cochin. No Hospital Brocca, fez curso de Técnica Cirúrgica sob a direção dos professores Louis Michon e Jean Braine e outro de Ginecologia com o professor J. L. Faure. Em Obstetrícia, fez cursos com o professor Couvelaire na Maternidade Boudelocque, e com o professor Brindeau na Maternidade Taunier. Participou de curso de Vias Urinárias sob a direção do professor Legueu, no Hospital Necker, e que foi dividido em duas partes: a primeira com Endoscopia Urinária e a segunda com Clínica e Terapêutica. Ainda em Paris, frequentou os serviços cirúrgicos dos professores Victor Pouchet, Papin, Ombredane e Marion.

Integrou o corpo médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários e interrompeu por breve período sua clínica em Porto Alegre para dirigir no Rio de Janeiro o Hospital do Instituto, junto à Lagoa Rodrigo de Freitas. Sensível às lutas da categoria e líder nato, foi fundador e presidente da primeira comissão executiva do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul. Foram seus companheiros de diretoria os professores Mário Totta, Moisés Menezes, Guerra Blessmann, Octavio de Souza e Plínio Costa Gama. Eram secretários os doutores Waldemar Job e Ary Vianna; tesoureiro, o doutor João Lisboa de Azevedo. Foi importante na luta contra o charlatanismo e o curandeirismo, com tomadas de posição e apoio aos esforços das autoridades após longo período de perturbação causado pela liberdade profissional não regulamentada. Participou da fundação do *Boletim do Sindicato* (1931), órgão oficial da entidade, de circulação bimensal e que teve como primeiros redatores os professores Thomaz Mariante, Carlos Hofmeister e Décio Martins Costa. Participou no Sindicato, através do “Monte Médico”, de valiosa experiência previdenciária, assistindo com pecúlio os familiares de médicos falecidos ou inválidos. Participante ativo da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, fundada em 13.09.1892, ocupou o cargo de vice-presidente, sob a presidência do professor Guerra Blessmann, quando foi criado o Departamento de Cirurgia da entidade. Recebeu distinção honorífica do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, de que era membro.

Gabino herdou do pai o gosto pela política e, como ele, dissentiu do borgismo, que dominava o Estado. Foi um dos fundadores do Partido Libertador e em 1930 seguiu para o Rio de Janeiro como médico integrante do corpo de saúde das forças revolucionárias. Aos setenta anos, encerrou suas atividades profissionais e, algum tempo depois, passou a residir no Rio de Janeiro. Faleceu, contudo, em Porto Alegre no dia 30 de março de 1973, no Hospital Moinhos de Vento, aos 83 anos, deixando um único filho, o Dr. Helio Mariante Fonseca, advogado, que se aposentou após exercer a magistratura no Rio de Janeiro. Casado com Ilse Nylda Schusch Fonseca, de ascendência austríaca, o doutor Hélio voltou a residir em Porto Alegre e não tem filhos. Após reforma substancial, o prédio principal do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul passou a chamar-se Gabino Prates da Fonseca, numa homenagem ao primeiro e ativo presidente da entidade.



Heitor Annes Dias

Nascido em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 19/07/1884, e falecido na cidade do Rio de Janeiro, em 07/11/1943. Fez os cursos primário e secundário no Ginásio de Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo. Em 10/02/1900, inscrevem-se no curso de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, colando grau em 1905, na 2ª turma de alunos diplomados, com tese aprovada com distinção, defendida a 21/12/1905.

Retornou logo após à Cruz Alta, onde atuou como médico por cerca de dois anos. Em 1908, submetem-se ao concurso público para a cátedra de Medicina Legal e Toxicologia, com a saída do Prof. Arthur Franco, sendo aprovado em 1º lugar. A seguir, foi indicado também para reger a cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Direito. Lecionou por 9 anos essa disciplina.

Em 1917, viajou para a Europa, aperfeiçoando-se em Clínica Médica em Paris, onde revela excepcionais qualidades como clínico e patologista.

De volta a Porto Alegre, tendo falecido o Prof. Luiz Masson, catedrático da 3ª cadeira de Clínica Médica, é indicado para interinamente reger a cátedra. Ele se inscrevem no concurso para preenchimento definitivo da mesma vaga, para a qual foi aprovado e nomeado o Prof. Tomaz L. Mariante. Contudo, num gesto elegante e nobre, Mariante cedeu a ele a referida cátedra, ficando com a cadeira de Patologia Médica.

Em 1933, Annes Dias é eleito Deputado Federal pelo Partido Republicano Liberal, chefiado pelo General Flores da Cunha. Como político, lutou pelo aumento de verbas para a nossa Faculdade de

Medicina de Porto Alegre e para as instituições hospitalares. Em 1934, foi transferido da Faculdade de Medicina de Porto Alegre para a do Rio de Janeiro, criando-se para tanto uma nova cátedra de Clínica Médica.

Annes Dias demonstrou admirável capacidade organizadora, fazendo de sua cátedra um centro de ensino, de estudo e de pesquisa, ganhando enorme prestígio. Depois, transferiu-se para o Hospital Moncorro Filho. Ele marcou época na Medicina brasileira, publicando *Lições de Clínica Médica*, além de um tratado sobre Metabologia Clínica e outro sobre Diabetes. Ao mesmo tempo, introduziu processos analíticos e promoveu a modernização da patologia.

Profundamente estudioso, grande didata, criou uma verdadeira escola. Foi membro correspondente da Academia Nacional de Medicina. Quando de seu falecimento, recebeu várias homenagens. Seu corpo foi velado na sede da Academia Nacional de Medicina, recebendo homenagens do mundo científico nacional e estrangeiro. O Reitor da Universidade de Porto Alegre decretou luto oficial por três dias e o Governo de nosso Estado prestou-lhe todas as honras, ficando a seu cargo os respectivos funerais.

Annes Dias recebeu inúmeras outras homenagens, no país e no exterior.

Ao longo de sua carreira, sua cátedra acolheu para conferências os maiores nomes da Medicina de seu tempo. Gozou de enorme prestígio na Medicina de nosso continente. Foi distinguido pelas lideranças médicas do Uruguai e da Argentina. A Universidade do Chile concedeu-lhe o título de “Professor Honoris Causa”.



Homero Fleck

Nascido em 27.06.1903, o doutor Homero Fleck formou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre na turma de 1925. Foi admitido como médico da Enfermaria Dr. Sarmiento Leite em 1926 e da Enfermaria Dr. Protásio Alves em 1930. Acompanhou por algum tempo a clínica cirúrgica do professor Brandão Filho, no Rio de Janeiro, e frequentou os principais serviços de Urologia em Paris, Berlim e Viena.

Em 1932 submeteu-se a concurso para Livre-Docência de Urologia e foi aprovado com distinção. Nesse mesmo ano, fez concurso para professor catedrático da mesma especialidade. O professor Homero Fleck, que se iniciara nas publicações científicas com estudo sobre o diagnóstico da tuberculose renal por meio da urografia intravenosa, tornou-se nacionalmente conhecido em 1935, quando foi o relator oficial do tema Insuficiência Renal em Cirurgia Urinária no Congresso Brasileiro de Urologia, ocorrido naquele ano no Rio de Janeiro.

Com a vitória da Revolução de 1930, os Estados passaram a ser governados por interventores. Um deles foi o general Daltro Filho, no Rio Grande do Sul, que teve um tumor de bexiga operado com sucesso pelo professor Fleck. Ao invés de apresentar conta, o professor pediu uma enfermaria para atender seus pacientes, no que foi apoiado pelos doutores Alfeu Bicca de Medeiros e Saint-Pastous de Freitas, também médicos assistentes do general. O governo do Estado doou verbas para a construção de uma nova ala na Santa Casa, que passou a ser chamada Pavilhão Daltro Filho. Em 1933, o professor Homero Fleck instalou o Serviço de Urologia da Santa Casa.

Em 1942, foi inaugurada no Pavilhão Daltro Filho a Enfermaria 31 – Serviço Central de Urologia. O professor Homero Fleck assumiu como diretor, tendo como chefe de clínicas o doutor Adayr Eiras de Araújo. Eram seus assistentes os doutores Luiz Sarmiento Barata, Alberto Viana Rosa, Gildo Russowski, Dante Westphalen e Carlos M. de Assis. Em 1939, assumiu como membro da Comissão de Obras da Santa Casa. Em 1940, foi nomeado Mordomo do Hospital Geral e, em 1941, assumiu a Direção Geral do Serviço Sanitário. Em 1946, foi nomeado Irmão Benemérito da Santa Casa e a Enfermaria 31 passou a chamar-se Dr. Alfeu Bicca de Medeiros – Cirurgia Geral e Urologia de Homens. Foi membro da Mesa Administradora da Santa Casa e um dos integrantes da Comissão Construtora do Pavilhão Daltro Filho.

Ao se tornar médico em 1925, Homero Fleck o fez em plena era da liberdade profissional no Rio Grande do Sul. Pela Constituição estadual, redigida por Júlio de Castilhos e de inspiração positivista, bastava que alguém se apresentasse como médico na Diretoria de Higiene e recolhesse uma taxa para que pudesse exercer a Medicina sem qualquer limitação. Isso só ocorria no Rio Grande do Sul e valeu durante todo o período da chamada República Velha. Proliferavam os não formados, e Homero Fleck lutou contra esse estado de coisas, acompanhando professores e acadêmicos da Faculdade. A realização do 1º Congresso Sindicalista Brasileiro estimulou a fundação do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul. Isso ocorreu em 20.05.1931 no salão nobre da Faculdade de Medicina, o mesmo que servira de palco para a posse de Getúlio Vargas como mandatário do Estado em 1928. Decreto de 1932 regulamentou o exercício da Medicina. Mas havia distorções crônicas, e médicos não formados ocupavam até cargos de chefia galgados num período de mais de trinta anos, desde Júlio de Castilhos até o último período de Borges de Medeiros. Foi preciso muita luta, e Homero Fleck ocupou cargo em diferentes diretorias do Sindicato, sempre muito ativo na luta contra o charlatanismo. Seu interesse pela causa pública levou-o à política, e ele se elegeu deputado estadual.

Foi membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, da Sociedade Brasileira de Urologia, da American Urological Association, da Société Internationale d'Urologie, da Sociedade Argentina de Urologia e da Sociedade Uruguaia de Urologia.

O professor Homero Kroeff Fleck era filho do saudoso coronel Theobaldo Fleck, ex-prefeito de Taquara, e de Avelina Fleck, que lhe sobreviveu. Era casado com Maria de Lourdes, filha única do Dr. Alfeu Bicca de Medeiros. Deixou três filhos: o médico Alfeu Medeiros Fleck, que exerceu a profissão em Porto Alegre e no Alegrete e que administra a Estância e Cabanha São Manoel; o engenheiro Gilberto, falecido aos 28 anos, e Maria Luiza, casada com Theodoro Saibro. Um dos netos, Alfeu Medeiros Fleck Júnior é médico e trabalha no programa de transplantes de fígado na Santa Casa de Porto Alegre.

O professor Homero Fleck não somente fundou uma escola urológica, mas ensinou que é preciso atender bem o paciente, fazer ciência e trocar experiências com os colegas de outros centros no país e no mundo. Ele abriu caminho para que a Urologia gaúcha chegasse a ocupar o lugar de destaque que tem hoje no cenário nacional.

O Professor Homero Fleck faleceu em 1955.



Hildebrando Westphalen

O Dr. Hildebrando Westphalen nasceu em Palmeira das Missões em 18 de maio de 1889. Filho de Alfredo e Adélia Westphalen, ele escrivão e, com curso incompleto de Medicina, assistiu a população daquela região localizada no extremo norte de nosso Estado, então desprovida de outros recursos médicos.

Casado em 1916 com Otília Kramer Moltz, tiveram quatro filhos: Ethel, Jorge (Membro Fundador da Cadeira 31), Heloisa e Lúcia.

Foi aluno do Ginásio Santa Maria, recém-criado, concluindo o ciclo secundário [como orador da turma cujo paraninfo foi o Barão do Rio Branco, no Ginásio Rio Grande do Sul (posteriormente Colégio Júlio de Castilhos), em Porto Alegre. Formou-se em Medicina em 1915, também em nossa capital.

Clinicou durante um ano em Curitiba, onde morava, mas logo retornou à sua terra natal, onde trabalhou durante sete anos. Foi o primeiro médico da Estância Hidromineral de Iraí, transferindo-se posteriormente para Cruz Alta, onde trabalhou durante 14 anos no Hospital São Vicente de Paula.

Dedicava-se especialmente à pediatria e à cirurgia e fez cursos de especialização no Rio de Janeiro, na Alemanha e na França.

Em 1938, contando com decisivo apoio de Da. Otília e de seus quatro filhos, fundaram o Hospital Santa Lúcia, no qual veio trabalhar, em 1945, seu filho Jorge, recém-formado e a quem coube dirigir o hospital depois do falecimento do pai.

Além da atividade profissional como médico, participou ativamente da política: Conselheiro Municipal durante sete anos em Pal-

meira a partir de 1916, Conselheiro Municipal em Cruz Alta durante 4 anos, a partir de 1924 (tendo exercido a sua presidência), e em 1934 foi eleito Deputado à Assembleia Constituinte do Estado, posteriormente transformada em Assembleia Legislativa, da qual foi também presidente até sua renúncia, quando foi deposto o então Governador do Estado, Dr. José Antônio Flores da Cunha.

No início da década de 20, teve papel importante na decisão de implantar o sistema de água e esgotos da cidade de Cruz Alta e idealizou e fundou o Posto de Puericultura Olintho de Oliveira. Em 1966, recebeu o título de Cidadão Cruzaltense e no ano seguinte medalha do mérito pelos serviços prestados à cirurgia durante 50 anos, durante o 10º Congresso Brasileiro de Cirurgia, realizado no Rio de Janeiro. Em 1969, recebeu a Medalha do Pacificador.

Foi professor de Puericultura no Colégio Margarida Pardelhas, e durante 24 anos na Escola Normal Santíssima Trindade, também de Cruz Alta.

Os fatos acima, sucintamente enumerados, já delineiam um médico competente e dedicado, merecedor do reconhecimento das comunidades por onde passou, um profissional consciente da responsabilidade social, impelida pela consciência de que as causas das doenças e da saúde se situam fora do setor saúde e somente são acessíveis através da política. De um empreendedor que, reunindo a potencialidade familiar, construiu um hospital modelo, particularmente em recursos de alta complexidade, que vem se desenvolvendo desde a gestão de seu fundador, através de seu filho Jorge; fundador da cadeira 31 da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina e posteriormente de Pedro Bandarra Westphalen, atual secretário de Ciência e Tecnologia de nosso Estado.

Para adicionar algum matiz humano ao perfil deste patrono, vale transcrever alguns parágrafos de um texto por ele escrito para celebrar suas bodas de ouro, publicado no *Diário Serrano*, de Cruz Alta em 29 de maio de 1966:

“Os seus olhos refletiam o azul do céu e seus cabelos eram dourados como sol. Ela contava 18 e eu 26 anos. Um dia perguntei se queria casar comigo...

Um dia encontrei nos cabelos dela um fio de prata. Já tínhamos netos e lembrei então que as bodas de prata estavam se aproximando...

E agora estamos bem longe, no declive, sempre de mãos dadas. E, hoje de madrugada, quando acordei, ela dormia a meu lado o seu sono sereno, calmo, como um céu sem nuvens. E fiquei com uma pena imensa, pois descobri, pela primeira vez, que não havia me dado conta de que a sua cabeça, assim como a minha, está cheia daqueles fios brancos que eram um só há 25 anos.

E assim, no silêncio da hora, a contemplei revivendo o caminho que andamos juntos, durante meio século, tão cheio de recordações, algumas pungentes, porém a maior parte maravilhosas. Mas, quando os primeiros raios de luz se filtraram pela veneziana do nosso quarto, tudo se modificou: os seus cabelos tomaram a cor dourada do sol! Eu a vi então, como no começo de nosso romance, de olhos azuis como o firmamento e senti – mais do que tudo – que a quero ainda tanto bem como no primeiro dia desses cinquenta anos que se cumprem hoje! Como Deus é bom! (Cruz Alta, 24-05-66 H.W.)”

Faleceu em Cruz Alta, cercado pela família e pelo afeto de seus concidadãos no dia quatro de setembro de 1979, no mesmo dia e mês da morte de seu pai, conforme antecipara para seu filho Jorge em março daquele mesmo ano.



Hugolino Leal de Andrade

Hugolino Leal de Andrade nasceu em 8 de novembro de 1905, na cidade de Sant'Ana do Livramento, filho de Eliza Leal de Andrade e de Hugolino Cruxen Andrade Farias, farmacêutico formado pela Faculdade de Farmácia do Rio de Janeiro.

Cursou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo se formado em 1927. Iniciou a sua carreira médica em 1928, exercendo de forma ininterrupta sua atividade na Santa Casa de Misericórdia de Sant'Ana do Livramento, tendo sido seu Diretor Médico, bem como Diretor Médico do Serviço de Sífilis e Doenças Venéreas da Fronteira, em convênio Internacional Brasil-Uruguai. Foi também Capitão-Médico da Brigada Militar do Estado, no início de sua carreira profissional.

Diretor do Instituto de Radiologia Dr. Hugolino Andrade desde 1939, foi membro do Colégio Brasileiro de Radiologia, do Colégio Interamericano de Radiologia, membro da Sociedade Brasileira de Radiologia da Guanabara, Sócio Honorário da Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear de Lisboa.

Foi Vice-Presidente da AMRIGS, Presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia (1963-1965) e membro do Conselho Consultivo do Colégio Brasileiro de Radiologia.

Homem dotado de muito carisma com seus semelhantes, escreveu com sensibilidade os livros de poesia *Ressurreição* e de prosa *Crônica da Vida de um Radiologista da Província*.

Introdutor no Brasil dos métodos de colangiocolocistografia endovenosa (1955) e da colangiografia trans-hepática (1957).

Foi Vice-Presidente do VIII Congresso Mundial de Hidatidose, realizado no Uruguai em 1962.

Foi conferencista convidado no Congresso Médico Internacional, comemorativo ao X aniversário do Hospital do IPASE, no Rio de Janeiro, e conferencista convidado em vários congressos realizados no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Recife e outras cidades brasileiras.

Foi Professor Visitante da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Foi orador oficial em vários eventos científicos, tais como o Iº Congresso Luso-Brasileiro de Radiologia, realizado no Rio de Janeiro, comemorativo ao IV Centenário da Fundação da Guanabara (discurso de abertura), no X Congresso Brasileiro de Radiologia, realizado em 1969, em Brasília (discurso de encerramento), na homenagem oficial ao Prof. Saint-Pastous pelos radiologistas brasileiros nas Jornadas Sul-Rio-Grandenses de Radiologia, realizadas em março de 1970, em Porto Alegre (discurso de abertura), no XIX Congresso Nacional de Radiologia, realizado no Rio de Janeiro em 1983 (discurso de abertura) e no Grande Banquete de encerramento das festividades, realizada no Hotel Alvear, quando, como Presidente da Caravana de Médicos Radiologistas que visitaram Buenos Aires, em 1965.

Foi professor em vários Cursos de Atualização em radiologia realizados em São Paulo e na Guanabara e autor de várias monografias sobre radiologia, e do livro *Hidatidose e Conceitos Gerais e Radiologia*, publicado em 1982.

Foi fundador do Clube Campestre de Sant'Ana do Livramento e seu Presidente por oito anos, e Presidente do Rotary Clube de Livramento.

Foi político militante ativo durante muitos anos, sendo de formação Republicana Castilhistas; esteve sempre presente nos movimentos políticos ocorridos no Brasil desde a sua vida estudantil.

Recebeu o diploma da "Ordem do Mérito Médico", conferido pelas Entidades Médicas Gaúchas, em Porto Alegre, em 18 de outubro de 1987.

Faleceu em 12 de junho de 1990, tendo a comunidade médica perdido um de seus membros mais brilhantes, um dos fundadores da Radiologia do Rio Grande do Sul e do Brasil.



Ivo Corrêa Meyer

O professor Ivo Corrêa Meyer nasceu em 14 de junho de 1889, em Uruguaiana. Era filho do farmacêutico Emílio Adolpho Meyer e Vicencia Corrêa Meyer. Fez seus estudos primários em Livramento, nos colégios de D. Dolores Alcazar, Emílio Boeckel e dos Irmãos Maristas, e os secundários no Rio de Janeiro, no Colégio Alfredo Gomes e no Curso Maurell da Silva. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1923, girando sua tese de doutoramento sobre as injeções de leite nas afecções oculares, aprovada com distinção.

Em 24 de março de 1926, casou com Aracy Mendes, da cidade de Itaqui. Desse casamento, teve oito filhos e vinte e dois netos. Dois de seus filhos, Rivadávia e Paulo, seguiram a Medicina e, nela, a especialidade que tornou o pai uma figura de destaque no estado, a oftalmologia. Atualmente, também uma neta, Gabriela, dá continuidade à tradição familiar no campo da oftalmologia.

O professor Ivo Corrêa Meyer participou de diversos congressos científicos no Brasil e no estrangeiro, aos quais apresentou vários trabalhos.

Tem publicadas teses e colaborações em órgãos de publicidade médica do país e do continente. Ex-interno da 2ª Enfermaria da Santa Casa do Rio de Janeiro, sob a direção do Professor Rocha Faria, especializou-se e tornou-se importante referência na área de oftalmologia. Tal foi a cátedra que obteve, em 13 de junho de 1932, por concurso, na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, hoje UFRGS. Ali, prosseguiu sua brilhante carreira, aperfeiçoando-se e cultivando a admiração de tantos quantos com ele conviveram. Foi paraninfo dos doutorandos do ano de 1945.

Foi portador de diversos títulos científicos e honoríficos, tendo desempenhado, em Porto Alegre, as funções de médico-chefe de serviço da Santa Casa de Misericórdia. Em sua atividade médica, obteve 74 títulos, entre os quais Presidente do CBO, cargo que ocupou de 1958 a 1960.

Foi presidente da Comissão Organizadora da Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre, tendo sido seu primeiro diretor, no ano de 1961, e paraninfo da primeira turma de doutorandos da mesma Faculdade.

Participou como Professor e Presidente de três cursos nacionais e estrangeiros. Ao todo, participou de oitenta cursos, estudos e trabalhos publicados, aulas e conferências. Foi representante oficial do Brasil no 3º Congresso Argentino de Oftalmologia. Recebeu 41 distinções, entre elas, de sócio honorário das sociedades de oftalmologia da Bahia, de São Paulo, da Sociedade Brasileira de Oftalmologia e do Instituto Brasileiro de Oftalmologia e Prevenção da Cegueira, tendo recebido o diploma de Irmão da Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre. Além disso, foi presidente de honra no 10º Congresso Brasileiro de Oftalmologia, em julho de 1958, em Poços de Caldas.

Profícuo em pesquisa e produção de textos científicos na sua área, o Professor Corrêa Meyer, no período compreendido entre 1934 e 1953, apresentou cerca de 90 trabalhos e observações científicas à Sociedade de Oftalmologia e Otorrinolaringologia do Rio Grande do Sul.

Por ocasião de seu jubileu, amigos, colegas, discípulos reuniram-se para prestar-lhe uma homenagem, confeccionando um livro dedicado a sua pessoa e escrito a várias mãos. A comissão do livro jubilar foi composta por Artur Santayana Mascarenhas, Luis Assumpção Osório e Ary Antonio Pinto.

Em 1966, o professor Ivo Corrêa Meyer foi aposentado compulsoriamente, de acordo com a Lei 4.881, de 1965, Estatuto do Magistério Superior. A aposentadoria não significou sua ausência do cenário médico. Em 1969, recebeu o título de Membro da Ordem Nacional do Mérito, conferida pelo Presidente da República. Nesse mesmo ano, presidiu o Congresso Brasileiro de Oftalmologia, realizado em Porto Alegre.

Veio a falecer no ano seguinte, 1970, aos 81 anos de idade.



Jacintho Godoy Gomes

Jacintho Godoy Gomes, filho de Pedro José Gomes e de Corina Godoy Gomes, nasceu em Cachoeira do Sul no dia dois de janeiro de 1886. Fez seus estudos iniciais na cidade natal e os secundários, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, dos padres jesuítas, em São Leopoldo. Nesse período, fazia um jornal manuscrito e enviava crônicas para a imprensa de Cachoeira. Ingressou na Faculdade de Porto Alegre em 1905 e cursou as três primeiras séries enquanto trabalhava no vespertino *Petit Journal*. Em 1908 adoeceu gravemente e teve de ser operado. Interrompeu os estudos e voltou para Cachoeira, onde convalesceu e passou a ser secretário da prefeitura. Em 1909 voltou à faculdade, em que se formou em 1911, tendo sido o orador da turma e o aluno com melhor classificação. De 1910 a 1913 foi secretário particular do presidente do Estado, doutor Antônio Augusto Borges de Medeiros, e assessorou o professor André da Rocha no Tribunal de Justiça. Em 1913 foi nomeado médico legista, cargo em que permaneceu até 1919, sob a chefia do professor João Pitta Pinheiro. Na Santa Casa de Misericórdia, desenvolveu um Serviço de Neurologia na enfermaria do professor Luiz Massot. Em 1919 licenciou-se dos cargos e fez viagem de estudos. Na Universidade de Paris dedicou especial atenção à Neuropsiquiatria como um todo e à Psiquiatria Forense, que lá surgira ligada à Medicina Legal. Teve orientadores como Pierre Marie, Babinski, Dupré e Laignel Lavastine. Também se interessou por outras áreas, como Toxicologia, Anatomia Patológica, Traumatologia Forense e Psiquiatria Legal.

Na sua volta, trabalhou por dois anos como médico legista da Chefatura de Polícia. Propôs a criação do Manicômio Judiciário, do

qual, em 1924, foi o primeiro diretor, coroando uma luta pelo reconhecimento de psicopatas entre os criminosos, bem como pela instituição de tratamento e internação adequados para eles. Daí surgiu o atual Instituto Psiquiátrico Forense. Criou um posto para atendimento de psicopatas ligado à Assistência Pública da Intendência, precursora do Pronto Socorro Municipal. De 1924 a 1929, foi diretor do Manicômio Judiciário e, em 1925, tornou-se membro do Conselho Penitenciário do Estado. Lutou pela instalação de técnicas e tratamentos usados em Paris, Berlim e Viena, adaptando-os para o nosso meio. Foi considerada como natural sua elevação a diretor do Hospital São Pedro em 1926. Nele, foi diretor por vinte anos, divididos em dois períodos: o primeiro de 1926 a 1932 e o segundo de 1937 a 1951. Quando Getúlio Vargas assumiu a presidência do Estado e Oswaldo Aranha era o secretário do interior, ele fez uma remodelação completa no Hospital São Pedro e que iniciou pelo exame individual dos seiscentos pacientes internados. Todos eles receberam diagnósticos sob critérios científicos e que só tiveram aceitação global no último quartel do século vinte, através da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde e da Sociedade de Psiquiatria Americana.

Em 1932, por injunções políticas, foi demitido do cargo e proibido de entrar no hospital. Foi então que estabeleceu serviços de Psiquiatria em hospitais gerais. A Beneficência Portuguesa e o Hospital Alemão (Moinhos de Vento) serviram para essa experiência, considerada moderna nos dias atuais. Em 1937 voltou à direção do hospital e teve oportunidade de pôr em execução práticas que resultavam de sua especial qualificação para atuar nas áreas da administração, do atendimento e da pesquisa.

Ele fazia com que os hospitais em que atuava se comportassem como hospitais universitários, de formação acadêmica. Na sua primeira gestão no São Pedro, propiciou os primeiros tratamentos pela malarioterapia a pacientes portadores de paralisia geral sifilítica. Na época, conseguia-se confirmação clínica, etiológica e de patologia para esses casos, mas não havia o que fazer do ponto de vista de trata-

mento. Com o surgimento da penicilina isso mudou. Pela excelência dos métodos de Neurofisiologia existentes e pela ação do doutor Luiz Pinto Ciulla, um dos filhos profissionais diletos do professor Jacintho, houve o desenvolvimento da convulsoterapia, obtida através de medicação ou de choque elétrico e que se aplicava em casos especiais de esquizofrenia e de maníacos.

A sintomatologia e a fenomenologia psiquiátricas eram muito bem apreciadas em estudos como os do professor Décio de Souza, que chegou à cátedra da Faculdade de Medicina. O professor Jacintho sabia cercar-se de pessoas capazes. Ante a inexistência de psicotrópicos, antidepressivos e ansiolíticos, buscava, com rigor científico, aplicar técnicas que alcançavam bons resultados no exterior. Assim o Hospital São Pedro, do professor Jacintho Godoy, também foi pioneiro no emprego das lobotomias, desenvolvidas pelo médico português Egas Moniz, ganhador de Prêmio Nobel de Medicina, e que estava sendo feita em todo o mundo. Posteriormente, os resultados foram rediscutidos e não corresponderam ao entusiasmo inicial, mas tornaram mais tranquilos pacientes intratáveis pelos recursos terapêuticos da época. Há que ter rigor científico, como tinha Godoy, para aplicar técnicas, ainda hoje aceitas, mas que passaram a ser combatidas com um sectarismo que engloba o eletrochoque e até os hospitais especializados para o tratamento de psicopatas.

Jacintho Godoy conseguiu transferir a colônia agrícola de São Jerônimo para um local próximo do hospital, onde seria mais fácil evitar que ela se transformasse em depósito de pacientes crônicos. Procurou assegurar reabilitações e instalou unidade laborativa, em que os pacientes participavam de atividades próximas às existentes em suas comunidades. Trabalhar em hortas, padarias, carpintarias e outras atividades enchia o tempo dos pacientes de uma forma mais realista do que desenvolver habilidades artísticas.

Jacintho Godoy criou a primeira escola de enfermagem psiquiátrica e procurava melhorar a capacitação das equipes de funcionários, estimulando-os a progredirem. Criou centros de profilaxia mental, precursores dos ambulatórios e do próprio Serviço Aberto do Hos-

pital São Pedro. Nestes, os doutores Mário e Cyro Martins iniciaram a aplicação de Psiquiatria Grupal e outras terapêuticas. O São Pedro foi o primeiro hospital a contar com um serviço de assistência social psiquiátrica, facilitando as relações com os familiares dos pacientes e com toda a sociedade. Instituiu curso de Psiquiatria Infantil, propiciando que doutores como Álvaro Murilo da Silveira, Décio de Souza e Dyonélio Machado chegassem até os professores de escolas primárias e secundárias. Inovou ao reconhecer a importância que hoje é dada ao relacionamento de crianças e adolescentes com não médicos capacitados a identificar alterações e a bem influir sobre eles.

Foi dentro do Hospital São Pedro que surgiu a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, que deu origem à sociedade e a departamento da atual Associação Médica do Rio Grande do Sul. Essa sociedade teve no professor Jacintho Godoy o seu primeiro presidente. Era seu secretário o professor Cyro Martins. Ainda no ano de 1938 instituiu memorável concurso para preenchimento de vagas de médicos psiquiatras no Hospital São Pedro. Perante banca examinadora de alto nível, foram aprovados doutores ilustres como Cyro Martins, Luiz Ciulla, Mário Martins e Vítor de Brito Velho.

Durante a segunda grande guerra, o professor Jacintho Godoy multiplicou seus esforços na busca de roupas, alimentos e medicamentos para os doentes mentais. Pelos seus conhecimentos e reconhecida habilidade clínica, granjeou fama como médico perito e atuou em casos não só do nosso meio, mas também da Argentina e do Uruguai. Criou o Sanatório São José, modelar entidade privada para atendimento de pacientes psiquiátricos. Aí, também inovou ao separar, por exemplo, os pacientes agudos, dos crônicos. Dentro de uma agradável área coberta por mata nativa, surgiram pavilhões cujos nomes homenageiam vultos da Psiquiatria: Kräepelin, Déjèrine, Dupré, Pierre Marie e Bourguignon. Nele, seus filhos Jacintho Godoy Filho, psiquiatra, e Luiz Felipe, clínico, exerceram suas atividades e o sucederam. Atualmente, seus netos, Jacinto e Luiz Antônio Saint-Pastous Godoy, são os responsáveis pelo funcionamento do São José.

Jacinto Godoy teve atividades que excederam os limites da Medicina e deixou apreciável obra impressa, científica e literária. São mais conhecidos: a tese inaugural, artigos para revistas nacionais e estrangeiras da especialidade, estatutos, regimentos, defesa de uma autonomia administrativa para o Hospital São Pedro e trabalho sobre lesões corporais. Deixou dois livros: *Psiquiatria Forense*, da Editora Globo, e *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*, pela Editora O Cruzeiro, do Rio de Janeiro. Há diversos pareceres e citações em livros e revistas da época. Atuou na imprensa, foi poeta e teatrólogo. Deixou três peças teatrais: *Cachoeira do Fandango*, *Quatro Estações* e *Fingindo Pedra*. Esta última foi escrita em parceria com seu amigo Maurício Cardoso e foi representada no Teatro Coliseu, em Porto Alegre, no ano de sua formatura. Participante dos embates políticos, foi um dos fundadores do jornal *O Debate*, junto com seus amigos Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Paim Filho e Maurício Cardoso. Foi colaborador de jornais de Cachoeira do Sul e do *Correio do Povo* de Porto Alegre. Era um humanista no sentido amplo da palavra e deixou em tudo sua marca otimista, de grande compreensão do homem e de profundo amor e respeito pelos doentes mentais. Disciplinado, foi um grande administrador e buscava a inaceitação do inaceitável.

Casado com Eulália Bicca de Almeida, a querida Dona Lainha, deixou quatro filhos: Jacinto, psiquiatra e que o sucedeu na administração do Sanatório São José; Luiz Felipe, clínico e cardiologista, professor da Faculdade de Medicina; Vanda e Carlinda, filhas a quem se deve o trabalho de conservar a memória e o acervo do pai.

Jacinto Godoy faleceu aos setenta e três anos de idade, no dia 15 de outubro de 1959. Deixou impressionante colaboração num setor de conhecimento em que ainda há muito por conhecer.

Entre as homenagens que recebeu, uma foi da sua cidade natal, Cachoeira do Sul, que deu seu nome a uma rua, destacando a sua condição de secretário do Município.



Jacy Carneiro Monteiro

Nasceu em Uruguaiana em 18 de março de 1901, filho de Sebastião Carneiro Monteiro e Izolina Bastos, ambos falecidos, bisneto por parte de pai do Marechal

Florêncio José Carneiro Monteiro, Barão de São Borja, e por parte da mãe, da tradicional família Martins Bastos, de Uruguaiana. Fez seus estudos preparatórios nos Ginásios Anchieta e Júlio de Castilhos e matriculou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1918, diplomando-se em 1923. Passou o ano de 1924 no Rio de Janeiro, estudando cirurgia de vias urinárias. Em 1925 e 1926, a convite do saudoso colega Dr. Carmosino Camargo, seguiu para Lages, Santa Catarina, onde clinicou durante dois anos. Em 1927 viajou para a Europa, onde passou durante todo ano seguindo as Clínicas Cirúrgicas e Urológicas de Paris, Berlin e Viena. No período de férias, em julho, fez uma excursão de turismo ao Oriente Médio, visitando Egito, Terra Santa, Grécia e Turquia. Em 1931 fez concurso para Docente-Livre de Clínica Cirúrgica e em 1932 Docente de Clínica Urológica. Em 1941 ficou Catedrático por Concurso da 1ª Cadeira de Clínica Cirúrgica, substituindo o saudoso Professor Frederico Falk.

Em 1952 voltou à Europa, aproveitando sua excursão para acompanhar os Serviços do Professor Monod, de Cirurgia Pulmonar, e observar a cirurgia incipiente do coração, assistindo os serviços dos Professores Allende e Drou. Em 1960, através de uma bolsa da Rockefeller Foundation, teve a oportunidade de visitar os Departamentos de Cirurgia de Saint Louis, Cleveland, Minneapolis, Clínica Mayo, Filadélfia, Boston e Nova Iorque.

Em 1960 assumiu a Chefia do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da UFRGS, cargo que ocupou até seu jubileamento aos 70 anos, em 1970. Até se tornar Catedrático trabalhou durante 18 anos na Enfermaria 30 da Santa casa, ao lado do grande mestre de Cirurgia, Dr. Alfeu Bicca de Medeiros, com quem (conforme suas próprias palavras) se tornou um verdadeiro cirurgião.

Na Santa casa, da qual é Irmão Benemérito, trabalhou ininterruptamente durante 50 anos, tendo sido chefe de Clínicas durante a gestão de seu grande e saudoso amigo Professor Ivo Corrêa Meyer. Como professor da faculdade de Medicina, fez parte durante várias ocasiões do seu Conselho Técnico, e foi por várias vezes Diretor, nas ausências temporárias do saudoso professor Marques Pereira. Publicou mais de 50 trabalhos sobre assuntos de sua especialidade. Mantinha seu consultório privado em Porto Alegre na Rua Quintino Bocaiúva, 72, no Bairro Moinhos de Vento. Casado com Inah Carvalho Carneiro Monteiro, teve três filhos: José Carlos, alto funcionário da Empresa de Petróleo Ipiranga. Dr. Luiz Victorino, criador e veterinário em Uruguaiana, e Paulo, Advogado da SUDESUL. Dizia que para enriquecer a família tinha duas noras, Eunice e Inês, e sete netos.

1924-25 – Adjunto interino da Enfermaria Dr. Protásio Alves. Partos, cirurgia e ginecologia (Médico extranumerário); 1928 – Segundo substituto de cirurgião interno do Serviço Sanitário; 1928-31 – Segundo adjunto da Sétima Enfermaria, Anexo A do Dr. Protásio Alves; 1932-35 – Assistente da 10ª Enfermaria, Dr. Protásio Alves, Cirurgia de Mulheres e Ginecologia; 1929-33 – Substituto do Cirurgião Parteiro do Serviço Sanitário; 1934-42 – Substituto do Cirurgião Interno do Serviço Sanitário; 1936 – Admitido como Irmão da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, em 22 de abril; 1936 – 37 – Eleito Secretário da primeira diretoria do Departamento de Cirurgia da Sociedade de Medicina de Porto Alegre na gestão do presidente Prof. Luiz Francisco Guerra Blessmann; 1937-42 – Suplente de Mesário; 1943 – Homenagem – Nome na Enfermaria 30 e colocação de retrato de porcelana nela; 1943-77 – Diretor da Enfermaria 30; 1943-1972 – Suplente do Conselho Deliberativo (Conselho dos

Irmãos Definidores); 1952 – Título de Irmão Benemérito, em 15 de janeiro; 1960-70 – Chefe do Departamento de Cirurgia da FAMED/UFRGS; 1973-77 – Titular do Conselho de Irmãos Definidores. Faleceu em 25 de fevereiro de 1977.

Tive a honra de conviver com o Professor Jacy Carneiro Monteiro, Patrono dessa cadeira, de que por meandros do destino tornei-me Membro Titular. Ele era o chefe do Departamento de Cirurgia durante todo período de minha residência em Cirurgia Cardiorácica e no início da minha carreira como docente desse Departamento da FAMED/UFRGS, sob o comando desse homem invulgar,

Na enfermaria 30, situada no 5º andar do Pavilhão Cristo Redentor da Santa Casa de Porto Alegre, ocupando todo o andar, ficava toda estrutura física, técnica e funcional do departamento, totalmente reconstruído com recursos oriundos da Fundação Rockefeller. Ao lado da secretaria ficava sua sala de chefia, onde recebia a todos com fidalguia e urbanidade, de onde comandava o departamento com pulso firme, de forma respeitosa, apostando no diálogo franco como instrumento de conciliação. Habilidade cirúrgico, por diversas vezes adentrou no bloco cirúrgico realizando cirurgias com destreza, rapidez e eficácia, sob o olhar de admiração dos residentes e alunos em período de treinamento. Trajava com elegância e seu avental de um branco reluzente eram características de um homem fino e educado; anualmente oferecia um jantar em sua mansão no Bairro Moinhos de Vento e recebia a todos bem trajado, usando gravata-borboleta, o que acentuava sua figura ereta e bem apessoada.

Faleceu em 25 de fevereiro de 1977.



Jandyr Maya Faillace

O Dr. Jandyr Maya Faillace nasceu em Porto Alegre em 15 de outubro de 1898, filho de Vicente Faillace e Carlinda Maya Faillace.

Muito jovem, aos 14 anos de idade, concluiu o curso ginasial no Colégio Júlio de Castilhos, ingressando na Faculdade de Medicina, onde se diplomou com apenas 20 anos de idade.

Atraído para a especialização de Ginecologia e Obstetrícia, fez uma verdadeira Residência Médica, por dois anos, no Hospital Pro-Matre, do Rio de Janeiro, o mais importante hospital nessa especialidade no Brasil e também porque era dirigido por um dos mais famosos obstetras da época, o professor Fernando Magalhães.

Voltando a Porto Alegre para clinicar, começou a sentir os primeiros sinais de uma surdez que terminaria privando-o totalmente da audição. Talvez por esse problema, abandona a especialidade e toma o rumo da pesquisa, ingressando na saúde pública como médico na antiga Diretoria de Higiene. Uma das suas primeiras tarefas foi o combate à peste bubônica que, na época, ainda grassava em Porto Alegre.

Em 1928, com a saída do Dr. Joaquim Travassos da Rosa da direção do laboratório, assume a direção desse órgão e o dirige até 1958 quando se aposentou.

Em 1947, a convite do Governador do Estado, Dr. Walter Jobim, assume a direção do antigo Departamento Estadual de Saúde, hoje Secretaria da Saúde e Meio Ambiente. Nesse período, o Laboratório de Microbiologia e o de Química são transformados em Instituto de Pesquisas Biológicas – IPB, e é adquirida uma área de cerca

de 10.000 m² na Avenida Princesa Isabel, para a construção do novo prédio para os laboratórios de saúde pública do Rio Grande do Sul, que foi inaugurado em 1960.

Como médico dedicado à saúde pública, foi convidado pelo titular da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina, professor Fernando Freitas de Castro, para seu assistente. Poucos anos depois fazia concurso para livre-docente, sendo aprovado com notas bem elevadas. Mas pouco tempo depois, em 1937, com a instalação do chamado Estado Novo, que não permitia a acumulação de cargos, optou pela saúde pública, desligando-se da Faculdade de Medicina.

O Dr. Faillace não fumava nem ingeria bebidas alcoólicas e por isso dirigiu todos os seus conhecimentos e sua cultura no combate a essas duas situações, seja através de palestras e conferências, seja através de entrevistas ou artigos nos principais órgãos de comunicação do nosso país.

O Dr. Faillace era casado com Dona Aracy Rego Faillace e teve três filhos – Raul, Renato e Roberto. Renato foi o único que escolheu a Medicina como profissão.

Dotado de uma inteligência privilegiada, raciocínio rápido e conclusões lógicas, o Dr. Faillace foi fundador e presidente da Sociedade de Higiene do Rio Grande do Sul e dirigiu por vários anos a revista *Arquivos do Departamento Estadual de Saúde*, que durante muito tempo divulgou todas as atividades da saúde pública do nosso Estado.

Sua produção científica reúne mais de 30 trabalhos publicados nas mais importantes revistas técnicas do Brasil, destacando-se seus estudos sobre Lepra, BCG, Alcoolismo e Tabagismo.

Quando tinha que presentear alguém, sempre o fazia ofertando um livro – e sempre um bom livro.

Foi um dos pioneiros em nosso Estado na aplicação do BCG como agente imunizante contra a tuberculose, juntamente com o professor Manuel Pereira Filho. Isso determinou um estremecimento em suas relações. Mas anos depois se reconciliaram.

O Governo Federal e o Governo Estadual, em reconhecimento aos seus méritos, concederam ao Dr. Faillace os seguintes títulos, medalhas e condecorações: Oficial da Ordem do Mérito Médico pelos “notáveis e relevantes serviços prestados à Medicina e à Saúde Pública do Brasil” e “Grande Mérito” da Ordem do Mérito Médico do Serviço Público do Estado do Rio Grande do Sul.

O Dr. Faillace faleceu no dia 1º de agosto de 1975.



João Carlos Gomes da Silveira

O Dr. João Gomes da Silveira nasceu em Cruz Alta no dia 16 de abril de 1913, filho de Dario Silveira, engenheiro-agrônomo, e de Cândida Gomes da Silveira, descendendo dos mais antigos troncos açorianos que povoaram o Estado. Aos quatro anos de idade, já alfabetizado, ingressou no Ginásio Santa Maria, dos Irmãos Maristas, onde fez os estudos primários e secundários. Ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1930. Durante a vida acadêmica foi interno da Enfermaria 6, de cirurgia geral de homens (Dr. Sarmento Leite), e da Enfermaria 3, de cirurgia ginecológica (Dr. Pedro Chaves). Formou-se em 1935, ano do centenário da Revolução Farroupilha, e quando a festa de formatura ocorreu em 20 de setembro. Formado, seguiu para o Rio de Janeiro, para especialização em ginecologia. Lá, tornou-se médico assistente do Serviço de Ginecologia e Cirurgia Geral de Mulheres da Santa Casa de Misericórdia. Ao voltar, foi trabalhar no povoado de Ana Rech, atendendo também localidades próximas, como Vila Seca e Fazenda Souza, sempre fazendo clínica e cirurgia geral. Numa época heroica da cirurgia, passou a trabalhar em Caxias do Sul, enquanto já preparava sua tese sobre endometriomas de ovário.

Em 1938 fez concurso de títulos, provas e defesa de tese para livre-docência de Ginecologia na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, sendo aprovado. A 2 de março de 1939, tomou posse como assistente de ensino na cadeira de ginecologia da Faculdade de Medicina, que tinha como catedrático o Prof. Martim Gomes. Suas atividades

didáticas aconteceram no Ambulatório de Ginecologia da Santa Casa e na Enfermaria 22, de Cirurgia Ginecológica. Coordenou numerosos cursos de aperfeiçoamento para médicos. Em 1955, foi aprovado em primeiro lugar para a cátedra de Ginecologia da Faculdade de Medicina da UFRGS. Assumiu a cátedra, mas, em agosto de 1955, solicitou demissão de suas funções na Universidade em repúdio a atitudes tomadas pela direção da Faculdade de Medicina e para “preservar a dignidade docente”. Foi o primeiro professor titular de Ginecologia da atual Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre e o primeiro professor titular de Ginecologia da Faculdade de Medicina da PUC. Na área de saúde pública, foi Chefe do Departamento de Câncer Ginecológico do Centro Regional de Cancerologia da Secretaria da Saúde.

Das atividades na Enfermaria 11 e no Ambulatório 8, da Santa Casa, nasceu o livro *Princípios de Ginecologia*. Em 1979 e em 1982 publicou as duas séries de *Curso de Cancerologia Aplicada à Ginecologia*. Colaborador de todas as edições do tratado *Obstetrícia*, de Jorge Rezende, também colaborou com capítulos para a *Enciclopédia Médica Brasileira* e para publicações editadas no exterior, como o tratado de Hans Halbe, ou outros publicados em Genebra, Stutgard e Perugia. João Gomes da Silveira produziu mais de 130 artigos científicos em periódicos nacionais, cinco em revistas estrangeiras, além de muitos trabalhos de divulgação científica e das teses defendidas em concursos. Muitas foram suas viagens para participar de cursos e de congressos de ginecologia ou de seu ensino, sobretudo na Europa (27 vezes). Participante ativo de sociedades médicas e na Saúde Pública, foi presidente da Sociedade de Cirurgia do Rio Grande do Sul, da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Rio Grande do Sul, do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da AMRIGS e da Federação das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASCO). Idealizou e coordenou o Curso Continuo de Cancerologia aplicada à Ginecologia, da Secretaria da Saúde do Estado. Por sua destacada atuação na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, foi agraciado com o título de Irmão Protetor.

Afora a medicina, teve intensa atividade intelectual, que se iniciou cedo, em Santa Maria, escrevendo poesias e trabalhando no jornal *Sul-Brasil*. Aos 16 anos de idade, publicou *Pompeia Ressurgida*, livro de poesias, pela Editora da Livraria do Globo. Paralelamente ao curso médico, manteve seu trabalho na imprensa, como revisor, repórter, redator e, por fim, secretário de redação do *Diário de Notícias*, cargo que deixou ao concluir a Faculdade. Em 1946, publicou o romance *Uma Experiência de Amor*, pela Editora Globo. Pela mesma editora, foi um dos principais tradutores da monumental *Comédia Humana*, de Balzac, sendo responsável, entre outras, pelas traduções de *Tio Goriot* e de *Eugénie Grandet*. Como ente político, aos 17 anos, participou da Revolução de Trinta, fazendo parte das tropas de Flores da Cunha. Na década de cinquenta, teve alguma atividade político-partidária e foi presidente do Diretório Estadual do Partido Socialista Brasileiro.

Em 1936, a 20 de julho, casou com Cely Tavares Py, filha do Prof. Aurélio de Lima Py, Catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, e de Celina Piegas Tavares. O casal teve quatro filhos: o arquiteto Roberto Py Gomes da Silveira, o médico Gustavo Py Gomes da Silveira, o aeronauta Eduardo Py Gomes da Silveira e o advogado Ricardo Py Gomes da Silveira. Gustavo seguiu seus passos e veio a ser membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, que veio a presidir. Além das funções docentes e da clínica privada, encontrava tempo para outras atividades. Suas horas de lazer eram ocupadas com leitura ou com cuidados de agricultor, em que se dedicava ao cultivo de tomates-cereja e de rúcula.

O Professor João Gomes da Silveira faleceu no dia 10 de maio de 1989, aos 76 anos de idade, em Porto Alegre. Até o dia 9 de abril, esteve em plena atividade, atendendo sua clínica, coordenando o ambulatório de mastologia no Hospital da PUC, ensinando e pesquisando, sempre direcionado para o futuro e os progressos da sua especialidade. Como disse o Prof. Pedro Luiz Costa, “a Ginecologia do Rio Grande do Sul perde seu maior ginecologista e o maior incen-

tivador de jovens para a especialidade”. Foi sepultado no Cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Sua atuação científica originou o “I Encontro de Ex-Alunos do Prof. João Gomes da Silveira”, coordenado pelo Prof. Álvaro Petracco, em 1983. Em 1990, ocorreu o IV Encontro, o primeiro após a morte do Professor, com a presença do Dr. Andrew Schally, Prêmio Nobel de Medicina, que fez questão de comparecer ao evento como homenagem póstuma ao amigo.



João Guilherme Valentim

A dimensão da vida de um homem não está somente no que ele faz mas, também no exemplo que ele deixa, pois a vida é feita de memórias e a lembrança é um forma de

encontro – o que morre não desaparece, só o que é esquecido.

“Um homem se torna sábio quando adquire três qualidades: não desprezar quem estiver abaixo dele, não invejar quem estiver acima dele e não comercializar seu saber.”

Sem dúvida, este é o perfil de João Guilherme Valentim, médico cujas características humanas marcaram sua trajetória na história médica de sua cidade adotiva. O seu universo está ainda muito perto de nós. Acreditou mais no contato humano que em todos os diplomas do mundo; seu maior valor eram as pessoas.

Nasceu em Santa Maria da Boca do Monte em 30 de abril de 1893, filho de Guilherme Valentim e Emília de Carvalho Valentim. Órfão muito cedo, sentiu-se responsável pela família. Seu primeiro emprego em uma farmácia despertou sua atenção pela medicina e sua sensibilidade concentrou seu foco nos mais humildes. Transferiu-se aos 14 anos para Porto Alegre. Embora trabalhando em escritório de engenharia – Viação Férrea do Rio Grande do Sul – e conquistando a amizade e simpatia de seus superiores, nada demoveu o médico em potencial de seu objetivo.

Toda grande caminhada começa com o primeiro passo; partiu para o interior do Estado – mais precisamente Sananduva. De regresso a Porto Alegre, casou-se com Eldira Cirne Candiota, com quem teve 5 filhos.

Não procurou ser onipresente. Trabalhou sempre com carinho, modéstia e competência. Sua autoridade e presença eram puramente carismáticas. Chegava ao essencial com a profunda sabedoria da simplicidade e da nobreza. Substituiu o Prof. Dr. Alberto de Souza no Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia, sendo simultaneamente o Chefe do mesmo Serviço na Beneficência Portuguesa. Limitado por motivo de saúde – conforme carta datada de agosto de 1935 e dirigida à então Diretoria da Beneficência Portuguesa –, solicitou a demissão deste cargo, optando pelo primeiro, “pois não seria elegante escolher um serviço remunerado em detrimento de outro gratuito, parco de recursos e necessitado de seus esforços”, conforme sua justificativa.

O princípio que norteou sua vida é hoje lema de seus descendentes, ressaltando a humildade e a grandeza do ser humano e destacando que sábio não é quem ensina mas quem aprende. Inovou a especialidade em vários aspectos, usando sua numerosa clínica não só para praticar o bem, mas para aprender pela experiência, sendo reconhecido líder da especialidade na sua época.

Aos 84 anos, entrevistado sobre seu pioneirismo em desvincular a especialidade de Oftalmologia da de Otorrinolaringologia sua confessada e humilde conclusão foi a seguinte: “Acho que progredi, nunca tive vergonha de aprender”.

Duas homenagens foram registradas após sua morte: em Porto Alegre no Instituto Rio-Grandense de Ciências e Letras, por meio de seu Presidente, Dr. Fernando Palmeiro da Fontoura, e nos Anais da Câmara dos Deputados, do Congresso Nacional, por solicitação do Dep. Célio Marques Fernandes. A primeira em outubro de 1978 e a segunda no Diário Oficial da União em 17 de maio de 1977.

Faleceu em 11 de maio de 1977, aos 84 anos de idade. Entre seus descendentes, encontram-se um filho e dois netos médicos otorrinos, um médico anestesista e um médico neurocirurgião.



João Lisbôa de Azevedo

João Lisbôa de Azevedo nasceu em Porto Alegre em quatro de setembro de 1893. Era filho de João Baptista Ferreira de Azevedo e de Clarice Azambuja Lisbôa. Seu pai, comerciante na capital gaúcha, faleceu aos 36 anos, quando o futuro doutor João Lisbôa contava seis anos de idade. Eram seus avós paternos o comendador João Baptista Ferreira de Azevedo e Generosa Barcellos Ferreira de Azevedo, e avós maternos o comendador Francisco Pereira da Silva Lisbôa e Juliana Mafalda d'Azambuja Lisbôa. Era descendente direto de Jerônimo de Ornellas de Menezes e Vasconcellos, um dos primeiros povoadores da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, pai da primeira mulher branca nascida em terra rio-grandense, Gertrudes Barbosa de Menezes, e proprietário das terras em que está situado o centro da cidade de Porto Alegre.

Iniciou seus estudos no Colégio Anchieta, de Porto Alegre, e “era um estudioso, o primeiro da aula, o orgulho dos professores, estudava pelo prazer enorme de saber e se salientava não para fazer jus aos prêmios do colégio e da família, mas como um imperativo da vontade e da inteligência, sabia fazer do cérebro a razão de ser da própria vida” (*Correio do Povo*, abril de 1945). Concluiu o secundário no Anchieta em 1911 e ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1912. Foi interno das clínicas oftalmológica do professor Victor de Britto; otorrinolaringológica do professor Julio Velho; e médica dos professores Luiz Masson e Octavio de Souza. Durante o curso, foi auxiliar praticante do Instituto Oswaldo Cruz. Formou-se médico em 1917 e sua tese de doutorado “O Tono Vago-Sympáthico na Demência Precoce” foi aprovada com distinção por banca exami-

nadora constituída pelos professores Heitor Annes Dias (presidente), Froes da Fonseca e Luiz Guedes. Em 16 de abril de 1923, foi nomeado professor assistente da cadeira de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Dedicou-se por mais de cinquenta anos à Santa Casa de Misericórdia. Nela, iniciou suas atividades quando estava no terceiro ano da faculdade e atendia pacientes da 9ª Enfermaria. Em 1920 passou a adjunto e logo a titular dessa enfermaria. Foi médico chefe e diretor de várias enfermarias e o estágio dos alunos no último ano da Faculdade de Medicina era orientado por ele. Foi diretor-geral das clínicas hospitalares, membro de várias mesas administrativas e eleito diversas vezes para o Conselho dos Irmãos Definidores da Santa Casa. Dela recebeu todos os títulos honoríficos: Irmão (1926), Irmão Benemérito (1952), e por fim Irmão Grande Benemérito (1966), “considerando a dedicação e o espírito humanitário que sempre demonstrou no desempenho de suas atividades profissionais, o altruísmo de seus serviços e, sobretudo, a abnegação com que colocou sua enfermaria à disposição da Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre”. Em 10 de agosto de 1973, a Santa Casa prestou-lhe uma homenagem: a Enfermaria 35 de Clínica Médica passou a chamar-se Enfermaria João Lisbôa de Azevedo.

Para manter de forma mais completa o segredo profissional, estudou estenografia e passou a usar um código pessoal para registro de dados nas fichas de seus pacientes. Exímio valorizador da semiologia francesa, procurava obter através dos sentidos tudo o que fosse útil para chegar a um diagnóstico. Auxiliado por aparelhos na avaliação da pressão arterial, apenas complementava com eles a ausculta cardíaca e a minuciosa tomada dos pulsos nas artérias, valorizando todas as suas características, bem como sua evolução na patologia tratada. Gratificava-se, intimamente, ao verificar que a pressão arterial registrada pelo esfigmomanômetro aproximava-se muito da estimada pelo seu exame. Pela sua reconhecida competência, passou a ser o médico de seus professores, colegas, com suas respectivas famílias, bem como de grande número de religiosos. Quando ia para Torres

não descansava de todo, pois passava a médico da colônia de pescadores de Cidreira e Torres durante os meses de verão e amparava com medicamentos e agasalhos a todos os necessitados. Era dono de rica biblioteca e dominava vários idiomas. Legou seus livros de Medicina ao doutor Antônio Milhein, seu amigo e médico assistente, que doou à Santa Casa os escritos em alemão.

Participava das atividades associativas na Sociedade de Medicina de Porto Alegre e foi o tesoureiro da primeira diretoria no início do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul, sob a presidência do doutor Gabino da Fonseca. Simples, modesto, era incapaz de ostentar riqueza ou buscar vantagens pessoais. Mas gostava de carros e dirigia com muita segurança o seu Jaguar. Jogador de golfe, caminhava muito e isso certamente contribuiu para a sua longevidade. Muito ativo, depois dos 80 anos de idade, caiu do telhado de sua casa assobradada quando tentava consertar a antena da televisão. Machucou-se sem gravidade.

Casou-se em 20 de julho de 1921 com Maria de Barcellos Menezes, neta materna do Dr. Ramiro Fortes de Barcellos, ilustre médico, político e escritor rio-grandense. Dona Maria, durante os 63 anos de convivência matrimonial, sempre o acompanhou nas campanhas em prol da Santa Casa e dos menos favorecidos, sobretudo os pobres da Ilhota, berço de Lupicínio Rodrigues, Tesourinha e da Liga dos Canela Preta, de importância histórica no futebol e na cultura negra de Porto Alegre. Do casamento, nasceram quatro filhos: Clarice, casada com Armando Pinto da Fonseca Guimarães; Maria Luiza, casada com Mário Lobo Aragon; Beatriz, casada com Osmar Caleffi, e José de Azevedo, falecido tragicamente em Torres aos 19 anos de idade. Ao falecer, em sete de agosto de 1984, com 91 anos de idade, o Dr. João Lisbôa Ferreira de Azevedo deixou 11 netos e 15 bisnetos.



José Fernando Domingues Carneiro

Filho de Benjamin de Araújo Domingues Carneiro e de Maria Menezes Carneiro, José Fernando nasceu em Fortaleza, no Ceará, em dois de março de 1908. De lá saiu em 1917 para Itacoatiara, no Amazonas. Fez o curso primário em Belém e o secundário em duas cidades: Nova Friburgo (RJ), no tradicional Colégio Anchieta, dos jesuítas, e em Lorena (SP), no Colégio São Joaquim. Após cursar os dois primeiros anos em Salvador, na Bahia, diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro em 1931. Da Faculdade referia influências de Oscar Clark e Antonio Austragésilo, cuja clínica frequentou. Recém-formado, desenvolveu clínica e atendia pacientes do IAPC no Rio de Janeiro, enquanto tentava especializar-se em Tisiologia e, de forma mais ampla, em Pneumologia, sem descuidar da intensa vida cultural e política. Levado por decepção amorosa e pela admiração que lhe despertavam os ingleses, alistou-se para enfrentar os submarinos alemães numa travessia marítima perigosíssima em plena guerra, no ano de 1943. Chegou a Londres como parte de um comboio e passou a desempenhar suas atividades no Brompton Hospital. Também frequentou o Queen's Cottage Hospital, onde encontrou um grande mestre, o doutor Mc Indoe, cirurgião plástico. Das vivências no Brompton, contava “De hospitais, frequentei sobretudo um, para moléstias pulmonares: câncer, tuberculose e outras coisas feias e tristes.” Mais adiante dizia: “Quantas vezes, vendo os casos trágicos do meu hospital de Brompton, ou, então, os mutilados que chegavam noutros hospitais, me

vinha o sentimento, que tantas vezes nos assalta, de que a vida é uma coisa dura, por vezes cruel e que, para enfrentá-la, o homem deve ter fibra, ser rijo, duro e áspero. Entretanto, isso não exclui a bondade. Uma estranha combinação de aspereza e de bondade.” Permaneceu em Londres por mais de um ano e casou-se com a enfermeira Joan Audrey Mary Carneiro. Mais tarde adotou duas crianças inglesas.

Voltando de Londres, reassumiu sua clínica e a intensa vida intelectual e política no Rio de Janeiro. Participou da luta pela redemocratização do país e ajudou a fundar a Resistência Democrática, núcleo de intelectuais de várias correntes políticas e que, à sombra do *Diário de Notícias* e de seu bravo diretor Orlando Dantas, procurava apressar a volta do país à democracia. Carneiro firmou o manifesto da Resistência com escritores, jornalistas e profissionais liberais do porte de Adauto Lúcio Cardoso, Dario de Almeida Magalhães, Carlos Lacerda e um grupo de políticos que iriam fundar a UDN. Carneiro, entretanto, alistou-se nas hostes do Partido Libertador, cujo parlamentarismo o seduzia e cujo chefe, o doutor Raul Pilla, o impressionava pela coerência de atitudes e pelo perfil moral. São dessa época os textos que compõem o livro *Catolicismo, Revolução e Reação* (Agir, 1947). Nele, revela-se a multiplicidade de interesses e a inesgotável curiosidade de Fernando Carneiro. Alguns temas passariam a ser constantes nas suas manifestações de pensador católico. É o caso da imigração, cuja importância para o desenvolvimento do país não cessou de salientar, indo contra as teses anti-imigrantistas e nacionalistas dos órgãos de governo. Foi tão intensa sua participação na III Conferência Interamericana de Ação Social Católica (1948), na I Conferência de Imigração e Colonização (Goiânia, 1949) e em curso do Conselho Nacional de Geografia, que Alceu de Amoroso Lima falou de uma “verdadeira campanha de reabertura dos portos do Brasil ao homem europeu, na linha do Cairu do decreto de 28 de janeiro de 1808”. Hilgard Sternberg, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, publicou o ensaio *Imigração e Colonização no Brasil* (Rio, 1950), elogiando o autor e seu humanismo. Fez parte de grupo em que pontificava ao lado de Jackson de Figueiredo, Gusta-

vo Corção, Alceu de Amoroso Lima, Jorge de Lima e outros. Com eles, no Centro Dom Vital e na revista *A Ordem*, ajudou a renovar o catolicismo brasileiro. Bernanos, Béguin e Jacques Maritain eram seus amigos

Grande professor, Carneiro jamais teve uma cátedra no Rio de Janeiro. Talvez por isso, tenha aceito o convite da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, mediado pelo professor Raul Pilla, em 1951. Após nova estada na Inglaterra, em 1953, dez anos depois da sua aventura guerreira, Fernando Carneiro foi contratado como professor da cadeira de Tisiologia da Faculdade de Porto Alegre em 1954. Aprovado em concurso no ano de 1960, passou a docente-livre e logo assumiu a cátedra de Clínica Tisiológica. Autor de muitos trabalhos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais, muito viajou para ministrar aulas e conferências. Recebeu prêmios e distinções, bem como foi professor homenageado de diversas turmas na Faculdade e paraninfo dos formandos de 1959. Foi o grande responsável pela modernização do ensino e do tratamento na Pneumologia do Rio Grande do Sul. Entusiasta da construção do Pavilhão Pereira Filho, anteviu conquistas e tudo fez pela sua afirmação.

Coordenou as primeiras campanhas contra o cigarro em nosso meio e, segundo o doutor Nelson Porto, lutava pela preservação de parênquima pulmonar tanto quanto fosse possível. Primeiro, procurou poupar costelas nas toracoplastias da fase heroica na cirurgia da tuberculose, depois, lobos e segmentos de pulmão nas ressecções por neoplasias. A partir do professor Carneiro, passou pelo Pavilhão Pereira Filho a fina flor da Pneumologia e da Cirurgia Torácica. O pioneirismo no mestrado da especialidade e a posição de maior centro da América do Sul em transplantes de pulmão são frutos sazonados de sua semeadura, da mesma forma que o são os demais centros de clínica e cirurgia de tórax existentes em Porto Alegre e pelo interior do Estado. Sensível aos reclamos sociais, continuou médico do IAPC, presidiu o Instituto Isaac Pécis da instituição e participou de bancas para admissão de tisiologistas e radiologistas do instituto por todo o Brasil.

Em Porto Alegre ampliou seu círculo de amizades. Frequentava regularmente a casa de Erico Verissimo, que prefaciou sua obra póstuma de ensaios. Lá, se encontrava com Augusto Mayer, Moises Velhinho, Carlos Reverbel, Limeira Tejo e tantos outros. No Partido Libertador convivia com Mem de Sá, Paulo Brossard, Décio Martins Costa e principalmente Raul Pilla, a quem dedicava profunda admiração. Tornou-se profundo conhecedor da colonização alemã no Estado. Seus estudos *Os Alemães no Brasil* e *Karl von Koseritz* são primorosos. Acostumado a sempre defender a vida, era contra a violência consubstanciada na tortura, na pena de morte, no aborto e na eutanásia. Produziu importante monografia contra “a abreviação caridosa da vida”, em que misturou conhecimento, espiritualismo e vivências sofridas como a da agonia e morte do amigo Jorge de Lima, que acompanhou de perto. Em Porto Alegre escreveu vários ensaios que foram reunidos após sua morte no livro *Psicologia do Brasileiro*. Após 1964, tornou-se incisivo crítico da violência institucional imposta ao país, e com isso afastou-se por algum tempo do amigo Gustavo Corção. Polemista, era homem de firmes convicções, mas cultivava paradoxos. Erico Verissimo, anotou de Anverso e Reverso: “Escrevi hoje essas duas coisas. Qual delas está certa? Ou ambas estão certas? Ao menos, o que penso eu? Não sei o que está certo nem o que penso.” Entre sério e galhofeiro, apresentava-se aos alunos como um anarco-socialista-cristão.

José Fernando Carneiro, em 11 de novembro de 1968, faleceu vítima de um acidente vascular cerebral e confortado pelos sacramentos que teve tempo de buscar antes de entrar em coma. Foi sepultado no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.



José Luiz Tavares Flores Soares

Filho de Alcides Flores Soares e de Maria José Tavares Flores Soares, nasceu em Porto Alegre, no dia 30 de março de 1906, encaminhando seus estudos para o aprendizado da difícil arte da Medicina. Em 1929, concluiu seu Curso Médico em nossa velha e querida Escola de Medicina da UFRGS, arditamente morta e vivisecada por alguns de seus diletos filhos. Em minha juventude, Flores Soares, juntamente com o saudoso prof. Guerra Blesmann, foram os primeiros que me ensinaram a amar e respeitar o antigo casarão, que sediou a Faculdade de Medicina, referencial pleno de nossas vidas médicas, hoje deteriorado pelo abandono, entregue às mãos de administradores historicamente não habilitados a sê-los.

A partir do momento em que teve seu diploma nas mãos, José teve o dom de vestir os dois hábitos, dos quais nunca mais se desfaria: o imaculado avental de Hipócrates na lide diária com os doentes e a toga de tribuno em defesa dos ideais e metas da classe médica. Em novembro 1932, casou-se com a sr^a. Margot Moeller, filha de tradicional família de comerciantes de Porto Alegre, falecida no ano passado. Deixou do casamento 5 filhos, dos quais o mais jovem, justamente aquele que leva seu nome, segue seus passos na carreira médica.

No exercício da Medicina, Flores Soares galgou os mais variados e enobrecedores escalões da profissão, quer na Santa Casa, quer na Escola de Medicina, quer na política classista, da qual foi um dos nossos grandes batalhadores. Recém-formado, embrenhou-se logo pelos caminhos que jamais abandonaria, ou seja, a perseguição cons-

tante de seu amplo ideário médico. Em 1930, assume o cargo de Adjunto da 2ª Enfermaria da Santa Casa, serviço do inesquecível prof. Thomas Mariante, luminar de nossa Medicina, a quem era ligado por laços familiares. Homem irrequieto e batalhador incansável, a partir daí não mais cessa suas atividades, as quais terminarão por levá-lo, no momento exato, à Direção máxima de nossa Medicina: a Presidência da Associação Médica Brasileira. Rememorando o currículo desse homem que tão bem soube exercer as funções de clínico geral e médico de família, meio século antes dessa atividade surgir como especialidade médica, descoberta atual dos gerenciadores do moderno ensino médico, destacaríamos, com orgulho e carinho de primo e afilhado, alguns dos passos mais significativos de sua produtiva caminhada ao longo da vida.

Vamos encontrá-lo em 1932 como Adjunto do Diretor de Clínica Médica do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência, período áureo desse nosocômio. Com a transbordante energia de sua juventude, assume, neste mesmo ano, o cargo de Secretário de Redação dos *Arquivos Rio-Grandenses de Medicina*.

No ensino médico, seu percurso não foi menos ascendente. Em 1933, tornou-se Assistente Voluntário da Primeira Cadeira de Clínica Médica e em 1934, foi elevado ao cargo de Assistente. Em 1935, assume a chefia dessa mesma Cadeira de Clínica Médica de nossa Escola de Medicina, considerada na época a segunda Faculdade em qualidade de ensino médico no País. (Como decaímos desde então...).

O ano de 1949 lhe trouxe profundas emoções: por unanimidade, recebeu o título de Irmão da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Os fortes vínculos religiosos de sua família e a excelente qualidade social do seu trabalho foram publicamente admitidos através do reconhecimento de seu labor e de sua conduta. Ser Irmão simboliza a saga familiar, profundamente ligada à religião.

O ano de 1951 foi profícuo na vida de Flores Soares: a intensa e sóbria atividade despendida o levou, em 27 de outubro daquele ano, juntamente com um grupo de amigos idealistas, a fundar a nossa AMRIGS. No mesmo ano lançaram-se as pedras fundamentais da

Sociedade Mãter dos médicos de nosso país, a AMB, e aqui também o incansável pelejador surgiu como um de seus sócios fundadores. Se não bastasse ver vicejar nesse ano essas duas importantes associações profissionais, às quais dedicou, nas suas estruturações, grande parte de seu tempo e de seu esforço, tornou-se o primeiro Presidente da Sociedade de Medicina Interna do Rio Grande do Sul.

Homem de aparência tranquila, ponderado em suas atitudes, mas de espírito ágil e insatisfeito com suas vitórias, transformou-se em soberbo tribuno, porta-voz oficioso dos médicos rio-grandenses nas décadas de 30 a 60. Em sua firme ascensão no âmbito médico, assumiu, em 1954, a Presidência da Sociedade de Medicina de Porto Alegre.

Unindo-se a um seletto grupo de colegas, vários deles ainda em plena atividade, estruturaram e fundaram o Conselho Regional de Medicina, entidade que veio a presidir no biênio 1957–1958 e da qual, orgulhosamente, recebeu a inscrição de número 1 em sua carteira.

Lutador incansável pelos interesses da Medicina sul-rio-grandense, veio a presidir a Associação Médica do Rio Grande do Sul por dois biênios, 1959–1961 e 1961–1963. Firmava-se nossa Associação como resultado do trabalho desprendido e amoroso de seus primeiros diretores.

Como pináculo de sua luta pelos direitos médicos, foi eleito e presidiu o órgão máximo da Medicina Nacional, a AMB, no biênio 1963–1965, quando mais uma vez demonstrou suas qualidades de político habilidoso e benquisto. Em sua gestão na AMB, deparou-se com séria crise no meio médico de seu Estado, sendo obrigado a constantes intervenções em busca da pacificação que sempre almejava, pois apenas assim a classe médica cresceria forte e consciente. Como decorrência de seu trabalho, gestionou e atingiu eleger Sebastião de Almeida Prado Sampaio, Catedrático de Dermatologia da USP, como seu sucessor na AMB. Conseguiu, assim, dar à nossa entidade máxima, continuidade às suas ideias.

Clínico de reconhecido valor e grande lutador por uma honesta política classista, foi agraciado com a Ordem do Mérito Médico do

Brasil, honraria destinada a figuras ímpares da Medicina nacional. No final da década de 1960, passou a integrar em caráter permanente o Conselho Federal de Medicina, cargo que ocupará durante os 10 últimos anos de sua produtiva vida. Entre 1970 e 1976, tornou-se Delegado da AMB, representando-a nas Assembleias da Associação Médica Mundial. Entre outras atividades exercidas e honrarias recebidas, lembramos as de Sócio Benemérito de diversas entidades médicas, destacando em especial os títulos outorgados pela AMRIGS e pela AMB, associações profissionais que devem sua origem ao esforço permanente de médicos de atuação marcante e determinação quase obsessiva em busca de suas metas. Naquela época de criações e nascimentos, deparamo-nos sempre com grupos de colegas dedicados e altruístas, batalhando na constante busca de seus ideais, na procura de uma classe unida e forte. Naqueles momentos em que novas ideias fervilhavam nos meios médicos, lá sempre encontramos o nome de José Luiz Flores Soares, luzindo com sua inteligência, habilidade e tenacidade incomuns.

Os homens parecem nascer com seus destinos talhados para o sucesso ou para a mediocridade. Flores Soares cumpriu, ao longo de sua existência, tudo aquilo a que se propusera. Encontramos hoje na AMRIGS, no CREMERS e na AMB a perpetuação de seu trabalho. Desse modo cumpriu o seu destino. Em 1º de fevereiro de 1977, a falência abrupta de seu coração retirou-o do convívio de inúmeros amigos e do carinho de sua família.



José Mariano da Rocha

Do casal de professores públicos Mariano Joaquim de Siqueira e Ana Eulina da Rocha, surgiu uma nova sigla familiar para o Rio Grande do Sul, fruto da contrariedade inicial do novo chefe de família ante a má vontade de seus parentes com Ana Eulina, a sua bem-amada. O primeiro filho nasceu em Taquari no dia 21 de dezembro de 1872 e recebeu o nome de José Mariano da Rocha. Dos oito filhos, foi o único a nascer fora de Pelotas, onde o casal passou a lecionar, e José fez os estudos primários. Os de Humanidades, fez em São Leopoldo, no Ginásio Nossa Senhora da Conceição, dos Padres Jesuítas. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1893 e, num período de revolução e de crise econômica, passou os seis anos do curso sem voltar ao sul. Como acadêmico, foi interno de Psiquiatria e Moléstias Nervosas, sob orientação dos professores Tilemont Fontes e Juliano Moreira, e foi interno dos “Hospitais de Sangue” da Bahia na famosa Campanha de Canudos. Colou grau em 14 de dezembro de 1898 e teve sua tese sobre melancolia aprovada com distinção. Instalou-se em Santa Maria a convite de seu tio Ernesto Marques da Rocha. Residiu, de início, no Hotel Leon, onde também montou consultório. Já era noivo quando perdeu o pai, homem de poucos recursos e que os dividia com os mais necessitados, bom vi-centino que era. Assumiu os cuidados da mãe e dos irmãos, destinando-lhes integralmente os ganhos obtidos como médico da Caixa de Socorro dos Ferroviários. Todos eles completaram cursos superiores, tornando-se médicos, advogados, engenheiro, militar e padre. Em 25 de junho de 1901, José Mariano da Rocha casou-se com Maria Clara Álvares da Cunha. Foi dos primeiros membros da Sociedade

de Medicina de Santa Maria e nela instituiu, junto com seu irmão Francisco, prêmio que levava seu nome, constando de medalha de ouro e diploma. O Dr. José Mariano da Rocha, um dos fundadores da Faculdade de Farmácia de Santa Maria, era responsável pela cadeira de Farmacognosia. Fez viagens de estudos à Europa, onde morou de 1904 a 1906, tendo frequentado as principais clínicas de Viena, Berlim e Paris. Voltou ao velho mundo nos anos de 1919 e 1925, interessando-se pela alta cirurgia, especialidade que passou a exercer. Sempre praticou a Medicina em Santa Maria e muito fez pela Faculdade de Farmácia e pelo seu reconhecimento oficial. Mesmo aposentado, substituíva professores quando necessário. Grande estudioso e portador de curiosidade científica ímpar, tornou-se dono de preciosa biblioteca. De José e Maria Clara, nasceram dez filhos, três homens e sete mulheres. Deles, três optaram pela Medicina: Maria Clara, Edith e José Mariano da Rocha Filho; Celeste tornou-se farmacêutica. A casa dos Mariano da Rocha era um centro de agradável convivência, em que a mocidade se divertia e se aculturava. Além dos filhos, o solar que fora de José Maria da Gama Lobo Coelho d'Eça, português antepassado de Maria Clara, acolhia parentes e filhos do capataz da estância e que vinham estudar na cidade. Aos poucos, José foi passando para o irmão Francisco a clínica e as obrigações na Faculdade de Farmácia, germe da futura Universidade de Santa Maria. Aspirava a ter mais tempo para dedicar-se à Estância Santo Antônio, desmembrada da tradicional Santa Rita, no Município de São Borja. Também lá não descansava, pois, na fazenda, era procurado por muitos doentes, que atendia de forma humanitária e que saíam levando remédios da farmácia que ele organizara. Sempre gostou de viajar. Passava temporadas no Rio de Janeiro e voltou a morar por curto período na Europa. Tal aconteceu na Estremadura em decorrência de quintas e interesses que herdara em Portugal e Espanha. Cercado da admiração de pacientes, colegas e amigos, o Doutor José Mariano da Rocha faleceu na Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre, em outubro de 1948, aos setenta e seis anos de idade.



Luiz Francisco Guerra Blessmann

Professor Guerra Blessmann, filho de João Blessmann e Maria Julia Guerra Blessmann, nasceu a 10 de setembro de 1891, em Alegrete, RS.

No brilhante discurso que proferiu ao ser recebido como Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina, assim descreveu os primeiros passos de sua formação:

“Na casa paterna tivemos a grande felicidade de receber as inesquecíveis lições que concorreram para a formação de nosso caráter e para a nossa educação intelectual, lições ainda hoje conservadas em sagrado escrínio, sempre, nos momentos difíceis, aberto às nossas indagações.”

“Dos mestres de nossa meninice colhemos os sábios ensinamentos que nos tornaram um fervoroso crente no esforço, no trabalho e no estudo.”

Aos 15 anos chegou a hora da escolha da profissão. Por decisão própria, escolheu a Medicina e, em 1906, aprovado no Vestibular, ingressou na Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre. Concluído em 1911 o curso e defendida com êxito a tese de doutoramento – “Contribuição ao estudo do complemento”.

Desde o início de seu curso, acompanhou o serviço do Prof. Carlos Wallau, grande cirurgião de aprimorada técnica.

O Dr. Blessmann frequentou também enfermarias e anfiteatros de anatomia médico-cirúrgica e anatomia patológica. Estudou em especial química biológica – e veio a ocupar a subchefia da sessão de

laboratório central das Clínicas, de 1912 a 1922. De 1914 a 1917, foi Professor Contratado de Química Biológica; de 1918 a 1921, conquistou por concurso o cargo de Professor Substituto de Cirurgia, atingindo finalmente, em 1922, a Cátedra de Cirurgia Geral.

Nesse período foi também, intercaladamente, Membro do Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade, chefe da 18ª Enfermaria e Provedor da Santa Casa, no tempo em que esta última desempenhava com supremacia as funções hoje confiadas ao nosso Hospital de Clínicas. Em 1932, foi eleito membro, por um período, do Conselho Federal de Educação.

Foi Diretor da nossa Faculdade de Medicina no período de 1935 a 1938, demonstrando que era o preferido para suceder a Sarmiento Leite. Em períodos de ausência, foi substituído pelo Professor Frederico Guilherme Falk.

Em 1944, o Prof. Blessmann foi reconduzido à direção da Faculdade e nela permaneceu até 1956, quando não aceitou novo mandato. Entre as muitas iniciativas levadas a cabo nos dois períodos cabe destacar:

a) O acréscimo ao prédio de uma ala de três pavimentos, onde foram instaladas a biblioteca, o setor de Medicina Legal, os laboratórios de Física, Farmacologia e Parasitologia e a sede do Centro Acadêmico Sarmiento Leite (CASL),

b) A criação de uma Escola de Enfermagem, à qual o Prof. Guerra Blessmann muito favoreceu com a sua autoridade e o seu prestígio de administrador e grande cirurgião. Em 4 de dezembro de 1950 foi fundada a Escola, para cuja organização foram convidadas as duas eminentes professoras Maria de Lourdes e Olga Verderese, formadas nos bons centros brasileiros de Enfermagem e aperfeiçoadas nos Estados Unidos. Era muito grande a falta de enfermeiras nesse tempo, e as primeiras turmas de formadas pela nova escola foram quase totalmente absorvidas pelo magistério.

Em 1º de janeiro de 1937, logo após seu primeiro desempenho como professor, Guerra Blessmann viajou para a Europa, frequentou os serviços dos professores A.W. Mayer (Westend-Krankenhaus);

Liechtenber e Lubarsch (anatomia patológica) “Charité”, em Berlim. Em Paris, igualmente acompanhou e tomou cursos de aperfeiçoamento nos serviços de Legueu, Gregoire e Pauchet, e em Viena frequentou o serviço do Prof. Finsterer. Em março de 1952, em viagem de cinco meses pela América do Norte, chegou a vez de seu contato com a medicina americana, não só pelos progressos da cirurgia, como pela verificação da estrutura e do funcionamento do ensino.

Em 1954 teve a oportunidade de representar nossa faculdade no seminário sobre o Ensino de Medicina Preventiva, realizado em Santiago do Chile. Esses contatos fizeram-no membro do Colégio Internacional de Cirurgiões, da Societé Internationale de Chirurgie e de mais oito sociedades científicas.

Em 1935 foi eleito deputado à Assembleia Constituinte Estadual, já numa época de efetiva realização do voto popular. Num órgão deliberativo em que predominavam juristas, industriais e políticos, foi eleito presidente e isso lhe permitiu uma oportunidade de concorrer para a derrota da liberdade profissional no RS. Idêntica atuação teve ele em congressos sindicalistas no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.

A ideologia e a atuação do Prof. Guerra Blessmann no que diz respeito ao Positivismo merece um exame mais demorado.

Em 2 de janeiro de 1960, o Prof. Guerra Blessmann foi empossado como Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina, sendo saudado pelo Prof. Jayme Poggi de Figueiredo, em sessão que contou com grande número de acadêmicos e mais o representante do Ministro da Saúde, o Presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, o Embaixador João Neves da Fontoura, o Ministro Rubem Rosa e o Prof. José Hilário, representante da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e da Sociedade Médica do RS.

A Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em sessão extraordinária, elegeu-o Professor Emérito, o que não faz senão excepcionalmente.

A respeito de sua aposentadoria, disse Guerra Blessmann: “Com cinco décadas de trato com a Medicina, julguei ser meu dever ceder o lugar aos outros mais moços, nessa incessante corrida de revezamento que é a vida de uma classe ou de uma instituição. Como médico

e professor, fiz o que foi possível; como qualquer clínico, lutei inúmeras vezes pela vida de centenas de pacientes; como mestre pretendi desenvolver a atividade na orientação e instrução dos estudantes, com o intuito de torná-los úteis ao meio e à sociedade onde irão desempenhar a profissão que haviam escolhido.

“Inúmeras recordações, alegrias e tristezas, satisfações e angústias são conhecidas e decantadas por todos que tiveram a ventura de praticá-la.

“O rápido progresso científico, a grande evolução na técnica são por demais vossos conhecidos.

“Acréscce ainda que, para nós, já há mais de um decênio afastados da frequência às salas de operação, a cirurgia já ia ficando relegada a um segundo plano, se bem que merecedora de nossa profunda simpatia e admiração. Com ela e por ela fizemos tudo que nos foi possível.

“Quando, há cerca de quinze anos, nos foi exigido que mais ativamente nos empenhássemos com os problemas da educação médica e do exercício profissional, fomos obrigados a encerrar nossa atividade cirúrgica, sem dúvida exigente de muito esforço e grande dedicação. Assim, pareceu-nos mais justo que vos falasse das novas preocupações.”

Começou a explicando as razões pelas quais o Rio Grande do Sul e, em especial, sua classe médica, desejavam fundar uma Faculdade de Medicina:

“Conforme declara a ata de fundação da Faculdade de Porto Alegre em 25 de julho de 1898, a dispendiosa manutenção dos estudantes na Bahia ou no Rio de Janeiro, o estado sanitário pouco atraente da Capital Federal e a luta, que julgara de seu dever, em que se empenhava a classe médica rio-grandense contra o esdrúxulo princípio da Constituição do Estado, foram os principais fatores que despertaram e incentivaram a fundação de uma Faculdade de Medicina de Porto Alegre.”



Luiz Soares Sarmiento Barata

Luiz Sarmiento Barata foi um notável médico de seu tempo. Médico num sentido muito forte, como aquele profissional que se dispõe a atender o doente não apenas como portador de uma afecção patológica, mas também como pessoa que sente ameaçada a sua esperança de vida. Médico como homem que percebe o homem na realidade de suas dificuldades, nos seus pequenos e grandes problemas, não raro agravados pelas circunstâncias sociais e econômicas. Médico como competência clínica e, sobretudo, como inigualável cirurgião na sua área específica. Médico, ainda, no seu escrúpulo moral e no rigor com que se dedicava ao estudo e ao trabalho de equipe.

De 1932, quando se formou em Medicina, a 1967, quando ele faleceu, a sociedade brasileira passou por sucessivas etapas de transformação. Foi um decurso de 35 anos, compreendendo desde a Revolução de Trinta, que ensejou o processo de industrialização e urbanização do País, até os desdobramentos mais recentes que sobrevieram após a Segunda Guerra Mundial, quando passa a configurar-se uma realidade mais complexa, caracterizada por acentuado desenvolvimento econômico, mas também pelo aguçamento dos conflitos que moldam a nossa estrutura social.

Nesse contexto, o exercício profissional da Medicina, pelo *status* social que confere, não deixava de ter, ainda, algumas características que correspondiam aos remanescentes padrões oligárquicos de nossa sociedade.

Luiz Sarmiento Barata, sem que o soubesse, tinha algo a ver com isso, pelo vigor de sua atuação e pelo seu prestígio, na medida em que concentrava poderes como médico de grande clínica, enquanto chefe de Enfermaria e Professor. Em suma, como personalidade dotada de marcas incomparáveis e carismáticas.

E, no entanto, por paradoxal que pareça, ele sempre exerceu sua influência num sentido que nunca esteve voltado para a satisfação de seus interesses e conveniências pessoais, nem tampouco para a consolidação dos tradicionais grupos de poder. É de se ressaltar, assim, a dimensão democratizadora de sua atuação. Para ele, não importavam a origem e a condição social dos jovens médicos que recrutava para a sua equipe, mas sim as credenciais do esforço e do trabalho.

Quem correspondesse a isso podia contar com seu apoio, a sua experiência, a sua lealdade, e logo percebia que o seu rigor no trabalho não admitia imediatismos e negligências. Escrupuloso e impermeável aos privilégios, era incapaz de pleitear vantagens para si e a sua família.

Essa conduta, que timbrava pelo escrúpulo, era seguida à risca pelo Professor Barata, inclusive ao cobrar consultas e honorários profissionais. E isso ele fazia com muita parcimônia, a ponto de às vezes ser criticado por certos colegas. Não obstante, mantinha tal critério, deixando claro que a profissão do médico, embora remunerada, nada tem a ver com um negócio. Isso, sem contar as horas que dedicava aos pacientes da Santa Casa, trabalho que àquele tempo era inteiramente gratuito.

Havia, sem dúvida, um alto teor de desprendimento na atuação do Professor Barata, o que se articulava com a sua sensibilidade para os problemas sociais e coletivos. Quando médico do Sindicato dos Empregados no Comércio, ele conheceu de perto os que, na hora da doença, tinham de enfrentar as limitações impostas pelos baixos salários e suas dolorosas implicações. Lembro bem quando ele ia atender esses clientes em casa, como era comum naquele tempo. Eu o acompanhei algumas vezes, quando menino, através de bairros longínquos. Então, tudo nele convergia para o gesto solidário, infun-

dindo confiança, numa simpatia humana que abria caminho para o desempenho eficiente do médico. Tinha, na verdade, uma aguda consciência da função social da Medicina.

Esses traços de sua personalidade explicam o seu interesse pelos problemas coletivos, assim como suas episódicas passagens pela política.

Foi ele, com efeito, o organizador e o primeiro Diretor do Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre. Depois, empenhado em ver assegurada a gratuidade do ensino secundário nas escolas públicas do Estado, ocupou a Superintendência do Ensino Secundário. A seguir, tornou-se Secretário de Educação e Cultura do Estado. Sua breve gestão caracterizou-se, no entanto, por importantes decisões, sendo de ressaltar o impulso que deu à criação de escolas técnicas rurais, além de amplo e criterioso trabalho de reestruturação dos quadros do magistério estadual.

Posteriormente, incumbido pelo Governador Walter Jobim, elaborou o plano de estruturação dos serviços de saúde, propondo então a criação da Secretaria de Estado da Saúde, projetada no sentido de integrar organicamente os setores de Assistência Social.

Jamais, porém, se afastou da sua atividade de médico. Esta sempre foi a seara onde mais empregou a sua enorme capacidade de trabalho. Interessado no avanço e desenvolvimento de sua especialidade, fundou e dirigiu a revista *Urologia*, mantida às suas expensas, primeira revista nacional nessa área específica, semente da atual *Revista Brasileira de Urologia*, órgão oficial da Sociedade Brasileira de Urologia.

Foi, aliás, significativa a sua produção científica, tanto em trabalhos publicados como pela sua participação em vários congressos nacionais e estrangeiros. É de referir, nesse sentido, o trabalho já clássico que apresentou no Congresso Americano e Brasileiro, realizado no Rio, em 1939, sobre “Litíase Reno-Ureteral Infectada”. Afora os artigos e numerosos textos que publicava em sua revista, devo mencionar, sobretudo, a consistente tese que apresentou ao concurso para o provimento da Cadeira de Urologia, em 1956, sobre “Hipertrofia da Próstata”, onde também documenta a sua experiência com 400

casos operados pela técnica de Millin. Anos antes, aliás, fora convidado pelo Professor Luciano Gualberto, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, para realizar essa operação no Hospital de Clínicas daquela universidade.

A tudo isso, juntava-se a sua constante participação em entidades da classe médica, ou dedicadas à promoção da especialidade, como o Conselho Regional de Medicina, do qual foi conselheiro até o fim de sua vida, o Sindicato Médico e a Sociedade de Medicina, nas quais exerceu todos os cargos, de Tesoureiro a Presidente e, ainda, a Associação Médica do Rio Grande do Sul, cujo Departamento de Urologia e Nefrologia fundou, sendo eleito seu primeiro presidente.

Prestou concurso para Docente-Livre em 1935, classificando-se em primeiro lugar. Foi, mais tarde, escolhido para representar os docentes-livres junto ao Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Criou e dirigiu o Ambulatório de Urologia da Santa Casa, passando depois a ser Chefe de Clínica da Enfermaria 31 e em 1956 o seu Diretor.

Em 1951, viajou para os Estados Unidos, onde estudou na Michigan University, com o Dr Reed Nesbit, um dos mestres da cirurgia endoscópica.

Trata-se, com efeito, de uma vasta folha de serviços, que evidencia uma vida de trabalho exuberante, não só na área de sua específica atuação médica, pois se desdobrava também numa dimensão social.

Desde muitos anos, Luiz Sarmento Barata esteve ligado à Irmandade da Santa Casa. Aliás, exercera por várias vezes a direção do Hospital São Francisco. Na fase final de sua vida, foi eleito Provedor daquela tradicional instituição. Ao assumir o cargo, a vetusta Santa Casa de Misericórdia, hospital que sempre acolheu gratuitamente a população pobre de Porto Alegre e mesmo do interior do Estado, enfrentava uma conjuntura extremamente problemática: a Faculdade de Medicina da URGS, que ali tinha o seu hospital-escola e, portanto, estipendiava os professores e aportava recursos para auxiliar na manutenção das despesas, estava em vias de transferir-se para o recém-concluído Hospital das Clínicas. Ora, a Santa Casa, cujas re-

ceitas provenientes de seus hospitais particulares não cobriam sequer uma ínfima percentagem de suas despesas, ficaria, ademais, privada dos professores que davam assistência às enfermarias. Para fazer face a essa situação, um grupo de abnegados – entre os quais o Professor Luiz Sarmiento Barata – idealizou e montou uma nova faculdade – a Faculdade Católica de Medicina – cujo Departamento de Cirurgia ele passou a dirigir.

Teve, contudo, de enfrentar na sua gestão à frente da Santa Casa as duras consequências de uma situação financeira, que só muitos anos depois, quando aquela instituição deixou de ser de misericórdia, pôde ser superada, como se sabe.

Foi, na verdade, o seu último combate. Prostrado, em plena atividade, por um acidente vascular cerebral, sobreviveu poucos dias mais. Faleceu a 8 de maio de 1967, aos 63 anos.

Permiti que, ao finalizar esta evocação de Luiz Sarmiento Barata, eu possa enriquecê-la com o depoimento impressionante de um colega que muito privou com ele nos últimos anos de sua vida – o admirável médico e intelectual que foi o Professor Fernando José Carneiro.

Eis, em algumas passagens, as certas e belas palavras que Fernando Carneiro proferiu junto ao túmulo do Dr. Barata:

“Luiz Sarmiento Barata era um encantado pela sua profissão, cujos desenvolvimentos acompanhou até o fim de sua vida, atento às novidades e ao progresso. Faz apenas 15 dias que me entretive com ele em longa palestra, na qual me expôs com vivacidade e encantamento a gênese de certo tipo de carcinoma. E ficou de me dar as necessárias referências bibliográficas.”

Prossegue, ainda, o Professor Carneiro, referindo-se ao colega:

“A sua bondade era uma bondade, sob certos aspectos, pouco brasileira. Porque não era uma bondade melosa nem palavrosa. Era a bondade real de um homem afirmativo, aparentemente áspero, e que gostava de assumir posições claras e inequívocas.

Nenhuma flacidez no corpo ou no espírito. Era um homem marcado e de invulgar coragem pessoal. (...)

Não recebeu a morte. Dias antes dela, pairou-lhe a ameaça de viver, ainda, alguns anos mais como inválido. Para um homem ativo, enérgico e vivíssimo como ele, isso seria intolerável. Então seu boníssimo coração veio em seu auxílio e o livrou do castigo de uma vida mutilada. E deu-lhe o fim rápido dos grandes lutadores.

(...) teve uma morte digna de seu temperamento e de seu caráter.”

No início do ano letivo de 1962, Luiz Sarmiento Barata proferiu na Faculdade de Medicina da UFRGS a aula inaugural, abordando o tema “Medicina e Humanismo”. Talvez, a transcrição de um pequeno trecho dessa aula, possa revelar o que ele pensava e sentia sobre a sua profissão ao postular um humanismo médico como visão real do homem. Eis as suas palavras, que a nosso ver ganharam profundo sentido, especialmente no mundo de hoje:

“Em que consiste essa visão real, esse humanismo médico? Diremos que o nosso humanismo, essa nossa concepção do homem que o exercício da Medicina infunde em nós consiste em não pactuar jamais com os esquemas abstratos, com as meras fórmulas, com o sumarismo das ideologias que pretendem reduzir o homem a um conceito, encerrando-o em perspectivas parciais, que o desfiguram e o mutilam. Nada temos a ver com o homem abstrato, com o homem visualizado a partir de um ângulo específico, e sim com o homem que é inteireza humana, aquele que podemos identificar como presença ao nosso lado, chamá-lo pelo nome, apertar-lhe a mão, afeiçoá-lo a nós como igual.”



Manuel José Pereira Filho

Manuel José Pereira Filho nasceu no dia 10 de fevereiro de 1888, em Porto Alegre, filho do Comendador Manuel José e de Belmira Martins Pereira. Professor de Microbiologia e Imunologia da então Faculdade de Medicina de Porto Alegre, tem seu nome ligado, de maneira indelével, à própria história dessas especialidades em nosso meio pelo vulto de suas contribuições.

Fez seus estudos primários na Escola Brasileira de Porto Alegre, dirigida por Inácio Montanha. Estudou no curso secundário no Ginásio São Pedro, sob a direção de Frederico Fitzgerald. Diplomou-se em Farmácia em 1907 e em 1910 em Medicina, tendo defendido tese sobre incompatibilidade medicamentosa, também aprovada com distinção.

Em 1913, fez curso de especialização em Microbiologia e Zoologia Médica no Instituto Osvaldo Cruz.

Pereira Filho teve sempre uma íntima relação com a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Durante seu curso médico, foi interno efetivo de Clínica Médica. Em 1915, o Provedor da Santa Casa de Misericórdia nomeou-o adjunto da 9ª Seção. Nesse mesmo ano, foi nomeado chefe da Seção de Parasitologia do Instituto Osvaldo Cruz de Porto Alegre.

Em 1916, fundou o Instituto Pereira Filho, reconhecido como de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 22.486. Não era um simples estabelecimento industrial, mas uma verdadeira escola médica, como referiu o Prof. Annes Dias ao visitá-lo.

No Instituto Pereira Filho, foram executadas inúmeras teses de médicos e farmacêuticos e também eram realizados exames gratuitos para enfermarias da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Getúlio Vargas, ao visitar o Instituto, disse: deixo consignado o meu sentimento de admiração, como brasileiro, e de orgulho como rio-grandense.

Em 1918, foi designado para exercer a chefia do laboratório de Biologia do Instituto Borges de Medeiros e, em 1920, foi nomeado bacteriologista da Diretoria de Higiene.

Em 1925, examinou as águas dos rios Guaíba, Jacuí e Caí, a fim de se localizarem os melhores pontos de captação de águas, sob o ponto de vista bacteriológico, para o abastecimento público da cidade.

Em 1926, foi designado Diretor da Enfermaria de Medicina do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre.

Em 1930, a mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia denominou a 24ª Enfermaria (pele e sífilis) de Enfermaria Comendador Manuel José Pereira e nomeou-o seu Diretor efetivo.

Em 1932, foi nomeado Professor Catedrático de Microbiologia da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Em 1934, foi eleito presidente efetivo do Sanatório Belém, sendo considerado o seu principal fundador. O Sanatório Belém foi considerado o maior e o melhor hospital para tuberculose de que dispunha o Brasil. Essa grandiosa obra deve muito a Pereira Filho, a sua competência, ao seu esforço e tenacidade. Esse Sanatório prestou amparo a milhares de tuberculosos e constituiu-se numa verdadeira escola de tisiologistas. Atualmente, segue sendo um grande Hospital Geral, prestando relevante serviço à comunidade.

Em relação ao Sanatório Belém, o General Benício da Silva disse: “Entra-se em um Sanatório, percorre-se uma Escola e sai-se de um Templo”.

Em 1951, foi convidado pelo Presidente Getúlio Vargas para exercer a direção do Serviço Nacional de Tuberculose, com sede no Rio de Janeiro. Nesse serviço, desenvolveu intensa atividade, dinamizando-o e

dando nova orientação ao combate da tuberculose. Foi com seu apoio que se criou um pavilhão anexo à Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e que leva hoje o seu nome “Pavilhão Pereira Filho” e que é considerado um grande centro de tratamento de doenças pulmonares.

Pereira Filho tem inúmeros títulos e trabalhos originais de alta relevância social e científica. É citado em vários livros internacionais, entre os quais: *Encyclopedie Medico-Chirurgicale – Demartologische zeitschrift Mycology*, e na bibliografia de trabalhos do Instituto Pasteur, de Paris.

Realizou estudos sobre a imunização antituberculosa, estudando a parte experimental do BCG, contribuindo para o início da vacinação antituberculosa.

Inaugurou, ao lado do Instituto Pereira Filho, o Dispensário Antônio Fontes, destinado a fornecer gratuitamente a vacina BCG.

Apresentou, em 1933, à Sociedade de Medicina de Porto Alegre, estudo do primeiro caso de febre ondulante pela *Brucella abortus bovis*, comprovado pela hemocultura, observado no Rio Grande do Sul. Realizou o diagnóstico bacteriológico do primeiro caso de meningite cérebro-espinhal, observado em Porto Alegre (comunicado feito na Sociedade de Medicina de Porto Alegre em 1920).

Isolou, pela primeira vez no Estado do Rio Grande do Sul, o *Actinomyces bovis*. Identificou um cogumelo ainda não identificado denominado *Monilia Aldoii*, dedicado ao Prof. Aldo Castelani, do Instituto Ross, de Londres (cogumelo patogênico).

Identificou uma nova espécie de esporotricado, que denominou *Sporotriculum fonsecai* (esporotricado patogênico). Identificou um cogumelo ainda não identificado que denominou *Piedraia sarnentoi*, dedicado ao Prof. Sarmiento Leite. Realizou o estudo bacteriológico completo que possibilitou o reconhecimento da Exotima A do *Clostridium botulium* no escabeche do peixe que permitiu com segurança o diagnóstico dos primeiros casos de botulismo humano observados no Brasil, estudo publicado em número especial na *Revista Medicina e Cirurgia da Divisão de Pronto Socorro Municipal* de Porto Alegre.

Pereira Filho tem entre seus inúmeros títulos: Membro Benfeitor da Societé de Medicine et D'hygyeve Tropicalles de Paris; Sócio Benfeitor da Cruz Vermelha Brasileira em razão de valiosos serviços que prestou à Cruz Vermelha; Professor Honoris Causa da Faculdade Fluminense de Medicina; Professor Catedrático de Microbiologia da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre; Sócio Benemérito do Centro de Estudos médicos do Serviço de Tisiologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro; Membro Honorário da Sociedade Brasileira de Tuberculose; paraninfo de diversas turmas da Faculdade de Medicina e Farmácia; homenageado pelo Dr. Valdemir Miranda, da Faculdade de Medicina do Recife, que lhe dedicou um novo esporotricado identificado por esse pesquisador – *Sporotrichum pereirai*; Membro da American Microscopical Society; Membro da The American Association for the Advancement of Science; Membro da Mycological Society of America.

Pereira Filho honrou o Brasil e sobretudo a ciência rio-grandense. Sua obra demonstrou uma elevada capacidade técnica, administrativa, um grande amor à ciência, um insuperável valor humanístico. Tem seu nome ligado intimamente não só à ciência, mas à medicina caritativa, em especial na luta da grande cruzada contra a tuberculose. Foi mais que um cientista, foi um humanitário. O exemplo calou forte no seio da sociedade, no seio de sua própria família, fazendo que seu único filho, Arthur Pereira, Professor Livre-Docente de Cirurgia Torácica da UFRGS, aderisse aos mesmos ideais da ciência e caridade, dedicando-se com afinco, até os seus últimos dias, ao Sanatório Belém, fazendo com que quatro dos seus cinco netos trabalhassem como médicos no Sanatório Belém (hoje Hospital Parque Belém), que, sem dúvida, foi a grande obra que Pereira Filho realizou em Porto Alegre.

Faleceu em 1959.



Maria Clara Mariano da Rocha

Filha do Dr. José Mariano da Rocha e de Maria Clara Marques Cunha da Rocha, nasceu em Santa Maria no dia vinte e três de abril de 1902. Iniciou seus estudos primários no Colégio Sant'Ana, na cidade ferroviária, e os concluiu em Porto Alegre, no Colégio Bom Conselho. O curso secundário foi iniciado no Bom Conselho e concluído, após interrupção, no ginásio Estadual de Santa Maria. A interrupção nos estudos representou parte das alterações ocorridas na vida de Maria Clara quando foi assassinado em emboscada seu noivo Júlio Rafael de Aragão Bozano, em dezembro de 1924, combatendo a Coluna Prestes. O jovem advogado fora enviado por Borges de Medeiros para assumir a intendência de Santa Maria e seu desempenho nas revoluções e na administração o credenciavam para voos mais altos. A jovem alegre e expansiva, que pintava e recebia aulas de piano e de violino nas horas de lazer, fez-se taciturna e entrou em depressão. Foi levada para a estância pelos pais e lá ficou sem obter melhora, nem mesmo quando concordou em viajar pela Europa durante seis meses. Apenas quando disse ao pai que resolvera ser médica é que iniciou a recuperação. Completou o curso secundário no Colégio Santa Maria, em que prestou exames por disciplinas no sistema denominado preparatórios vagos. Em 1930 foi aprovada no vestibular para a Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Iniciou o curso com algumas incertezas quanto à vocação de ser médica, passou a entusiasmar-se com a profissão à medida que se aproximava a colação de grau, em 1935. Ótima aluna, foi agraciada com o prêmio

Carlos Chagas ao final do curso. Defendeu tese de doutorado com o título “Dermatite Fitogênica. Hipersensibilidade às Aroeiras”. A tese foi aprovada com distinção. Durante o curso, morou no internato do Colégio Bom Conselho, pois seus pais continuavam a residir em Santa Maria.

Decidida a ser pediatra e professora, preparou-se para atingir essas metas. Fez viagens de estudos a São Paulo e Rio de Janeiro nos anos de 1937 e 1938, tendo frequentado os cursos dos professores Pasteur Vallery Rodot e Emile Sergent. Em Buenos Aires, fez o curso oficial da Faculdade de Ciências Médicas de 1940 a 1941. Ainda na capital argentina, frequentou em 1943 o Instituto de Pediatria y Puericultura do professor Juan Garrahan, o Curso de Neurologia Infantil do professor Florêncio Escardó e o de Puericultura y Dietética Infantil com os professores Pedro de Elizalde e Mario de Carril. Apresentou trabalho em colaboração com os professores Florêncio Ygartúa e Manoel G. Maria no Segundo Congresso Pan-Americano de Endocrinologia, em março de 1941, na cidade de Montevideú. Seus primeiros trabalhos científicos versaram sobre temas variados na pediatria: bócio coloide familiar com mixedema e enfermidade de Calvé-Legg-Perthes, sífilis congênita virulenta, espina bífida com hidrocefalia, escrófula e carência de vitamina C. Iniciou-se em pequena Enfermaria de Pediatria que existia junto ao Hospital São Francisco. Sua primeira ação docente ocorreu em outubro de 1937, quando foi contratada como auxiliar de ensino na disciplina de Microbiologia na Faculdade de Farmácia da Universidade do Rio Grande do Sul. Ficou lá até novembro de 1938. Em abril de 1942 foi contratada como assistente de ensino na disciplina de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil e passou a dedicar-se integralmente aos pobres da Santa Casa, na enfermaria do terceiro andar do novo prédio. Em junho de 1943 submeteu-se a concurso para Docente-Livre da disciplina citada e foi aprovada com brilho. Em várias oportunidades os alunos reconheceram seus esforços ao homenageá-la, ano após ano, nas festas de formatura. Em 1950 os formandos romperam com a tradição de só convidarem professores catedráticos para paraninfos

e, após inúmeras reuniões, elegeram Maria Clara Mariano da Rocha, a primeira mulher e a primeira Livre-Docente a receber tal honraria na Faculdade de Medicina da UFRGS. A partir de 1952, por diversas vezes substituiu o professor Raul Moreira, catedrático de Clínica Pediátrica e Higiene Infantil. Em 1953 afastou-se para fazer curso nos Estados Unidos e que foi complementado com viagem à Europa, onde visitou muitos hospitais. Respondeu pela cadeira quando da aposentadoria do Professor Raul Moreira e inscreveu-se para concorrer à cátedra vaga. Participou da prova escrita, mas sentiu-se mal ao final da mesma e foi internada com infarto agudo do miocárdio. Face à insistência em continuar participando do concurso, a direção da Faculdade designou uma junta médica, que após examinar a professora optou pelo seu afastamento. Nessa ocasião, ela ficou muito abalada e contou com o apoio dos assistentes e dos alunos. Tinha 59 anos de idade e sonhava em ocupar a cátedra para a qual tanto se preparara. Como a estivesse ocupando interinamente, tentou voltar às atividades, mas apenas em outubro de 1963 foi considerada apta para assumi-las. Foi designada para ocupar a cátedra tendo em vista o falecimento do professor Décio Martins Costa. Em 1967, com 65 anos de idade, teria de ser aposentada compulsoriamente. Mas havia o precedente histórico do Professor Martinho da Rocha na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a coletividade pediátrica encaminhou abaixo assinado à Congregação da Faculdade, que decidiu pelo prolongamento da atividade até os setenta anos, desde que ela continuasse apta para tal. Em dezembro de 1968 foi efetivada como Professora Catedrática do Departamento de Pediatria e Puericultura, nova designação do serviço. Por décadas, desde os anos sessenta, acumulava as atividades de ensino e a direção do Berçário da Maternidade Mário Totta da Santa Casa de Misericórdia. Continuou em plena atividade na cátedra e no Serviço Professor Olinto de Oliveira até sua aposentadoria, em 1972. Cercada do respeito e do carinho de antigos assistentes e alunos, faleceu no dia dois de maio de 1983.



Mário Alvarez Martins

Mário Alvarez Martins nasceu e cresceu em Santana do Livramento, cidade justaposta à “Linha Divisória”, uma forma peculiar de delimitar dois países, pois essa suposta *linha* jamais foi vista ou reclamada. Outros meninos (gurus), também moradores nas cercanias do descampado que mais tarde seria a Praça José Bonifácio, que como ele estudariam Medicina, por lá também passaram: Rubens Maciel, Mário Rangel Ballvé, Carlos Osório Lopes, Hugolino de Andrade e o autor destas linhas. Seu pai, Montecristo Martins, era um respeitável comerciante. Formou-se em 1932. Voltou aos pagos recém-formado.

Logo que concluiu o curso ginasial, em sua cidade natal, deslocou-se para Porto Alegre, a fim de cursar os preparatórios para ingresso na vida universitária. Na capital gaúcha, encontrou e iniciou uma longa amizade com seus companheiros de estudos e tertúlias, que com ele compartilharam as *repúblicas* – casas onde residiam os estudantes menos abastados: Cyro Martins, Lino de Mello e Silva, Carlos Tetamanzzi e o poeta Mário Quintana. Todos jovens sonhadores na “flor da mocidade”, adolescentes entre 17 e 18 anos, que sonhavam com um futuro promissor. Lá pelos anos 1926-27, Mário, Cyro e Lino, entusiasmados com os livros de psiquiatria que surgiam na época, decidiram estudar Medicina, já com a mira voltada para a psicanálise. Já como primeiro-anistas rondavam o São Pedro e furavam as aulas de Psiquiatria do sexto ano, de Luiz Guedes.

Mário formou-se em 1933, tendo optado por receber seu diploma no gabinete do Diretor da Faculdade, o “velho Sarmento Leite”,

como era carinhosamente chamado, junto com Cyro Martins, porque ambos enfrentavam dificuldades econômicas.

Teve que tentar a sorte no interior de Carazinho, num distrito chamado Boa Esperança – hoje Colorado. Lá trabalhou quatro anos, até retornar para Porto Alegre, após casar-se com a bajeense Zaira Bitencourt, em 1936, sua companheira de estudos e de trabalho pelo resto de sua vida. No ano seguinte, 1937, houve mudança no governo. Com o advento do Estado Novo, foi nomeado interventor federal o General Daltro Filho, em substituição ao republicano José Antônio Flores da Cunha, que se viu obrigado a exilar-se em Montevidéu. Ele revolucionou a Saúde Pública no Rio Grande: construiu um novo pavilhão na Santa Casa, que leva seu nome e nomeou Diretor do então Departamento de Higiene o sanitarista Bonifácio da Costa, que abriu concurso para todas as categorias de funcionalismo público – que antes eram nomeados por apadrinhamento político, inclusive a de médico sanitarista, criando e construindo postos e centros de saúde que até hoje existem. Foi assim que começou a nascer o pioneiro da psicanálise no Rio Grande do Sul e um dos mais brilhantes psicanalistas do país e da América do Sul. Ao lado de Cyro Martins, Victor de Brito Velho e Luiz Ciúla, submeteu-se ao concurso realizado na Faculdade de Medicina, ante uma banca brilhante, digna de um concurso de Cátedra: Antônio Saint-Pastous, Diretor da Faculdade de Medicina, Fábio de Castro, Professor Catedrático de Neurologia, e Celestino Prunes, titular interino da Cátedra de Medicina Legal. Os quatro foram aprovados e nomeados médicos psiquiatras do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Foi, também, convidado para ser médico residente do Sanatório São José, onde passou a morar com sua família durante dois anos.

Em 1942, teve início um nova e promissora fase de sua vida, que se concretizaria dois anos após. Tomou conhecimento de que, em Buenos Aires, havia um grande centro de formação analítica; para lá se deslocou incontinenti, lá permaneceu cinco longos anos sob a incomparável orientação de Angel Garma e Celes Ernesto Cárcamano.

Ao retornar a Porto Alegre, em fevereiro de 1947, iniciou o exercício da psicanálise em nosso meio, retornando às suas atividades no Hospital São Pedro, onde criou uma verdadeira e respeitável escola de psicanálise no Rio Grande do Sul, transformando a modesta e vetusta Divisão Pinel, transformando-a no maior centro de irradiação de ensino e pesquisa da psicanálise no Brasil. Para isso, contou com a colaboração de uma brilhante equipe de psicanalistas, tais como David Zimmermann, mais tarde seu substituto na liderança do grupo, Jaime José Lemmertz, Ernesto La Porta, Paulo Guedes, Roberto Pinto Ribeiro, Luiz Carlos Meneghini, Cyro Martins e Celestino Prunes, que o ajudaram a elevar o prestígio da psicanálise do Rio Grande a níveis de alta representatividade no cenário científico nacional e internacional.

Apesar de sua formação psicanalítica de escola, que o transformou num símbolo nacional da especialidade, além de ter sido o fundador e presidente da Sociedade Psicanalítica do Rio Grande do Sul, graças ao seu prestígio reconhecida pela Associação Psicanalítica Internacional, Mário Martins não deixou uma grande produção científica publicada em periódicos nacionais e internacionais. Essa não era sua área de preferência. Apesar disso, escreveu uma série de artigos e ensaios, principalmente na área da epilepsia.

Mas a maior homenagem que poderia ter recebido foi-lhe proporcionada por seus discípulos, ao considerá-lo patrono e darem o seu nome à Fundação Universitária de Psicanálise.

Mário Martins faleceu em 1985.



Mário do Amaral Araújo

Mário do Amaral Araújo nasceu na cidade de Pelotas, a 21 de maio de 1893. Filho de Francisco José Rodrigues de Araújo e de D. Albertina Amaral. Seu pai, farmacêutico, formado no Rio de Janeiro, era figura de destaque nos meios sociais e científicos de Pelotas. Foi fundador do Colégio Pelotense e da Faculdade de Farmácia e Odontologia, onde lecionou por longo tempo. Foi também professor de Zootecnia na antiga Escola de Agronomia Eliseu Maciel.

Mário Araújo foi para o Rio de Janeiro estudar Medicina. Em 1915, interrompeu seus estudos a fim de se juntar à missão de médicos brasileiros que, liderada por Nabuco de Gouveia, seguiu para a Europa por ocasião da Primeira Grande Guerra Mundial. Após um período de permanência no Velho Mundo, regressou ao Rio de Janeiro e reiniciou seus estudos, tendo se formado em 1917 pela antiga Faculdade Nacional de Medicina.

Regressando a Pelotas, começou a acompanhar Nabuco de Gouveia em suas idas a Bagé para realizar cirurgias, e lá resolveu fixar residência. Trabalhou durante algum tempo na Santa Casa de Caridade de Bagé, cujo Serviço de Cirurgia havia sido organizado por Nabuco de Gouveia. Mais tarde, arrendou o prédio da Sociedade Portuguesa de Beneficência e montou ali um serviço médico-cirúrgico que logo granjeou renome, não só em Bagé, como em todo o Rio Grande do Sul.

Inquieto e batalhador, não estava ainda satisfeito com sua obra. Via falhas com as quais não se conformava: o prédio onde estava trabalhando já não comportava o desenvolvimento enorme de sua

clínica. Via também que um prédio para obedecer às condições clássicas de um moderno hospital, com capacidade para comportar e bem alojar os enfermos, com serviços bem distribuídos, permitindo a criação de novas seções, deveria ser construído sob uma correta orientação. Foi o que fez. Realizou o sonho que, segundo ele próprio declarou, vinha acalentando desde os tempos de juventude: criou seu próprio hospital, a Casa de Saúde Dr. Mário Araújo, inaugurada a 14 de julho de 1940.

São suas estas palavras, pronunciadas por ocasião da inauguração de sua Casa de Saúde: “Esta Casa de Saúde é resultante de um sonho acalentado desde os bancos acadêmicos. Certamente não se igualam sonhos e realidades, máxime quando aqueles provêm da mocidade cheia de risonhas esperanças e de amenas ilusões; esta realidade se concretiza num declínio da vida, como resultante de ingentes esforços em prol de um ideal. Sonhos de mocidade lembram claras manhãs primaveris em todo o seu radiante e luminoso esplendor: tudo são esperanças e alegrias. O despertar pós-meridiano da realidade recorda o entardecer, as sombras dos crepúsculos vespertinos, a descida do sol para o ocaso, a marcha para o silêncio e para as trevas. No ciclo da vida, contamos com uma só risonha madrugada e um único crepúsculo vespertino Na curta trajetória, cumpre ser útil, agindo rapidamente, saltando obstáculos, rodeando dificuldades para atingir os fins colimados, na ânsia de dar à existência uma finalidade útil e digna.”

Mário Araújo procurou sempre observar seus mestres, vendo-os trabalhar, estudando-lhes os métodos e seguindo-lhes a orientação, a fim de adaptá-los à sua própria vida profissional. Visitou e frequentou inúmeros hospitais, no país e no estrangeiro, fez acuradas observações e lançou-se ao arrojado empreendimento: dotar Bagé de uma modelar Casa de Saúde.

Disse ele na ocasião: “A cirurgia bajeense tem grandes responsabilidades; aqui trabalharam profissionais da envergadura de Daniel de Almeida, Nabuco de Gouveia, Brandão Filho e Paulo de Rio Branco”.

A par de seu acurado preparo científico e grande habilidade cirúrgica, Mário Araújo possuía um incomum senso de humanidade e desprendimento. Criou em sua Casa de Saúde enfermarias e seções para indigentes, que eram atendidos com o mesmo carinho e dedicação. O Pronto Socorro do hospital, com moderníssimas instalações e aparelhagem, servia quase que exclusivamente às populações de parques recursos. Sua capacidade profissional e sua benemerência eram por todos decantadas. Um jornal da época, comentando sobre a personalidade do ilustre cirurgião, diz: “O Dr. Mário Araújo trouxe do berço, com doação paterna, a predestinação de ser um benfeitor e, como tradição de família, o devotamento a seus semelhantes”.

A Casa de Saúde, como era de se esperar, logo ganhou fama, estribada em suas modernas instalações e na inegável tenacidade e competência profissional de seu idealizador. Tornou-se, assim, um centro de referência de toda a região.

Mário do Amaral Araújo casou-se com D. Clélia Osório Gomes em 1919. Faleceu em Bagé, a 22 de janeiro de 1956, aos 62 anos de idade. Teve a felicidade de ver materializado o ideal com que sempre sonhou e pelo qual sempre batalhou: criar em Bagé um centro cirúrgico cujas benesses se estendessem, indistintamente, a todas as classes sociais de uma vasta região do Estado, tudo dentro dos mais apurados padrões técnicos existentes na época.

Inteligência privilegiada, espírito empreendedor, batalhador incansável, cirurgião de escol, cidadão benemerente, Mário do Amaral Araújo legou a todos um bem muito maior: o seu exemplo de vida.



Mário Ribeiro Totta

Nasceu o Dr. Mário Totta em Porto Alegre, no dia 5 de janeiro de 1874, sendo filho de Augusto Rodrigues Totta e Dona Emília Ribeiro.

Médico e literato, poeta e ativo batalhador nos meios sociais para a melhoria do nível social e econômico do indivíduo, o Dr. Mário Totta iniciou sua vida modestamente, depois dos estudos primários, a partir de 1882, com apenas oito anos, com os professores Jesuíno dos Santos e, a seguir, Dona Maria das Dores. Seguiu também os cursos do Colégio São Pedro, dos irmãos Castilhos, onde completou o curso secundário, ao mesmo tempo em que se iniciava em trabalhos comerciais, como caixeiro da Livraria Americana. Os preparatórios, fê-los com o Prof. Dr. Alfredo Clemente Pinto.

Foi como caixeiro que publicou sua primeira poesia num jornalzinho de propaganda da Livraria Americana, em 1892, contando 18 anos de idade. Também por essa época colaborava na imprensa, em especial, no *Jornal do Comércio*, dirigido por Aquiles Porto Alegre. Trabalhava, na época, nesse órgão de imprensa o moço Caldas Júnior, casado com uma filha do diretor do jornal, ao qual Mário Totta logo se ligou por estreitos laços de amizade. Saindo Caldas Júnior da redação do *Jornal do Comércio*, por divergências com o sogro, acompanhou-o Mário Totta, e Paulino de Azureña também os seguiu, fundando os três, mais tarde, o *Correio do Povo* (1º de outubro de 1895).

E começou a grande carreira literária do jovem poeta, totalmente integrado no grupo intelectual e boêmio da época. Em 1897, publicava, com Souza Lôbo e Paulino de Azureña, o romance que cau-

sou escândalo – *Strychinina* (Estriquinina) –, editado pela Livraria Americana.

Embora não fosse político militante, sempre se dedicara à política de Júlio de Castilhos, o que lhe valeu, com a assunção ao governo do Estado pelo Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros (25 de janeiro de 1898), a nomeação para Secretário-Geral da Instrução Pública, que exerceu durante algum tempo, enquanto estudava Farmácia.

Casou a 16 de maio de 1901 com Dona Alaíde Olivais, e em seguida se formava farmacêutico.

Descontente, entretanto, e querendo subir cada vez mais, ingressou na Escola de Engenharia, onde completou o 1º ano, mudando, a seguir, para a Faculdade de Medicina, cujo curso completou com brilhantismo.

Ainda quintanista de Medicina, foi nomeado Interno da Santa Casa de Misericórdia, tendo sido o primeiro a ser nomeado para aquele estabelecimento de caridade, por proposta do Prof. Protásio Antônio Alves, Diretor, então, da Sétima Enfermaria – Cirurgia Geral de Mulheres.

Formou-se em 1904, integrando, assim, a primeira turma de médicos graduados pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. No ano seguinte, era nomeado médico-adjunto do Ambulatório da Santa Casa de Misericórdia, e logo depois Assistente da Cadeira de Clínica Obstétrica e Ginecológica da Faculdade de Medicina.

Continuando na Santa Casa, ali exerceu os mais diversos postos médicos, culminando com sua eleição de Irmão da benemérita instituição a 19 de janeiro de 1909.

No ano seguinte, a 24 de dezembro, depois de séria preparação, criou o Natal das crianças pobres, realizado na Santa Casa de Misericórdia. Em 1917, criava a campanha dos agasalhos para os pobres.

Enquanto isso, não descurava suas atividades de médico, quer na Santa Casa, quer no consultório, que sempre tinha cheio de clientes. Foi um dos médicos mais queridos de Porto Alegre. Entretanto, ao falecer, praticamente nada deixou, pois a Medicina, para ele, não era meio de vida, mas meio de cooperar para a saúde e melhoria de vida

do ser humano. E nesse sentido foi que sempre trabalhou e exerceu a Medicina.

Dinâmico ao extremo, outros cargos aceitou, como o de Diretor do Gabinete de Identificação e professor de Higiene da Escola Normal. Foi a maternidade da Santa Casa a instituição mais beneficiada pelo seu espírito empreendedor e generoso. Quando ali começou a exercer suas funções, em 1908, escandalizou-se com as instalações para atendimento às mulheres grávidas, que eram alojadas junto às parturientes, puérperas e pacientes infectadas. As gestantes para as quais não houvesse leitos, vagavam durante o dia pelo hospital e, à noite, dormiam na enfermaria em que sobrasse leito. Em 1931, inaugurava-se, pelos seus esforços, uma estrutura totalmente diferenciada. No entanto, o aumento da demanda e o espírito inquieto do doutor forçaram mais uma etapa na história da maternidade da Santa Casa: a construção de novo edifício, o pavilhão Daltro Filho. Em 1940, fazendo-se justiça à atuação devotada deste Patrono da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, a maternidade recebeu o nome de Mário Totta, que a ela se referiu: “Casa da mãe e do filho... Deus concedeu-me a graça de não me deixar morrer sem que eu visse realizado o sonho pelo qual trabalhei com amor durante tantos anos.”

Desde 1912, Mário Totta foi Professor Catedrático da Cadeira de Patologia Geral da Faculdade de Medicina, tendo exercido, também, o cargo de professor substituto da Cadeira de Clínica Obstétrica da mesma Faculdade, cargo este que exerceu de 1916 a 1924.

Aposentou-se das suas atividades como professor da Faculdade de Medicina em 1942, sendo-lhe conferido então o título de Professor Emérito pela Congregação.

No campo da Medicina, foi sócio fundador do Sindicato Médico do Estado e membro da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, de que foi presidente.

Em toda parte, via-se a personalidade calma e serena de Mário Totta, sempre reclamada e solicitada, em salões sociais, em sociedades desportivas, em campos de futebol, em conferências, assistindo ou realizando, em exposições, na imprensa com artigos seguidos,

conselhos médicos, poesias e crônicas, Diretor de Enfermarias, depois efetivo da Maternidade da Santa Casa de Misericórdia, mesário da mesma Santa Casa, mordomo dos seus expostos, nas livrarias com obras de medicina, obras de poesia, como *Meu Canteiro de Saudades*, publicados pela Globo, em 1938, em memória de sua esposa, recém-falecida, e assim continuou, num dinamismo exemplar, até que, cansado, exausto, mas sempre disposto, a morte o veio buscar na tarde de 17 de novembro de 1947, pondo fim às constantes atividades, as mais variadas, e sempre exercidas com eficiência, como se nada mais, além daquilo, tivesse que fazer.

Amigo de todos os intelectuais, que sempre procurou prestigiar, fez de seu Clube Jocotó a tribuna cultural de Porto Alegre, depois de ter, por todos os meios a seu alcance, auxiliado os poetas e escritores desde o momento que lhe foi possível dispor livremente de alguns vinténs seus. Além de Zeferino Brasil, casado com sua irmã, dona Celina Totta, estava ligado por grande amizade a Paulino de Azurenhá, Caldas Júnior, Marcelo Gama, Pedro Velho, Otávio Dornelles, Souza Lôbo e, mais tarde, da nova geração que acolheu, toda ela, no Jocotó, onde tiveram ocasião de se apresentar, quase que um por um, em conferências, recitais de poesia, de canto e de música, criando um autêntico ciclo de cultura em Porto Alegre, que durou, sempre com êxito crescente, por mais de dez anos. Até intelectuais de outros Estados da União mandava buscar para apresentar ao público porto-alegrense nos notáveis saraus do Jocotó.

Mário Totta, por suas atividades de 1892 ao seu falecimento, foi, direta e indiretamente, o mais destacado movimentador da sociedade da capital gaúcha, quer no terreno humanitário, quer no social, propriamente dito, quer como cientista e médico sempre presente onde a dor se manifestasse. E foi um animador constante do carnaval.



Martim Gomes

Martim Gomes nasceu em Quaraí, RS, filho de José Coradino Gomes e de Maria Luiza de Souza Gomes, em 23 de novembro de 1884. Doutorou-se em Medicina em 12 de dezembro de 1908 pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Martim Gomes casou-se aos 27 anos de idade, em 26 de junho de 1911, com Maria Corrêa Gomes. O casal teve dois filhos, nove netos e sete bisnetos. Em 28 de fevereiro de 1912 foi nomeado Major Cirurgião da 55ª Brigada de Infantaria da Guarda Nacional.

Exerceu a atividade de cirurgião geral no interior do Estado do Rio Grande do Sul até 1914, quando viajou para a França e realizou, por dois anos, estágio no Serviço de Cirurgia Geral do Hospital Laribosière.

Em 1917, tendo retornado ao Brasil, realizou concurso e foi nomeado Professor Substituto da Décima Seção na Cadeira de Clínica Obstétrica e Ginecológica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

O Governo Provisório do Estado nomeou-o, em 1931, Membro do Conselho Técnico da Faculdade de Medicina. Em 1941, foi Reitor Interino da Universidade do Rio Grande do Sul, com raro brilho. Em 1954, em 30 de novembro, aposentou-se como professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul.

Em 1960, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através de seu Reitor, Eliseu Paglioli, em ofício datado de 5 de março, outorgou-lhe o título de Professor Emérito da universidade. Em 1974, o professor Arthur Mickelberg, Mestre do Colégio Brasileiro de Ci-

rurgões, conferiu-lhe, em nome dessa entidade, o título de Membro Emérito.

Martim Gomes faleceu em 1978, aos 94 anos de idade.

Com o desaparecimento de Martim Gomes, aos 94 anos de idade, dos quais 57 dedicados à Medicina, perdeu a classe um de seus maiores valores. Não só a Ciência Médica o perdeu, mas, também, as Letras e as Artes.

Criou-se Martim Gomes no seio de uma família devotada à vida austera e à espiritualidade. Revelou desde cedo seu pendor pela cultura humanista, pelas artes do desenho, da pintura e da música. Seu instrumento musical era a flauta e muitos de seus contemporâneos julgavam-no apto a dedicar-se à música como instrumentista.

Transferiu-se para Porto Alegre, onde realizou seu curso secundário na Escola do Prof. Emílio Meier, na Praça da Matriz. Destacou-se como um estudioso de grande valor e com notável pendor para assuntos como: ciência, filosofia, literatura, música, desenho e pintura.

Naqueles tempos, como era de hábito, moravam os estudantes, advindos do interior do Estado, em casas que se chamavam “Repúblicas de Estudantes”. Francisco Medeiros de Albuquerque dirigia esta em que morou Martim Gomes, e nela moraram outros estudantes que também se notabilizaram na vida política, intelectual e científica brasileira. Colegas da época foram, por exemplo: Getúlio Vargas, Maurício Cardoso, Leopoldo Pires Porto, Adalberto Corrêa e outros.

Martim Gomes revelou-se estudante brilhante, com notas de distinção. Praticava algum esporte como remo e ciclismo, mas não desfrutava das alegrias estudantis e das festas tão comuns nessa fase da juventude. Preferia permanecer em seu quarto, com livros abertos, lendo e estudando. Buscava, com sua curiosidade insaciável, aprender, meditar e conhecer. Frequentemente as luzes da manhã o encontravam fascinado pelo prazer do saber e pela esperança no futuro. Sua fama de aluno erudito, que foi gradualmente construindo, tornou-o conhecido pelos colegas, que passaram a procurá-lo para esclarecimentos. Martim Gomes lecionou Grego, Latim e Matemática aos seus contemporâneos, numa atividade didática que já mostrava o seu

pendor pela educação. Esta atividade também lhe proporcionava reforço financeiro para seu orçamento pessoal.

Como homem público, integrado ao seu meio social, deixou profunda impressão em polêmicas que enfrentou nos meios de divulgação da época. Foi considerado escritor e orador de raro brilho. Seu nome é eternizado em sala especial no hospital da terra em que nasceu.

Como médico, soube sempre demonstrar interesse e carinho no cuidado dos pacientes. O enfermo sempre foi para ele um ser humano. Procurou sempre o correto modo de interpretar as manifestações psíquicas, correlacionando-as aos acontecimentos somáticos. Foi, portanto, fácil enveredar pela nova senda do conhecimento médico que se convencionou chamar de moléstias psicossomáticas.

Como professor, em contato com os alunos, sempre procurou orientá-los, expondo os casos clínicos com exuberância de dados. Citava contribuições alheias e, a cada passo, introduzia sua valiosa contribuição pessoal. Como professor, soube ser médico prático, soube ser pesquisador e educador. Nunca lhe faltaram entusiasmo e conhecimento pleno da matéria ensinada.

A defesa de tese do Dr. Martim Gomes para título de Doutor em Medicina foi um acontecimento no meio acadêmico. O assunto já mostrava a inclinação forte no sentido de avançar no estudo do incipiente conhecimento médico do psiquismo humano. Suas teorias sobre associações de ideias repercutiram no Brasil e fora dele. O famoso psicólogo francês Jorges Dumas, em contato com o Professor Eliseu Paglioli, Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, afirmou que os trabalhos de Martim Gomes sobre o assunto haviam modificado seu conceito sobre a associação de ideias. O professor Jorge Dumas era na época Presidente da Sorbone de Paris.

A vida do Professor Martim Gomes segue uma trajetória sempre crescente, somando e distribuindo experiências. Criou uma Escola de Clínica Ginecológica no Rio Grande do Sul que se projetou em todo o Brasil.

Habilitou-se ao Curso Médico na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, onde se formou com brilho e louvor. Ao concluir o curso,

defendeu tese de Doutorado, que repercutiu nos meios médicos e acadêmicos rio-grandenses, pela sua qualidade e pela alta capacidade de pesquisa demonstrada. Existe alguma divergência com respeito ao título desta tese: segundo alguns, seria “Ensaio de uma Teoria sobre o Mecanismo Fisiológico da Associação das Ideias”; segundo outros, o título seria “Funções Psíquicas – Lei das Associações em Psicologia – Ensaio de uma Teoria de seu Mecanismo Fisiológico”. Foi aprovada, sua tese, com distinção.

Sua vida profissional, que se inicia no interior, como cirurgião geral, prolonga-se em estudos de aperfeiçoamento em centros europeus. Buscou dedicar-se à Ginecologia e à Urologia como especialidades. Ambicionou, também, em seu retorno a este Estado, candidatar-se à Cadeira à qual já se dedicara no Curso de Graduação da Faculdade de Medicina. Procurou aperfeiçoar sua vocação, pois nascera não só para ser médico, mas também para ser professor.

Quando de sua estada na França, meca do conhecimento médico da época, tornou-se um dos principais assistentes do Serviço de Urologia do Hospital Lariboisière, em Paris (Serviço do Prof. Marion), onde se tornou 1º assistente. Ao retornar ao Brasil, foi surpreendido com a reforma do ensino e da estrutura das especialidades. Separaram-se as secções de Urologia e Ginecologia, juntando-se a esta última a Obstetrícia. Tal acontecimento não modificou sua atitude, e inscreveu-se para o concurso de Professor Substituto na Cátedra de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Aprovado brilhantemente, foi nomeado e ingressou, finalmente, no magistério universitário. Mais tarde, a Cadeira de Clínica Ginecológica e Obstétrica ficou vaga pela aposentadoria do Professor Serapião Mariante, e Martim Gomes, como era de lei, galgou a cátedra. Nessa época, definiu-se sua futura dedicação médica e pedagógica, pois as circunstâncias o levaram a abandonar a Urologia e dedicar-se à Ginecologia e Obstetrícia, nas quais tanto se destacou. Sua tese para o concurso a que se submeteu foi “Uma Forma Dinâmica de Elevação do Útero”.

Foi agraciado, pouco tempo depois, com o título de Irmão da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia. Foi membro do Centro de Estudos Cardoso Fontes. Foi fundador da Sociedade de Medicina de Porto Alegre e da Sociedade de Ginecologia do Rio Grande do Sul. Foi, também, membro convidado da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia de Buenos Aires.

Percebe-se que a atuação do professor rio-grandense Martim Gomes projetou-se em vários campos da Medicina. A partir de sua atuação como ginecologista e obstetra, Martim Gomes foi percebendo, com sua argúcia de cientista, as implicações dos mecanismos psicológicos nas enfermidades que estudava e tratava. Embrenhou-se no estudo da nascente psicologia médica e medicina psicossomática, das quais se tornou pioneiro, através de uma série enorme de trabalhos. Não abandonou, no entanto, a sua especialidade inicial, sendo hoje considerado o introdutor, no Brasil, da citologia ginecológica. Nesse campo, sua contribuição mais marcante foi a prática do diagnóstico detalhado antes das intervenções cirúrgicas.

Contrariando as tendências da época, estimulou o sentido conservador das técnicas cirúrgicas, tais como a ablação do útero, conservando os ovários, para evitar as consequências invalidantes da castração para a mulher. Foi introdutor da técnica cirúrgica para o tratamento do câncer genital feminino, com o esvaziamento inguinal linfático associado. É técnica adotada até hoje para tratamento do câncer ginecológico.

Seus estudos pioneiros sobre a psiquê humana estão documentados em seus inumeráveis trabalhos, publicados em revistas médicas, ministrados em aulas e congressos no país e no exterior.

Sua incursão pela literatura resultou, dentre outros, em dois livros: *A Flor da Tuna* e *As Loucuras do Dr. Mingote*. A crítica literária da época (Plínio Barretto e outros) considerou as obras de grande densidade e de elevado conteúdo psicológico e social. Publicou no *Correio do Povo*, às terças-feiras, por anos, uma coluna de crônicas que denominava Proza das Terças.

Membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, dissertou, entre outras, sobre a obra de Alcides Maia, em um estilo de peregrina beleza de conteúdo regionalista. Em concurso para a Obra de Educação para Adultos, do Ministério de Educação e Cultura, apresentou *História da Literatura Oral Sul-Rio-Grandense e sua Influência na Literatura e no Caráter do Brasileiro*.



Maurício Seligman

O médico Maurício Seligman nasceu na colônia Philippson, situada na zona rural de Santa Maria, em 1904, pertencente à primeira geração de corajosos homens que abandonaram tudo e, enfrentando as dificuldades da língua estranha e dos costumes que contrastavam com suas origens, procuraram novos horizontes, novas esperanças.

Em sua tenra infância, em contato direto com a terra, herdou o cuidado especial com a natureza, cuidado este só excedido pelo trato com o ser humano.

Sua vida profissional iniciou-se muito jovem, quando foi trabalhar na Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em Santa Maria, onde, na modesta função de escriturário, obteve destaque que o transferiu para a capital. Aqui em Porto Alegre formou-se na Escola Superior de Comércio, mas seu verdadeiro dom foi se revelar em 1930, quando ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Desde os bancos acadêmicos, seu trabalho era solicitado pela comunidade, mostrando que, mesmo antes de se formar, o caminho humanitário do futuro médico já estava determinado.

Formou-se em 1936 e passou a exercer a profissão na clínica privada e na Enfermaria 27 da Santa Casa de Misericórdia, do Prof. Antonio Saint-Pastous, do qual foi assistente. Nessa instituição dirigiu também o Ambulatório 12 de Clínica Médica por aproximadamente 30 anos, onde havia habitualmente estágio de estudantes e médicos. O Dr. Maurício tinha um especial carinho pelo ambulatório, tendo padronizado uma ficha clínica de exame dos pacientes e um fichário para consulta, que eram seguidos rigorosamente.

Dedicou-se especialmente à Endocrinologia, com ênfase no Diabete, áreas nas quais foi precursor no Rio Grande do Sul. Nessa

especialidade fez cursos e participou de congressos no Brasil e no exterior.

Na década de 1950, participou da fundação do Departamento de Angiologia da AMRIGS, junto com os Drs. Arthur Mickelberg, Luis Carlos Ely, Nilo Medeiros, Mario Silva e outros. Na década de 1960, participou com o Dr. Arthur Mickelberg em trabalhos sobre arteriografia em diabéticos.

Foi agraciado com o título de Irmão da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.

O Dr. Maurício foi um dos poucos médicos da época com atividade exclusiva em clínica privada, sem nenhum vínculo empregatício.

Dedicou-se amplamente à comunidade judaica, realizando obras memoráveis nas várias instituições que presidiu. Trabalhando intensamente, teve sua atenção despertada para os problemas da velhice e, na busca de soluções, lançou-se com afinco no estudo da gerontologia.

Com grande sensibilidade e visão administrativa, lançou-se talvez no maior desafio de sua vida: construir um local em que junto dos idosos morassem a dignidade e o carinho.

Junto de outros valorosos homens, idealizou, projetou e realizou um dos maiores feitos da história da comunidade judaica de Porto Alegre: O Lar dos Velhos. Um lugar, um verdadeiro lar, que abriga e cuida com humanismo e responsabilidade dos idosos. Atualmente denomina-se Lar Maurício Seligman.

Ainda em seu último dia de vida dedicou-se ao Lar com o mesmo entusiasmo do jovem estudante de Medicina, reunindo em sua casa sua equipe médica, onde se declarou satisfeito com o trabalho realizado e que estava pronto para partir. Ainda teceu um comentário que tenta resumir sua filosofia de vida: a morte só poderia ser aceita de uma maneira tácita, quando a vida foi vivida com dignidade.

Entre os papéis que deixou sobre sua mesa de trabalho, estava uma carta dirigida aos netos, que estavam cursando Medicina, em que se destacava uma frase de grande valor simbólico da qual o Dr. Maurício Seligman fez uma constante prática: “Se não pudermos ser um bom médico, sejamos um médico bom”.



Moysés Alves de Menezes

Moysés Alves de Menezes nasceu em Porto Alegre, aos três de abril de mil oitocentos e setenta e oito, filho de Manuel e Camila Alves de Menezes, ele imigrante português.

Formado em Farmácia e em Medicina, no Rio de Janeiro, em 1903, retornou, logo após, ao Rio Grande do Sul. Iniciou sua vida profissional na cidade de Estrela, interior do Estado, onde permaneceu por curto período, já que em 1906 foi nomeado Preparador da cadeira de Anatomia Descritiva da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e, no ano seguinte, passou à Assistente da 1ª cadeira de Clínica Cirúrgica. Em 1908, por concurso, foi nomeado Professor Substituto da 1ª Seção de Anatomia Descritiva e, no mesmo ano, Professor Interino da cadeira de Clínica Obstétrica e Ginecológica. Em 1912, foi nomeado Professor Catedrático de Anatomia Descritiva, 1ª parte. Na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, foi diretor do Instituto Anatômico Sarmiento Leite, foi membro do Conselho Técnico Administrativo e participou de comissões diversas. Aposentou-se na Faculdade em dezembro de 1942. Na atividade profissional, fora da Faculdade, dedicou-se à cirurgia, ginecologia e obstetrícia. Na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, teve intensa atividade. Nessa instituição hospitalar, foi diretor interino e diretor efetivo de várias seções e enfermarias e diretor dos serviços sanitários, o equivalente ao de diretor clínico ou diretor-geral, cargo que era ocupado sem remuneração. Na Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (ISCOMPA), com Mário Totta, propugnou pela criação da maternidade.

Em 1921, influenciado pelos trabalhos do casal Curie na França, voltou-se para a oncologia. Estabeleceu por correspondência relacionamento com Madame Curie e, em 1925, com o financiamento de um familiar de paciente, adquiriu novo equipamento para aplicação de rádio. Madame Curie pessoalmente forneceu o certificado com as características técnicas do equipamento.

Ao mesmo tempo, o Professor Menezes reivindicou e conseguiu que a ISCMPA criasse, no Hospital São Francisco, um serviço para atendimento de pacientes, tanto “particulares” como “indigentes”, destinado à oncologia, onde estes últimos receberiam aplicações e controle de seguimento, gratuitamente. Para isso, foi construída uma ala no hospital, cuja obra o Professor Menezes pessoalmente acompanhou. O serviço constituiu-se no primeiro congêneres da América do Sul, conforme recente pesquisa do Dr. Neiro Motta.

Por ocasião da 2ª Guerra Mundial, colaborou com o Professor Guerra Blessmann e outros em um curso de enfermagem da Cruz Vermelha. Puritano no português, cultor da língua, de caráter forte, era um grande argumentador. Uma síntese de sua vida profissional foi escrita por Archimedes Fortini no *Correio do Povo*.

O Professor Moysés de Menezes faleceu em 30 de dezembro de 1950, deixando a esposa Laura Guers, os filhos Helena, Wanda, Breno, Ruth e Ruben.

A Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, ao ser criada, prestou justa homenagem ao Professor Moysés Alves de Menezes, ao escolher o seu nome para Patrono de uma das cadeiras da entidade, a de número 52.



Octávio de Souza

Octávio de Souza nasceu em Porto Alegre em 25 de novembro de 1875. Estudou no Ginásio Nossa Sra. da Conceição, em São Leopoldo. Formado em Medicina em 1900, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendeu tese sobre “Infecção Puerperal”. Voltando à terra natal, trabalhou como Médico do Corpo Militar do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, em 1901. Lecionou Clínica Propedêutica Médica na Faculdade de Medicina de Porto Alegre desde 1903 e Clínica Médica desde 1907, chegando a diretor da Faculdade em 1914. Parainfou a turma de 1909 e foi homenageado pela de 1922.

Além de grande professor, Octávio de Souza foi clínico por intuição, tato e bondade, numa época em que a Medicina valorizava mais o contato com o doente do que tecnicismos. Ensinava de maneira clara e direta, sem estrelismo, às vezes com ironia, mas não voltava as costas para os progressos da Medicina, procurando selecionar criticamente os avanços.

Membro da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, foi seu presidente em 1918, 1931 e 1932, nesse ano sendo eleito Sócio Honorário. Fundador e membro da comissão executiva do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul, presidiu-o em 1933. Prestando-lhe merecida homenagem, a Santa Casa de Porto Alegre deu seu nome à Nona Enfermaria, da qual era diretor.

De 1915 a 1932 publicou 17 trabalhos sobre clínica médica e ensino da Medicina em publicações locais e nacionais, significativa produção em qualidade e quantidade, numa época em que a cultura médica era quase toda baseada em experiências individuais, livresca

e importada. Dedicado à Medicina, pouco tempo lhe sobrava para atuações políticas. Porém, teve reservas para atender um chamado do prefeito de Porto Alegre, Octávio Rocha, e participar como vice-presidente de comissão orientadora dos melhoramentos de Porto Alegre, nela trabalhando ativamente.

Aos 58 anos de idade faleceu a bordo do transatlântico Capitão Astúrias, em águas brasileiras.



Olympio Olinto de Oliveira

Olympio Olinto de Oliveira foi uma das mais notáveis figuras do cenário médico e cultural rio-grandense e brasileiro, no final do século XIX e na primeira metade do século XX.

Nasceu em Porto Alegre a 5 de janeiro de 1866. Era o mais velho de oito irmãos. Seu pai foi, por muitos anos, funcionário da Secretaria da Santa Casa de Misericórdia. Formou-se médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1887, com tese de doutoramento sobre “As Paralisias na Infância”. No curso acadêmico foi discípulo dileto do Professor Moncorvo (pai), considerado o verdadeiro iniciador dos estudos de Pediatria no Brasil. Formado médico, Olinto de Oliveira, retorna ao sul, onde inicia sua extraordinária carreira profissional, dedicada fundamentalmente à Pediatria.

Logo após chegar, cria uma instituição de assistência médica infantil, por muitos considerada a primeira creche do Brasil.

Em 1889, casa-se com Maria Emília Pereira, da qual teve sete filhos: Ester, Carlos, Silvio, Jorge, Paulo, Mário e Décio.

A 13 de setembro de 1892, junto com as mais importantes lideranças médicas da época, comandadas por Rodrigo Azambuja Villanova, funda a Sociedade de Medicina de Porto Alegre, da qual foi o primeiro Secretário e, poucos anos após, seu Presidente. Esta Sociedade foi a primeira congregação formal das forças médicas do Rio Grande em defesa da medicina acadêmica e em contraposição ao regime de liberdade profissional que, por inspiração positivista, adotada pelo governo do Rio Grande, imperava no Estado. Tudo indica que a Sociedade de Medicina funcionou como um núcleo condutor

à fundação, seis anos mais tarde, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Criada a Faculdade de Medicina, em 25 de julho de 1898, procedeu-se à constituição de seu primeiro quadro de professores. Olinto de Oliveira, eminente pediatra e médico de sólida formação cultural e acadêmica, foi nomeado lente da escola em 28 de fevereiro de 1899. As aulas da primeira turma médica iniciaram-se no mês seguinte. Olinto foi convidado para ocupar duas cadeiras: a de Anatomia e Fisiologia Patológicas, a ser ministrada no 2º ano do curso, e a de Clínica Pediátrica, a ser ministrada no 5º ano.

A atuação de Olinto de Oliveira foi tão destacada e tão marcante que esta primeira turma o escolheu para Parainfo. Sabendo-se as características especiais de uma primeira turma de qualquer faculdade, pelos múltiplos desafios materiais e sentimentais que a experiência encerra, pode-se valorizar apropriadamente o que significa ser escolhido por ela como seu Professor Parainfo.

Olinto teve importante presença no amplo debate político-filosófico que cercou o período inicial da vida da Faculdade, em relação à doutrina positivista e às duras consequências que a sua pregação de exercício profissional livre trouxe para a Faculdade, a qual, obviamente, só podia acatar o exercício profissional da Medicina por portadores de diploma acadêmico. Os debates de Olinto, em público e pela imprensa, marcaram época.

Seu interesse pela escola ultrapassou todos os limites e incluiu atividades de administrador e de construtor. Assim, foi o criador do Dispensário de Crianças, um dos primeiros núcleos de exercício específico da Pediatria no território da Santa Casa de Misericórdia e que serviu de palco a muitas de suas aulas de Clínica Pediátrica. De 1910 a 1911, ocupou a Direção da Faculdade, tendo como seu Vice-Diretor Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca. Na sua gestão, criou o Instituto Pasteur, para tratamento preventivo da raiva, em prédio alugado à praça Dom Feliciano, e cuja direção entregou a Raymundo Gonçalves Vianna. Ainda nessa gestão, liderou a luta pela criação do Instituto Oswaldo Cruz, finalmente instalado em

1911, à Rua Gen. Vitorino, nº 2, em prédio igualmente alugado, tal como alugado, também era o prédio da própria Faculdade, na mesma rua. Nesse Instituto, do qual foi o primeiro Diretor, foi iniciada a realização da reação de Wassermann, pelo processo original, em Porto Alegre. O Instituto foi também um centro de pesquisas médicas, nele tendo funcionado laboratórios pertencentes às cadeiras de Química Fisiológica, Patologia Geral e Anatomia e Fisiologia Patológicas.

Em 1914, Olinto foi mais uma vez eleito Paraninfo pelos formandos do ano. De acordo com o permitido pela legislação da época, em 1917, havendo vagado a 1ª Cadeira de Clínica Médica, por morte de seu titular, o Professor Olinto e mais dois professores do Corpo Docente da Faculdade pleitearam transferência para aquela vaga. Não obstante ser o Professor Olinto um dos mais qualificados, sua pretensão não foi vitoriosa. Desgostoso, demitiu-se da Faculdade e, pouco depois, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde viveu o resto de sua longa vida. Ao encerrar sua carreira na Faculdade, Olinto de Oliveira foi alvo de grandes homenagens. A Congregação, percebendo como inúteis seus esforços para dissuadi-lo de seu pedido de demissão, concedeu-lhe por unanimidade o título de Professor Honorário. E os alunos prestaram-lhe uma carinhosa e comovedora homenagem em cerimônia realizada na própria Faculdade, com a presença do Diretor, convidado pelos alunos.

Além de grande médico, Olympio Olinto de Oliveria era um virtuoso cultor das letras, e emérito musicista e crítico de arte. A 1º de dezembro de 1901, fundou a Academia Rio-Grandense de Letras, da qual foi o primeiro presidente e ocupou a cadeira nº 1. A 22 de abril de 1906, fundou e foi o primeiro Presidente do Instituto Livre de Belas Artes, hoje Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No Rio de Janeiro, Olinto veio a cumprir outra exitosa etapa profissional médica de sua vida. Entre outros destaques, obteve a criação e dirigiu, até sua aposentadoria, o Departamento Nacional da Criança. E, em 1939, instituiu a Semana da Criança, movimento

anual de propaganda e ensinamento, destinado a promover, em todo o Brasil, o interesse pela criança e os meios de protegê-la.

Em 1953, Gastão de Figueiredo referiu que “o Professor Olinto de Oliveira foi eminente brasileiro, que enobreceu a sua Pátria e engrandeceu a nacionalidade, oferecendo o melhor dos seus esforços em prol da infância brasileira”. Em 1956, Martinho da Rocha assinalou que “Olinto de Oliveira foi, indiscutivelmente, grande entre os maiores vultos da galeria pediátrica nacional”. No mesmo ano, Olinto teve seu nome inscrito no *Livro do Mérito*, destinado a receber o nome de pessoas que cooperaram de maneira meritória para o enriquecimento do patrimônio material ou espiritual da Nação e merecido o testemunho público do seu reconhecimento.

Olinto de Oliveira publicou inúmeros trabalhos científicos. Dirigiu os *Arquivos Brasileiros de Pediatria* e foi conselheiro do *Jornal de Pediatria*.

Uma história familiar estabeleceu um curioso vínculo entre Olinto de Oliveira e um outro vulto maior da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Sua filha mais velha enamorou-se de um estudante que completaria o curso médico em 1916. O estudante, filho de imigrantes italianos, como genro não agradava a Olinto, que proibiu o namoro, Com a transferência da família para o Rio de Janeiro, pouco tempo após, Ester lá veio a casar-se.

O estudante, e logo médico, permaneceu solteiro. Em 1925, disputou, com brilho, o título de Livre-Docente em Fisiologia. E, em poucos anos, afirmou-se como a maior expressão professoral da Faculdade e uma das maiores expressões políticas do Estado, nos meados do século: Raul Pilla. No final da vida de Olinto, viúva sua filha, Pilla, já com prata nos cabelos, veio com ela a casar-se, num epílogo romântico que enterneceu a todo o Brasil.



Paulo de Queiroz Telles Tibiriçá

Paulo de Queiroz Telles Tibiriçá nasceu em São Paulo, SP, onde cursou a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Em 1939, defendeu tese de Livre-Docência nessa universidade, versando sobre o estudo anatomo-patológico das vias aéreas superiores em moradores de rua dessa capital e descobrindo que a maioria apresentava lesões provavelmente devidas à exposição ambiental, seja a poluição ou doenças virais e muito indicadoras de que a etiologia das sinusites banais devia-se a essas etiologias e não a causa bacteriana, como então se pensava. Após alguns concursos à cátedra de Patologia, em que saiu vencedor em outras instituições, conquistou-a na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1944, causando admiração a seus pares pela organização que imprimiu, sua disponibilização de materiais didáticos de anatomia patológica e vindo a formar numerosos assistentes até sua aposentadoria, em 1963.

Além de eminente professor e pesquisador, Tibiriçá foi um ser humano exemplar, em companhia de sua esposa, Celina, também paulista, fundadora e primeira diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para com ela aqui criar seus filhos. Era também conhecido pela sua notável qualidade de destrinçador de problemas, então procurado ora no âmbito da faculdade, ora nos famosos cafés de outrora da nossa cidade, onde se reuniam os colegas e amigos no Café Colombo, na esquina da Ladeira, no Nacional ou em seu fronteiroço, o Liberal, na Rua da Praia.

Como líder, foi presidente da Sociedade de Medicina do RS, associando seus esforços aos de Bruno Marsiaj, presidente da Sociedade de Cirurgia do RS, unificando ambas na Associação Médica do Rio Grande do Sul, AMRIGS, e sendo seu primeiro presidente, em 1955. Na ata da fundação, escrita pelo então 1º Secretário, o saudoso Dr. Franklin Veríssimo, consta que a reunião foi realizada na sede do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul, já consolidado sob o signo liberal da atuação médica e que vinha ameaçado por excessiva intromissão governamental no sindicalismo a fins políticos. Entretanto, defendia os preceitos da medicina social com abrangência a toda população, como antevisto por Erico Verissimo em sua temática visionária do romance *Olhai os Lírios do Campo*, obra de grande repercussão a ver-se traduzida em diversas línguas.

Com a particularidade de saber tirar lições dos acontecimentos do cotidiano, Tibiriçá, em seu discurso de posse na Associação Médica, citou o poema em que Charles Chaplin, genial intérprete e diretor do filme *O Grande Ditador*, colocou com muita ironia na fala da personagem: “Olhai para o cimo, no alto as nuvens se desvanecerão, o sol abrirá caminho e sairemos das trevas para a luz”.



Paulo Luis Vianna Guedes

Nasceu em Porto Alegre, em 14 de novembro de 1916, e morreu, aos 52 anos, em 24 de fevereiro de 1969, durante o veraneio, em Torres, de um segundo infarto do miocárdio, três meses após o primeiro.

Estudou no Ginásio Anchieta, onde os jesuítas preparam os filhos da elite porto-alegrense para a universidade. A formação médica foi feita na única faculdade da época, de 1934 a 39.

Filho do Catedrático de Psiquiatria da única faculdade de medicina do Estado, Paulo já nasceu no ambiente que deu a principal característica e importância de sua vida. Falar um pouco do Hospital São Pedro ajuda a entender tanto a Paulo como a psiquiatria sul-brasileira. Paulo o conheceu sob todos os ângulos, como filho do Diretor, como aluno de medicina em aulas que eram ministradas lá, como médico estagiário, como Professor de Psiquiatria e como fundador, com David Zimmermann e vários outros professores, da Unidade Melanie Klein, uma grande contribuição para a modernização do hospital.

Fundado em 1879 como “Asilo de Alienados” da Santa Casa, com 25 pacientes, o Hospital São Pedro foi inaugurado solenemente, com prédio próprio, em 1884.

A Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Neurocirurgia do Rio Grande do Sul (fundada em 1938) passou muitos anos inativa até ser revivida, com a fundação da Associação Médica do Rio Grande do Sul, tendo Paulo como seu primeiro presidente psiquiatra, de outubro de 52 a outubro de 53. Por contrato, passou a exercer as funções de Departamento de Psiquiatria da AMRIGS em 1952 e se tornou

Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul em 1970. Como em todo o Brasil, a psiquiatria gaúcha era organicista, incipiente e inseparável da clínica médica até a terceira ou quarta década deste século. Foi um Professor de Ginecologia, Martim Gomes, entre 1920 e 30, quem deu as primeiras aulas de psicanálise e introduziu as ideias de Freud no curso de Medicina. Pouco depois, Dyonélio Machado, em 1930, traduz *Elementos de Psicanálise*. Celestino Prunes, em 1934, inclui no ensino de Medicina Legal, na parte relativa à Deontologia Médica, os fundamentos da teoria do inconsciente. Décio Soares de Souza passa a ensinar Psiquiatria em 1944. Paulo Guedes o sucede em 1951.

Foi seu prestígio social e universitário que permitiu o início e, sobretudo, a continuação regular de aulas de psicologia médica desde o início do curso de Medicina.

O Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, fundado em 1957, teve em Paulo Guedes não só um dos fundadores, como a pessoa que conferiu prestígio universitário ao treinamento psicanalítico, até o reconhecimento por Buenos Aires, em 1959, e pelo Rio, em 1961. O início do Curso de Psicologia Médica para os alunos das primeiras séries médicas se deu em 1953.

Paulo Guedes contribuiu muito, com seu prestígio social e universitário, para que essas pessoas fossem convidadas para conferências na Faculdade de Medicina. Seu aval se mostrou ainda mais importante em situações em que afirmações dos mesmos sofriam críticas severas de tradicionais professores.

A Clínica Pinel, fundada por Marcelo Blaya Perez em 28-3-60, foi pioneira em muitos pontos, inclusive nas técnicas de Ambientoterapia, na formação de psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e enfermeiros sob o regime de residência e na publicação dos *Arquivos da Clínica Pinel*, com grande difusão e prestígio nacionais.

Em 1940, Paulo foi nomeado Assistente de Ensino da Cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina. Em 1942, defendeu tese de Doutorado, com trabalho intitulado: “Meteorologia e Crises Epiléticas”. Em 1944, fez brilhante concurso para Livre-Do-

cência com a tese “Contribuição ao Estudo das Psicoses de Situação”. Em 1950, Paulo Guedes, como Docente-Livre, assumiu a Cátedra e a exerceu interinamente até a morte.

Em 1947, Mário Martins, formado em 3 anos pela Associação Psicoanalítica Argentina, iniciou a prática em Porto Alegre.

O primeiro Curso, constituído de Psicologia Psicoanalítica, Propedêutica e Clínica Psiquiátrica, durou um ano, com oito horas semanais de ensino prático e teórico, perfazendo 320 horas de seminários. Visava a integrar a psiquiatria descritiva com a dinâmica, criando uma nova consciência no aluno. A pedido dos que concluíram, o curso continuou por mais dois anos, transformado em curso de Especialização. Paulo participou desde 1958, quer dizer, na primeira turma, no prolongamento.

Diplomou-se no Curso de Música, da Escola de Artes, em 1934. Já em 36 ingressou no magistério superior, como Assistente de Ensino da Disciplina “Conjunto de Câmara”, tendo pouco depois assumido a Cátedra, que dirigiu por trinta anos. Exerceu também a Cadeira de História da Música na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Não se limitou, entretanto, ao ensino: tocava vários instrumentos, especialmente o violino, e o fazia com maestria suficiente para integrar, durante dez anos, o Quarteto Oficial da Escola. Mais do que tocar, Paulo compunha e o fazia a ponto de ter como coautores (das letras), nada menos do que Carlos Drummond de Andrade e Ovídio Chaves, entre outros. Seu *Noturno* para piano fez parte do Álbum Musical Comemorativo do Bicentenário de Porto Alegre. A *Suíte Infantil* (crianças brincando, acalanto e corrupção) foi publicada nas Edições da Associação Rio-Grandense de Música.

Citamos, também, para ilustrar seu estilo: *Quatro Esboços Brasileiros* (Chorinho, toada, cantiga e dança); *Suíte para Orquestra*; *Três Peças de Caráter Popular para Flauta, Violão e Orquestra de Cordas*; *Brinquedo de Roda*; *A Moda da Moça Muda*; *Modinha*; *Menina dos Oio Grande*. Quarta vertente: família e sociedade

Casado com Zuleika Rosa Guedes, filha de intelectual e Professora Catedrática de Piano na UFRGS, Paulo tinha em casa a companheira ideal. O casal de filhos não negou a origem, pois gostam de música, e têm ótimas relações sociais e familiares; Paulo Sérgio é psiquiatra e Berenice casada com médico, Prof. João Müsnich.

Como presidente da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Neurocirurgia do Rio Grande do Sul, Paulo inaugurou e manteve a tradição de promover jantares mensais, geralmente no Restaurante Renner, o melhor da época, onde havia grande confraternização entre psiquiatras, neurologistas e neurocirurgiões.



Protásio Alves

Nascido em 21 de março de 1859, na cidade do Rio Pardo, onde cursou suas primeiras letras, seguiu o curso secundário na capital, na escola do professor Fernando Gomes, tendo como colega Júlio de

Castilhos, no partido de quem, mais tarde, em nosso Estado, teve importante participação política.

Matriculou-se na Faculdade do Rio de Janeiro, onde se doutorou em 1881. Era o mais moço da turma e teve sua tese aprovada com louvor.

Regressou para exercer a profissão, mas como ele mesmo declarou: “Minha vocação era a medicina; a política, entretanto, me arrastou”.

Em verdade, reunia ele todas as qualidades, todos os requisitos para ser um médico, no exercício permanente, diuturno, da clínica: inteligência, cultura, propensão natural para o desempenho da profissão. E ainda aquela simpatia irradiante, aquela maciez no trato, aquela amabilidade de maneiras, aquela paciência e compreensão para envolver quantos dele se aproximavam, ministrando o conselho, que conforta, que alivia ou cura, a todos infundindo segurança, ânimo e tranquilidade.

Tal foi o merecimento logo reconhecido, que o governo de Santa Catarina convidou-o, recém abrida consultório médico em Porto Alegre, para superintender a comissão de saneamento da cidade de Desterro, hoje Florianópolis, na época sob o flagelo de cruel epidemia.

Viajou depois para Paris, Berlim e Viena, onde se especializou em ginecologia e obstetrícia e também em cirurgia geral.

De regresso, criou na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, uma Enfermaria de Partos, anexa à Enfermaria de Cirurgia de Mulheres, e que lhe ostenta o nome, num justo preito de reconhecimento. Doou para a instituição a primeira mesa de cirurgia, e realizou em nosso Estado a primeira intervenção cesariana com êxito.

Proclamada a República, aceitou o cargo de Delegado de Polícia da capital gaúcha; depois da Diretoria da Instrução Pública, no período de organização; mais tarde a Diretoria de Higiene. E, por 20 anos, a Secretaria do Interior, como um dos colaboradores mais fiéis, mais capazes, mais eficientes, mais dignos da fecunda e benemerita administração temporária de Salvador Pinheiro Machado.

Foi também deputado à Constituinte de 1891. E entre os membros da primeira legislatura foi eleito como o primeiro presidente republicano da Assembleia, então denominada Assembleia de Representantes, funções a que imprimiu, dizem os contemporâneos, o relevo marcante de sua ponderação, do seu equilíbrio, do seu apuro moral e cívico, de sua inteligência, de sua cultura, do seu prestígio social e político. Presidiu-a de 1893 a 1896, anos de tumulto revolucionário e de consolidação da República no Brasil.

Em 1897, iniciava com Deoclécio Pereira, Sebastião Leão, Carlos Frederico Nabuco e Serapião Mariante o Curso Livre de Partos, do qual foi diretor e que se uniu posteriormente à Escola Livre de Farmácia e Química Industrial, fundada em 17 de fevereiro de 1895, por Alfredo Leal, Arlindo Caminha, Cristiano Fischer, Francisco de Carvalho Freitas, João Daudt Filho, dando origem, assim, em 25 de julho de 1898, à Faculdade de Medicina de Porto Alegre, da qual foi seu primeiro diretor.

Em 1918, foi escolhido pelo Dr. Borges de Medeiros como Vice-Presidente do Estado, cargo que ocupou durante dois períodos governamentais, tendo desempenhado, eventualmente, a Presidência, e Secretarias de Estado. Inúmeras são as iniciativas que aí estão a lhe proclamar a benemerência, nos vários setores administrativos que supervisionava ou dirigia, valendo assinalar o Arquivo Público, a

Estatística, a Biblioteca Pública, o Hospital São Pedro, o Museu e o Teatro São Pedro.

Onde, entretanto, ele sobressaiu, foi na atenção dispensada à higiene e à instrução pública. A respeito, escreve o Professor Julio Lebrum, elogiando Protásio Alves: “Na administração da instrução pública é que se revelou o seu patriotismo, pugnando pela nacionalização do ensino nos municípios coloniais habitados por descendentes que ainda não se haviam familiarizado com o idioma pátrio. Era inflexível na falta de cumprimento do dever dos professores estaduais e inspetores daquelas zonas.”

Após seu falecimento, em 5 de julho de 1933, em Porto Alegre, por entre generalizadas manifestações de pesar, associando-se às homenagens tributadas, o governo, entidades científicas, órgãos de classe e o povo, deram o nome de Protásio Alves a uma das mais importantes vias públicas e a um Colégio Público de Porto Alegre.



Raul Moreira da Silva

O Prof. Raul Moreira da Silva nasceu em Porto Alegre em 21 de maio de 1891 e faleceu em Porto Alegre em 22 de setembro de 1969.

Depois de terminar o Curso de Ciências e Letras, onde se formou em 1910, no Colégio Anchieta, ingressou, em 1911, na Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, quando o Diretor era o Prof. Olympio Olinto de Oliveira.

Em 1916, ao se formar médico, recebeu o diploma das mãos do Diretor Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, patrono da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No rol das alternâncias nos postos e nos saberes de cada época, o Prof. Raul Moreira da Silva seguiu os passos dos seus mestres Olympio Olinto de Oliveira e Gonçalves Carneiro, tornando-se um dos baluartes do ensino de Pediatria do nosso Estado em seu tempo.

Em 3 de abril de 1918 submeteu-se a concurso para Professor Substituto das Cadeiras de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil e Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopedia. Defendeu na ocasião duas teses correspondentes às duas cadeiras: “Síndrome Céfalo-Plégica de Fernandes Figueira” e “Meningo-Encefalocelos Congênitos”, ambas aprovadas com distinção. Começa, então, sua atividade docente, no lugar do seu ilustre antecessor, Professor Gonçalves Carneiro, que fora o substituto do professor Olinto de Oliveira, quando este se transferira para o Rio de Janeiro.

Em 28 de fevereiro de 1930, o professor Raul Moreira da Silva foi promovido a catedrático, seguindo, logo após, para a Europa, onde foi representar o Brasil e a Faculdade de Medicina Livre de

Medicina no II Congresso Internacional de Pediatria, em Estocolmo. Nesse conclave, o professor Raul Moreira apresentou três teses que os Anais do Congresso transcreveram em francês, como era o costume na época. Como disse o escritor e crítico literário Sílvio Romero, no início do século passado, por meio da escrita deixada pelo homem, podemos identificar costumes, tipos de alimentação, vestimentas, tendências políticas, religiosas e sociais. Então, ao analisarmos os três projetos defendidos pelo Prof. Raul Moreira da Silva no referido congresso, percebemos dois acontecimentos inexistentes na atualidade. O primeiro se relaciona à presença da língua oficial de comunicação científica naqueles anos: o francês. O segundo nos revela que, naquele tempo, os nossos professores da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre buscavam seu aperfeiçoamento em cidades europeias. De modo particular, em Paris, Viena e Berlim.

Em sua eclética atividade acadêmica, além do ensino, da assistência e da pesquisa em Pediatria, o Professor Raul Moreira da Silva, ao ser solicitado, prestou contribuição como professor interino de Clínica Neurológica, mostrando a versatilidade de sua inteligência e seguindo os passos dos líderes que o antecederam. Assumiu a direção da Faculdade de Medicina em 1941, nomeado pelo Presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, cargo que exerceu com dedicação e esmero até 1944.

Como médico pediatra foi modelo de excelência e dedicação para gerações de estudantes de Medicina, pelos ensinamentos que lhes transmitiu, na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Pelo excelente trabalho desenvolvido por ele na faculdade, na Santa Casa e na comunidade, o Professor Raul Moreira da Silva foi um homem comprometido com o mundo em que viveu.

Raul Moreira da Silva faleceu em 22 de setembro de 1969. Foi homenageado pela Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul, sendo indicado como patrono da Cadeira 7 da Academia Brasileira de Pediatria.



Raul Pilla

Raul Pilla nasceu em Porto Alegre no dia 20 de janeiro de 1892, primeiro filho de Francesco Giuseppe Pilla, italiano natural de Treviso, e de Jovita Zenari Pilla.

Iniciou seus estudos com uma professora particular, em uma escola perto de sua casa, à Av. Independência. Logo após, foi estudar no Ginásio do Rio Grande, hoje Colégio Júlio de Castilhos. Ainda como estudante, com dezessete anos, iniciou a fazer política, sendo, na ocasião, secretário do Partido Federalista – Partido Maragato. Já naquela época, adolescente e estudante, iniciava seus artigos sobre política para o jornal *Correio do Povo*. É nesse período de estudante de ginásio que, influenciado por seu professor de História, Apeles Porto Alegre, passa a se interessar pelo parlamentarismo.

Além da influência do professor do curso secundário Apeles Porto Alegre, Pilla também sentiu o peso do grande prestígio, à época, do Conselheiro Gaspar da Silveira Martins, que, segundo ele, era um homem que jamais transigiu com seus princípios, tendo recusado a tudo e vindo a morrer no exílio. Para Pilla, Gaspar da Silveira Martins era um exemplo de grande dignidade e firmeza e mais: um homem de extrema fidelidade à causa parlamentarista.

Diplomou-se médico pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre no ano de 1916, então com 24 anos. Na ocasião, para o doutoramento, defendeu a tese “O Som no Tratamento da Surdez”, aprovada com distinção. Dedicou-se ao estudo da Fisiologia e publicou diversos trabalhos, sendo os mais conhecidos “Da Correlação das Funções”, “Função da Linguagem e Concepção Fisiológica da Medicina”. No ano de 1917, desempenhou as funções de ajudante preparador da

Patologia Geral, no entanto, através de concurso, obteve o cargo de preparador da cadeira de Fisiologia e, logo após, o cargo de Professor Interino. No ano de 1924, fez concurso para Professor Livre-Docente e, no ano de 1926, após memoráveis provas, conquistou a cátedra da Fisiologia, alcançando o título do qual mais sentia orgulho, o de Mestre. Aliás, ele, certa vez, ao responder a discurso de Brito Velho, disse: “Ensinar era realmente a minha vocação. Ensinava e ensinando aprendia, para voltar a ensinar...”. Mais adiante, na mesma ocasião, falou ainda: “É que eu, em toda a minha vida, tenho sido uma coisa só: professor. Mais professor, disse eu certa vez. Professor na cátedra, professor no jornalismo, professor na vida pública. Educar foi sempre o meu pensamento dominante. Não que eu me julgasse melhor do que os outros. Entendia, porém, que tudo que soubesse ou pudesse, deveria pôr à disposição dos outros, principalmente dos mais jovens.

Naquela época, como faria em toda a sua vida, Pilla esteve dividido entre o magistério e a política e, em certa ocasião, falou “que haverá de mais adequado a um professor que o exercício da atividade política?” Repartindo a sua vida entre essas atividades, sempre o fez com extrema dedicação, como revelava seu irmão Ernani em entrevista gravada no ano de 1979: “Sempre no gabinete estudando... Ou se preparando para algum concurso... e para as aulas... ou fazendo experiências no Laboratório de Fisiologia.”

No ano de 1923 a oposição gaúcha se levantou contra o resultado da eleição de Borges de Medeiros para o quinto mandato consecutivo no Governo do Estado. Entre os dissidentes, estava o Pilla organizando a coligação entre o Partido Federalista e a dissidência do Partido Republicano, sob o nome de Aliança Libertadora, que mais tarde, em 1928, iria se transformar no Partido Libertador. Em 1930, outubro, participou da Frente Única que levou Getúlio Vargas ao poder, porém, no ano de 1932, Pilla esteve ao lado da Revolução Constitucionalista de São Paulo, posição que o levou ao exílio na Argentina. De volta ao Rio Grande, no ano de 1934, foi convidado para paraninfo da turma de formandos da Faculdade de Medicina e, no discurso na solenidade de formatura dizia “O sacerdote e o médi-

co surgiram ao mesmo tempo na sociedade primitiva. Mais do que isso: confundiram-se na mesma pessoa. Foi somente depois de transcorridos milênios que a cura da alma se diferenciou da cura do corpo e os caminhos do céu se separaram dos caminhos da terra. Voltaria a ser paraninfo no ano de 1944.

Já no ano 1935, é convidado e aceita o cargo de Secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, no qual esteve por não mais de sete meses e renunciou. Volta à Assembleia Legislativa e reassume sua cadeira de Deputado Estadual e líder da bancada do Partido Libertador. Em 1937, após uma crise na Assembleia Legislativa, Pilla é conduzido à presidência.

Um mês após a posse na presidência da Assembleia, instaurou-se no país a ditadura getuliana através do Estado Novo, que dissolveu o Poder Legislativo. Durante oito anos, a atividade política ficou reduzida a zero, e nesse tempo Pilla repartiu sua atividade entre a cátedra e o jornalismo, uma vez que continuou escrevendo o “Microscópio” para o *Correio do Povo*. Nesta última atividade, sobressaiu de forma marcante seu poder de síntese. Merece destaque o fato de que todo dia, com a desculpa de exercitar-se, ele próprio levava os exemplares ao jornal em mãos e a pé. Escrevia também para o *Diário de Notícias*, jornal que juntamente com Leonardo Truda havia ajudado a fundar lá pelo ano de 1925, e escreveu sempre para o *Estado do Rio Grande*, órgão oficial do Partido Libertador. Escrevia, ainda, para *O Globo* do Rio de Janeiro ou para revistas especializadas, como o *Panteão Médico Rio-Grandense*.

Durante os oito anos da ditadura getuliana, Pilla dedicou-se quase unicamente a suas atividades na Faculdade de Medicina, conservando-se, no entanto, um homem bem informado. No verão de 1945, na praia da Cidreira, onde o professor veraneava, quando de uma visita que ele fazia a Lydio Vieira da Motta, pai do acadêmico Ubirajara da Motta, também maragato, confidenciou a ele que a ditadura estava chegando ao fim, as oposições ao regime já tinham um candidato e que esse seria um militar. Naquele mesmo ano, seria deflagrada a campanha sucessória que culminaria com a eleição de

dois de dezembro e a redemocratização do país. Pilla, que nunca fez campanha política pessoal, foi eleito deputado federal pelo Partido Libertador, quando a esmagadora maioria foi eleita pelo partido da situação, o Partido Social Democrático, que também elegeu o General Eurico Gaspar Dutra presidente da República.

Como constituinte em 1946, Pilla apresentou o projeto do regime de gabinete e, em todas as legislaturas de que participou, ou seja, 1950, 54, 58 e 62, reapresentou a emenda parlamentarista e ficou conhecido no congresso pela sua obstinada luta contra o regime presidencialista. Ainda nesse mesmo ano, na Câmara Federal, em aparte, pôde dizer: “Democracia não é predominância da maioria. Não é ditadura da maioria. Democracia, pelo contrário, é sempre uma conciliação entre maioria e minoria.”

No ano de 1948, em uma sessão do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, reencontrou Esther Olinto de Oliveira, que fora sua namorada ainda em Porto Alegre no tempo de estudante. Ela, agora viúva, e ele solteiro, deste encontro resultou o casamento. A união perduraria até 1965, quando Esther faleceu.

Sua convicção democrática ficou muito evidente no episódio ocorrido em 1947, por ocasião da cassação do Partido Comunista do Brasil; Pilla, o grande inimigo de todas as ditaduras, votou contra a cassação.

No ano de 1962, no mês de janeiro, aos vinte dias, o Professor Raul Pilla completou setenta anos e, por imposição legal, teve de aposentar-se como catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Professor Raul Pilla havia iniciado sua atividade como professor em 1917 e, desde 1926, era o professor catedrático. Esteve afastado a partir de 1946, quando assumiu uma cadeira na Câmara Federal. Merece destaque o fato de que poderia ter-se aposentado por tempo de serviço, porém nunca admitiu essa hipótese, para não ter a adição da aposentadoria ao salário de deputado. Naquela ocasião, recebeu uma significativa homenagem, em que teve oportunidade de dar a última aula na cadeira de Fisiologia, constando da comissão organizadora da homenagem

quatro patronos de nossa Academia, a saber: Décio Martins Costa, Ivo Corrêa Meyer, Luiz F. Guerra Blessmann e Gabino Fonseca. A essa homenagem estiveram associados os mais diferentes setores da sociedade, destacando-se o presidente do Conselho de Ministros, Tancredo Neves, pois à época vivíamos o pequeno período de regime parlamentarista. Houve uma missa na Capela da Santa Casa, pela manhã. Na Faculdade, a aula foi presidida, no Instituto de Fisiologia, pelo Prof. Peri Riet Corrêa, que falou da homenagem ao grande mestre que iria dar sua última aula. Versou a aula sobre “Funções da Linguagem”, rememorando a tese defendida em 1917. Logo após, houve a inauguração de um retrato do Professor Pilla, obra de Aldo Malagoli. Na mesma ocasião, aconteceu uma solenidade no Salão Nobre da Faculdade de Medicina, quando se pôde ouvir a saudação de Carlos de Brito Velho, que destacou a palavra de Pascal “Não é a vitória que nos atrai, mas a luta em prol de uma ideia”. É nesse momento que o professor fala sobre sua aposentadoria compulsória e explica o fato de não ter se aposentado por tempo de serviço “Em verdade, eu o poderia ter feito. E por que não o fiz? Vou responder como um ato de confissão. Não o fiz porque me custava romper voluntariamente os liames com a Faculdade, onde estudara, onde tantos anos e tão ativamente professara, e aonde a qualquer momento eu poderia voltar, quer pelo termo natural de meu mandato, quer por uma dessas vicissitudes tão frequentes na vida política latino-americana. Mas, além deste, outro motivo há, que eu não sei se diga pessoal ou impessoal. Se eu me aposentasse aos trinta e cinco anos de função letiva, estando a exercer mandato parlamentar, colheria eu os proventos da aposentadoria juntamente com o subsídio de deputado. Seria perfeitamente legal e regular, tão regular e legal, como a situação do aposentado que se candidata e é eleito. Mas a mim repugnava provocar, pelo requerimento da aposentadoria, tão vantajosa posição. Dobrada era a minha responsabilidade: a de professor e a de político. O professor não deveria trair ao político, nem o político ao professor.”

À noite do mesmo dia, no Teatro São Pedro, era promovida uma significativa homenagem, com a presença de figuras exponenciais dos

meios políticos, intelectuais e administrativos do País, do Estado e da sociedade rio-grandense.

No mesmo ano de 1965, viria a falecer a esposa Esther, o que produziu forte abalo no Professor Pilla. No ano de 1966, Pilla decide encerrar sua carreira política, não voltando a concorrer à Câmara Federal.

Após esse período, Pilla recolheu-se ao seu apartamento na Av. Independência, no mesmo local onde seu pai teve um armazém. No dia sete de junho de 1973, havia de madrugada caído da cama e permanecido no chão frio. Só mais tarde foi socorrido e levado ao Hospital Fêmina, onde veio a falecer. A notícia de sua morte logo se espalhou pela cidade, e a família rejeitou os oferecimentos para que o velório fosse realizado no Palácio Piratini, Palácio Farroupilha ou na Faculdade de Medicina. O corpo de Pilla foi velado no cemitério São Miguel e Almas.

Difícil, realmente muito difícil, escrever sobre o Prof. Raul Pilla sem esquecer de destacar fatos ou depoimentos, que são inúmeros, os quais procuram retratar a dimensão moral, cívica e cultural desse patrono da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina.



Thomaz Larangeira Mariante

Thomaz Larangeira Mariante – (1891-1975) – Nasceu em Porto Alegre em 21 de junho de 1891. Filho de Maria Joaquina Larangeira Mariante e Serapião Mariante. Cabe aqui uma interrupção na história de Thomaz para lembrar quem foi Serapião. Segundo o Professor Elyseu Paglioli, em artigo escrito para o *Panteão* (1943): “Serapião foi um dos primeiros e também dos maiores mestres da cirurgia entre nós. Homem sereno e dotado de extraordinárias virtudes, exercia sua profissão e seu magistério com grande dedicação e profundo saber (*Panteão*, p. 62). Diplomado na Faculdade Nacional de Medicina (Rio de Janeiro) em 1885, estudou na Europa e aprofundou-se mais em cirurgia, ginecologia e obstetrícia. Em 1898, foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, seu professor, diretor e paraninfo de mais de uma turma de médicos.

Seu filho Thomaz frequentou os cursos primário e secundário no ginásio Anchieta (colégio dos Jesuítas em Porto Alegre), bacharelando-se em Ciências e Letras (1908) (*Panteão*, p. 530). Formou-se em Medicina pela Faculdade de Porto Alegre, defendendo a tese de doutoramento: “Partoanalgia” (1915) (*Panteão*, p. 530).

O livro que registrou os 100 anos da Faculdade de Medicina: *Fogos de Bengala nos Céus de Porto Alegre* relaciona os prêmios escolares conferidos pela Faculdade de Medicina e entre eles a “lâurea conferida ao aluno de maior número de aprovação com distinção em mais de 2/3 das disciplinas do curso e sem penas disciplinares” (*Fogos*

de Bengala, p. 187). No ano de 1915, essa distinção foi conferida ao aluno Thomaz Lorangeira Mariante.

Após a conclusão do curso de Medicina, aproximou-se de duas notáveis lideranças clínicas: Octávio de Souza (1875-1933) e Antonio Austregésilo. O primeiro, gaúcho de Porto Alegre, formado no fim do século XIX no Rio de Janeiro. Sobre ele diz Raul Pilla: “Clínico na verdadeira acepção da palavra, que ao saber aliava a intuição, o tacto e a bondade, foi Octávio de Souza também um grande professor (*Panteão*, p. 40). “O segundo, pernambucano de Recife, Antônio Austregésilo (1876-1960), trabalhava como professor clínico e neurologista. Sobre ele Carlos Lacaz cita as palavras do Prof. Almeida Prado: “O professor Austregésilo foi sempre o homem da ciência por amor à verdade, o erudito por insaciável curiosidade mental, o realizador por temperamento e o grande clínico por indeclinável vocação” (*Vultos da Medicina Brasileira*, p. 43).

Concluindo o que hoje poderíamos chamar de estágio ou “residência médica”, junto a estes notáveis nomes da Medicina brasileira, “retorna à Faculdade para cumprir etapas de um concurso para catedrático de clínica médica. Aprovado vai para a reunião da congregação de 30 de maio de 1919, na qual tomou posse de sua cátedra conquistada por concurso e ouvir as palavras do Diretor Sarmento Leite: “... sou um esperançoso eterno e convicto, e essa esperança se reafirma, essa convicção se revigora toda vez que um punhado de moços vem empenhar suas energias na cruzada santa do magistério” (*Panteão*, p. 35).

A sua vida de professor e de clínico teve como cenário, na maior parte dos dias, as enfermarias da Santa Casa de Porto Alegre. Ali, foi admitido pela Mesa Administrativa como Irmão em fins de 1918, e ocupou a direção de várias Enfermarias. Nessas enfermarias, testemunhou, com outros colegas, o uso pela primeira vez, em nosso meio, da penicilina (*Fogos de Bengala*, p. 118). No livro em que a Faculdade comemorou o centenário (1998), o nome do Dr. Thomaz aparece inúmeras vezes, algumas já citadas, outras ainda não. Entre as outras lembro: Na página dedicada às Famílias dos Professores, no

tópico referente à família Mariante, divide o espaço com o pai Sera-pião e com o filho Flavio Py Mariante. Seu nome consta como Professor Emérito da UFRGS no ano de 1973; como seu pai, também parainfou uma turma, a dos médicos formados em 1933.

Publicou muitos artigos científicos ao longo de sua vida de professor de Clínica Médica em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Seus escritos, no Rio Grande do Sul, estavam distribuídos em revistas médicas e anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e do Congresso Rio-Grandense de Oftalmologia. Proferiu conferências sobre assuntos relacionados à clínica médica, como “Vitaminas e Hormônios”, no 2º Congresso Pan-Americano de Endocrinologia, em Montevideu (1941) ou “A Noite do Cardíaco”, na Sociedade de Medicina, Porto Alegre, 1941. Mas também abordou temas atuais para a época durante a Segunda Guerra: “O Dever do Médico Ante a Situação do Mundo e do Brasil” – Aula inaugural – Porto Alegre, 1942, ou “O Papel do Médico na Organização da Defesa Civil”, na Sociedade de Medicina, 1942.

A clínica e o magistério não o impediram de trabalhar nas entidades médicas em favor de uma medicina mais qualificada. Ocupou a cadeira número 48, como Membro Titular e Fundador do Instituto Sul-Rio-Grandense de História da Medicina. Foi sócio da Sociedade de Medicina de Porto Alegre e articulista da publicação *Arquivos Rio-Grandenses de Medicina*. Presidente do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (1935-), quando presidiu o Congresso Médico Sindicalista Regional e apresentou o “Histórico da Atuação do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul”, mostrando a necessidade de combater o charlatanismo e o curandeirismo” (*Boletim do Sindicato Médico do RGS*, ano IV, Porto Alegre, maio-junho 1935).

O Professor Thomaz Mariante entrou para a história da Medicina gaúcha através de um escrito de Oly Lobato no livro *Fragments da História da Nefrologia Gaúcha*. O título do artigo “A Enfermaria 2 e a Primeira Clínica Médica: o início da nefrologia gaúcha” – O artigo narra a história de um grupo de médicos que no fim dos anos cinquenta e no início dos anos sessenta (1960) transforma em es-

pecialidade médica a Nefrologia. Descreve quem eram os médicos, como era a Enfermaria 2 nessa época e como era a Enfermaria nas décadas anteriores. Cita alguns médicos que trabalhavam nessa época: Antonio Azambuja, Carlos Britto Velho e Thomaz Mariante.

Sobre Mariante, ele conta:

“Em 1934, o Professor Thomaz Mariante já tinha escrito vários capítulos sobre doenças renais, no seu livro *Noções de Patologia e Clínica*, Editora Globo, 1936. Eram relatos sobre casos de nefrologia, numa época que não havia laboratório, radiologia ou ecografia adequados ao diagnóstico nefrológico. Os trabalhos do Dr. Thomaz, em nefrologia, eram baseados muito mais em sua intuição clínica”, seu vasto conhecimento de medicina, principalmente, orientado pela medicina francesa e nos modestos exames comuns de urina e dosagem de ureia no sangue (*Fragments da História da Nefrologia Gaúcha* – C. Vieira, I. Antonello – E. Barros. Porto Alegre: Next Comunicação Sustentável, 2013, p. 30). O Dr. Thomaz é patrono da Cadeira 60, cujo fundador foi Rubens Maciel.